

A Animação das Festas de Inverno do Concelho de Bragança

Os Caretos na escola, o reavivar das tradições

Bárbara Ludovina Fonseca Silva Lourenço Dias

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Bragança para obtenção do Grau de Mestre em Animação Artística

Orientado por
Professor Doutor Luís Manuel Leitão Canotilho

Bragança
2009

Aos meus alunos

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Professor Doutor Luís Manuel Leitão Canotilho, pela disponibilidade e apoio, pela liberdade para eu seguir o meu percurso e pelas palavras de incentivo que sempre me proferiu.

Aos Órgãos de Gestão da Escola Paulo Quintela de Bragança e ao Coordenador de Departamento, pela sua disponibilidade e apoios na aplicação do projecto na escola.

Aos colegas/pares pedagógicos, que comigo desenvolveram o Projecto Pedagógico e aos setenta alunos envolvidos, que contribuíram sempre com entusiasmo e empenho para a concretização dos seus objectivos e para que ele resultasse positivamente.

Ao meu colega António Pinelo Tiza, pela cooperação e disponibilidade para a realização da palestra temática na escola.

Ao pelouro da cultura da Câmara Municipal de Bragança, à Junta de Freguesia da Sé e à administração do Bragança *Shopping*, pelos apoios prestados, que foram um grande contributo para a concretização de actividades inerentes ao Projecto Pedagógico.

Ao meu marido e filhos, pelo apoio e optimismo que sempre me incutiram durante todo o trabalho e pelo tempo que me disponibilizaram.

À restante família e amigos, que directa ou indirectamente me auxiliaram e me foram encorajando durante a realização deste trabalho.

RESUMO

A constatação de que os nossos alunos conhecem pouco as tradições do seu Concelho foi o ponto de partida para esta dissertação. Alguns deles, oriundos de localidades com algumas tradições, conhecem apenas uma ínfima parte dessa realidade, e desconhecem mesmo o que acontece em localidades vizinhas. Numa era em que as tecnologias lhes absorvem, por inteiro, o tempo e os interesses, e as famílias vivem em azáfama constante à procura de melhores condições de vida, cabe à Escola trazer para o contexto educativo a sensibilização para o conhecimento e a preservação do património sociocultural da nossa região, cabendo ao professor um papel primordial e preponderante.

A intenção deste estudo foi reavivar aos alunos do 5.º ano do Ensino Básico, as tradições das festividades de Inverno do Concelho de Bragança, - que muito contribuíram para o desenhar da identidade do povo e para a construção da sua história -, através de um Projecto Pedagógico desenvolvido na escola, em contexto de sala de aula, no âmbito da disciplina de Educação Visual e Tecnológica (EVT). Assim, numa unidade de trabalho relacionada com o Carnaval, leccionada pela investigadora (docente de EVT das turmas participantes) em cooperação com os professores pares pedagógicos, desenvolveram-se um conjunto de actividades que englobaram o levantamento de informação sobre as características das Festas de Inverno em localidades do Concelho de Bragança com “Caretos” ou “Mascarados”, a execução dos trajes (fatos, máscaras e acessórios) que caracterizam as figuras principais dessas festas, uma palestra temática e a mostra/exposição dos trabalhos executados pelos alunos.

Pretendeu-se compreender como é que esta proposta de trabalho possibilitou aos alunos uma melhoria dos seus conhecimentos acerca dos costumes das gentes da sua região nesta temática, para que, pela via do conhecimento, eles contribuam, no futuro, para a preservação deste património.

ABSTRACT

The fact that our students know very little about the traditions of their municipality was the starting point for this dissertation. Some of them, from places which have some traditions, know only a fraction of that reality, and do not know what happens in other nearby locations. At a time that technologies absorb whole their time and interests, and their families are very busy in search of better living conditions, it concerns the school to bring to the educational context the sensitization for knowledge and the preservation of the sociological and cultural heritage of our region, having the teacher the primary and predominant role.

The purpose of this study was to renew to the students of the fifth year of basic education, the traditions of winter festivities in the municipality of Bragança - which deeply contributed to draw the identity of the people and for the construction of his history -, through a Pedagogical Project developed at school, in the context of the classroom, within the subject of Educação Visual e Tecnológica (EVT). Thus, in an unit of work related to the Carnival, taught by the researcher (EVT teacher of the participating classes) in cooperation with colleagues in pedagogical pair regimen, were developed a set of activities that include survey of information on the characteristics of the winter holidays in locations of the municipality of Bragança with “Caretos ” or “Mascarados”, the making of the costumes (suit of clothes, masks and clothing requisites) which characterize the main figures of these parties, a thematic lecture and the exhibition of the work done by the students.

It was our aim to understand how this proposal of work made possible to students an improvement of their knowledge about people’s traditions of their region on this subject, in order to, through knowledge, they can contribute, in the future, to preserve this heritage.

LISTA DE SIGLAS

EVT - Educação Visual e Tecnológica

CMB – Câmara Municipal de Bragança

CE – Conselho Executivo

CP – Conselho Pedagógico

DEVAT – Departamento de Educação Visual Artística e Tecnológica

MRP – Método de Resolução de Problemas

PP – Projecto Pedagógico

UT - Unidade de Trabalho

ÍNDICE

RESUMO	v
ABSTRACT	vi
LISTA DE SIGLAS	vii
INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I – AS FESTAS DE INVERNO DO CONCELHO DE BRAGANÇA.....	19
1. Ciclo de Festividades de Inverno no Concelho de Bragança	19
1.1. Festas dos Rapazes.....	22
1.2. Festas de Santo Estêvão	25
1.3. Festas dos Reis.....	29
1.4. Festas de Carnaval	32
2. A Animação Artística das Festas de Inverno do Concelho de Bragança.....	34
2.1. O sagrado e o profano nos ritos e tradições	34
2.2. Os caretos e a expressão dramática e plástica.....	38
2.3. O lúdico nas festas	44
2.4. Os mascarados e as suas funções	46
3. Património e Cultura Populares.....	49
3.1. Defesa e valorização do património sociocultural e artístico	50
3.2. O papel da escola na valorização do património de uma região.....	52
3.3. Construção de experiências de aprendizagem	53
3.4. Actividades a realizar para reavivar as tradições	54
CAPÍTULO II – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO	55

1. Características do Estudo	55
1.1. Problema	55
1.2. Objectivos/Pressupostos	56
2. Método de Investigação	56
2.1. Escolha do método de investigação	56
2.2. Método de investigação-acção	57
2.3. Características da investigação-acção	57
2.4. Fases da investigação-acção	58
3. Contexto da Pesquisa - O Projecto Pedagógico (PP)	59
3.1. Alunos participantes.....	60
3.2. Professores participantes.....	60
3.3. Entidades colaboradoras	61
3.4. Função da investigadora	62
4. Dados da Investigação.....	63
4.1. Recolha de dados	63
4.2. Análise dos dados	65
5. Procedimentos Éticos da Investigação	66
CAPÍTULO III – DESCRIÇÃO DA ACÇÃO / PROJECTO PEDAGÓGICO.....	67
1. Razões para a Aplicação do Projecto Pedagógico e Fases de Preparação da Acção / Projecto Pedagógico	67
2. Descrição da Execução do Projecto Pedagógico.....	68
2.1. Introdução da temática aos alunos – fase de motivação	69
2.2. Levantamento de informações – fase de pesquisa	72
2.3. Trabalho de projecto - fases do trabalho desenvolvido com as três turmas.....	74
2.4. A exposição dos trabalhos à comunidade escolar.....	79

2.5. A palestra à comunidade escolar.....	79
2.6. A exposição dos trabalhos à comunidade local	80
CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	82
1. Análise dos Dados	82
1.1. Fase de diagnóstico – antes da aplicação da acção/PP	83
1.2. Fase de intervenção – durante a aplicação da acção/PP	87
1.3. Fase de avaliação – após a aplicação da acção/PP.....	90
CONCLUSÃO	97
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	100
Outros Documentos	104
ANEXOS.....	105
Anexo 1 – Freguesias do Concelho de Bragança com Mascarados nas Festas de Inverno	106
Anexo 2 – Plantas das Salas de EVT e Disposição dos Alunos das Turmas	107
Anexo 3 – Excerto do Plano Anual de Actividades do Departamento de Educação Visual Artística e Tecnológica (DEVAT).....	110
Anexo 4 – Pedido de Autorização para Aplicação dos Questionários na Escola.....	111
Anexo 5 – Cartas de Carácter Oficial.....	112
Anexo 6 – Planificação do Projecto Pedagógico.....	116
Anexo 7 - Planificação da Unidade de Trabalho	118
Anexo 8 – Autorizações dos Encarregados de Educação para a Aplicação do PP.....	120
Anexo 9 – Questionários Aplicados aos Alunos Antes e Depois da Acção/PP	122
Anexo 10 – Filme Sobre as Festas de Inverno do Concelho de Bragança (Ver CD em anexo)	127
Anexo 11 – Ficha/ Grelha Informativa das Festas de Inverno do Concelho de Bragança .	127
Anexo 12 – Autorização para a Visita ao Museu Ibérico da Máscara e do Traje	129

Anexo 13 – Grelhas de Actividades Realizadas pelos Grupos de Trabalho das Três Turmas	130
Anexo 14 – Planificação do Trabalho de Projecto	133
Anexo 15 – Cartazes Informativos das Figuras (Exemplos)	136
Anexo 16 – Cartaz da Exposição.....	137
Anexo 17 – Fotografias dos Trabalhos Realizados pelos Alunos	138
Anexo 18 – Ficha de Auto-avaliação da UT	143
Anexo 19 – Ficha de Avaliação de Conhecimentos com Correção.....	144
Anexo 20 – Questionários para Avaliação das Actividades do PP	147

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Plano de recolha de dados	64
Tabela 2. Horário semanal das turmas envolvidas no PP	69
Tabela 3. Fases do Método de Resolução de Problemas associadas ao PP	70
Tabela 4. Festas de Inverno do Concelho de Bragança.....	73

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1. N° de alunos com respostas correctas às questões da parte I, do Questionário A... 85	
Gráfico 2. N° de alunos com respostas correctas às questões da parte I, dos Questionários A e B..... 91	
Gráfico 3. Percentagem de alunos com respostas correctas às questões da Ficha de Avaliação 93	

ÍNDICE DE GRELHAS

Grelha 1. Actividades realizadas pelos grupos de trabalho na turma1.....	130
Grelha 2. Actividades realizadas pelos grupos de trabalho na turma 2.....	131
Grelha 3. Actividades realizadas pelos grupos de trabalho na turma 3.....	132

INTRODUÇÃO

Na base desta pesquisa está a implementação de um Projecto Pedagógico que pretendeu reavivar, junto de alunos de uma Escola Básica da cidade de Bragança, as tradições ligadas às Festas de Inverno com mascarados do Concelho de Bragança.

As festas mais características no Nordeste Transmontano são as Festas dos Rapazes que se realizam no chamado *Ciclo dos Doze Dias* – tempo que vai do Advento à Epifania. No entanto, estas festividades cíclicas prolongam-se, em algumas localidades, até Quarta-feira de Cinzas. No Concelho de Bragança estão categorizadas em quatro grupos, de acordo com a seguinte sequência: Festas dos Rapazes, Festas de Santo Estêvão, Festas dos Reis e Festas de Carnaval. Nesta série festiva sobressaem acontecimentos mais ou menos comuns a todas elas: as rondas, cortejos ou alvoradas que se fazem pelas ruas das aldeias, chefiadas pelos mordomos, ao som da gaita-de-foles e que iniciam as festas; a missa, que é o acontecimento religioso mais importante da festa; a crítica social, também conhecida por “loas”, “comédias” ou “colóquios”, que é o momento de expurgação dos males sociais referentes ao ano que finda; as refeições comunitárias ou manjares cerimoniais preparados e partilhados pelos rapazes, que podem ou não ser abertos à comunidade; e, por último, os peditórios ou rondas de “Boas Festas” que se fazem de casa em casa e cujas ofertas revertem a favor do “Menino” ou das “Almas” e das despesas da festa. Os protagonistas destas festas são os rapazes solteiros que se metamorfoseiam em diabólicos “caretos” e animam o povo com as suas danças, saltos, gritos e chocalhadas.

Os fracos recursos económicos e o pouco ou nulo investimento em infra-estruturas e em equipamentos no interior do nosso país, levaram os jovens a abandonar as suas terras em troca de melhores condições de vida. Deu-se, assim, pouco a pouco, um esvaziamento e um envelhecimento acentuado da população do Concelho de Bragança que, aliado à baixa taxa de natalidade, começou a pôr em causa a sobrevivência de todo um património sociocultural milenar, do qual fazem parte as tradições das Festas de Inverno Transmontanas.

São, no entanto, notórios, o esforço e a dedicação das autarquias e de outras instituições culturais da cidade, na divulgação e na preservação das Festas de Inverno transmontanas. A

criação do Museu Ibérico da Máscara e do Traje e o Projecto «Mascararte/Bienal da Máscara» – projecto pedagógico e cultural que se realiza bianualmente na cidade de Bragança e promove manifestações culturais variadas (exposições, colóquios, cortejos de mascarados, feiras, teatros, espectáculos musicais, entre outros) e que conta, também, com a participação de algumas escolas da cidade –, são dois exemplos de acções que têm contribuído para a divulgação das máscaras e dos mascarados e das tradições a eles associadas, quer a nível local, nacional e internacional.

Depois de termos constatado que os alunos tinham poucos conhecimentos sobre as tradições que envolvem os Caretos e as Festas de Inverno do Concelho de Bragança, consciencializámo-nos de que cabe à escola o importante papel de sensibilizá-los para a defesa e preservação das tradições locais. Proporcionar-lhes, através das diferentes áreas curriculares, nomeadamente pela Expressão Artística, o prazer de conhecer o seu património artístico e cultural, poderia ser um meio de os motivar para a necessidade de preservar esse património e assegurar a sua continuidade no tempo.

Neste propósito, levantou-se o seguinte problema: “De que modo a disciplina de Educação Visual e Tecnológica (EVT) pode contribuir para reavivar as tradições das Festas de Inverno do Concelho de Bragança?”. Tendo como ponto de partida esta questão, foi planificada uma acção/Projecto Pedagógico, constituída por um conjunto de actividades a desenvolver com os alunos no âmbito desta disciplina.

Assim, definimos, para este estudo, os seguintes pressupostos:

- a) Compreender como poderão os alunos ser integrados num projecto que reavive as tradições ligadas aos Caretos e às Festas de Inverno do Concelho de Bragança;
- b) Compreender como cooperam e recebem as actividades propostas no projecto;
- c) Compreender se as actividades propostas no projecto vêm possibilitar-lhes a aquisição de conhecimentos sobre o tema;
- d) Compreender se a mostra dos trabalhos por eles realizados pode, também, constituir um veículo para reavivar as tradições ligadas aos Caretos e às Festas de Inverno do Concelho de Bragança junto da comunidade local e sensibilizar para a necessidade de preservar essas tradições.

Propusemos então, a implementação de um Projecto Pedagógico (PP) na Escola E. B. 2, 3 Paulo Quintela, em Bragança, no âmbito da disciplina de Educação Visual e Tecnológica

(EVT), integrado na Unidade de Trabalho (UT) de Carnaval, a três turmas de 5º ano, visando um conjunto de actividades que proporcionassem aos alunos a oportunidade de conhecerem melhor as tradições ligadas aos Caretos e às Festas de Inverno do Concelho de Bragança enquanto aprendiam, simultaneamente, conteúdos curriculares da disciplina. Intentaram-se assim, as seguintes actividades: visita ao Museu Ibérico da Máscara e do Traje da cidade de Bragança; levantamento/pesquisa das localidades do Concelho de Bragança com Festas de Inverno, das suas tradições, das suas personagens principais e dos seus trajes; realização dos trajes (fatos, máscaras e acessórios) das figuras principais de cada uma das festas e de cartazes informativos sobre as figuras e os acontecimentos das festas; desfile de trajes; palestra temática e, por último, a exposição dos trabalhos realizados pelos alunos à comunidade escolar e à comunidade local. Na realização destas actividades contou-se sempre com o apoio da escola e com o apoio de algumas instituições locais.

O estudo com os alunos das três turmas desenvolveu-se entre os dias 5 de Janeiro de 2009 e 19 de Fevereiro de 2009, ao longo de vinte e oito aulas por turma, na disciplina de EVT. As aulas, de quarenta e cinco minutos de duração cada, funcionaram em dois blocos de noventa minutos semanais para cada turma. Houve, no entanto, actividades do projecto que se prolongaram para além desta data: a exposição dos trabalhos na escola, que aconteceu entre os dias 18 e 26 de Fevereiro, e a exposição dos trabalhos à comunidade local, que esteve patente no Bragança *Shopping* durante todo o mês de Março.

Este trabalho encontra-se estruturado em quatro capítulos: dois de enquadramento teórico e dois que descrevem o trabalho prático (Projecto Pedagógico) desenvolvido. Expomos, de seguida, uma breve síntese de cada um dos capítulos:

- Na “**Introdução**” procura justificar-se a delimitação e pertinência do tema de trabalho apresentando-se o problema e os objectivos que determinam o estudo.

- No Capítulo I, “**As Festas de Inverno do Concelho de Bragança**”, é feita uma referência ao ciclo de festividades de Inverno Transmontanas e a contextualização e categorização das Festas de Inverno do Concelho de Bragança que ainda têm caretos. Dentro do contexto da animação artística das festas faz-se uma alusão à bipolarização do Sagrado e do Profano nos ritos e nas tradições; às linguagens dramática e plástica presentes nos rituais e nos elementos que caracterizam os protagonistas das festas; à vertente lúdica evidenciada em alguns desses rituais; e ainda, às funções dos mascarados nos rituais festivos. Por último,

apresenta-se um enquadramento teórico de “património e cultura populares” e um enfoque à necessidade da sua preservação – cabendo à escola um papel importante, uma vez que, por via de algumas áreas curriculares, por exemplo a Expressão Artística, pode proporcionar aos alunos experiências de aprendizagem que recriem as tradições locais para que estes as conheçam melhor e participem na sua preservação.

- No Capítulo II, “**Metodologia de Investigação**”, apresenta-se o problema e os objectivos deste estudo, justificam-se as opções metodológicas e faz-se uma contextualização da pesquisa.

- No Capítulo III, “**Descrição da Acção/Projecto Pedagógico**”, referem-se as razões para a aplicação da Acção/Projecto Pedagógico e descreve-se todo o processo de preparação e execução do trabalho desenvolvido com os alunos em contexto de sala de aula.

- No Capítulo IV, “**Apresentação e Análise dos Resultados**”, apresentam-se os resultados obtidos a partir dos dados recolhidos na fase de diagnóstico – antes da aplicação da acção/PP –, no decorrer do trabalho desenvolvido pela investigadora, professores colaboradores e alunos na fase de intervenção – durante a aplicação da acção/PP – e, ainda na fase de avaliação – após a aplicação da acção/PP –, fazendo-se a análise desses dados para tentar dar resposta aos objectivos inicialmente formulados.

- Na “**Conclusão**” lembram-se os principais resultados obtidos a partir da análise dos dados, identificam-se algumas limitações e deixa-se o repto para um futuro aprofundamento desta temática ou para a concretização de acções similares.

A dissertação termina com a apresentação da bibliografia referenciada nos vários capítulos, bem como de outros documentos consultados, e dos anexos considerados relevantes para o esclarecimento de alguns aspectos tratados.

CAPÍTULO I – AS FESTAS DE INVERNO DO CONCELHO DE BRAGANÇA

1. Ciclo de Festividades de Inverno no Concelho de Bragança

Bragança, capital do Distrito com o mesmo nome, é a mais setentrional e das mais antigas cidades de Portugal, tendo sido fundada no século II a.C. e baptizada pelos Celtas com o nome de *Brigantia*. Pertence à região denominada de Terra Fria e o seu clima é temperado, com Invernos frios e longos e Verões quentes e curtos.

No início do Inverno ocorrem, no Nordeste Transmontano, as chamadas Festas dos Rapazes, festividades cíclicas que para Dias (1981) correspondem a certos períodos do ano relacionados com os trabalhos de campo e para Oliveira (1984: 39) representam uma purificação geral e pública no fim do ano velho – o tempo da rejuvenescência e do recomeçar. Caillois (1950: 99) acrescenta, ainda, que “*todos os anos a vegetação se renova e a vida social, do mesmo modo que a natureza, inaugura um novo ciclo. Tudo o que existe deve então ser rejuvenescido*”. Segundo Tiza (2004: 15), para o homem agrário, estas festas constituem a festa da natureza, da fertilidade, da purificação e da religação dos vivos aos mortos, do profano ao sagrado, coincidindo com o fim do ciclo agrícola e, conseqüentemente, com a paragem destes trabalhos. A respeito da festa, Caillois (1950: 96) diz-nos, também, que esta rompe de um modo tão violento com as pequenas preocupações da existência quotidiana, que surge para o indivíduo como um outro mundo, onde ele se sente amparado e transformado por forças que o ultrapassam. Já para Eliade (1957: 97-103), o tempo das festas (na sua grande maioria, festas periódicas) são “*os intervalos de tempo sagrado*”. Em suma, estes momentos festivos inteiram comportamentos que durante outros tempos não se manifestam, pois, para o povo, a festa é tempo de descanso, é tempo de sair da rotina, é tempo de convívio e de alegria, em que todos desejam participar para se sentirem incluídos na comunidade.

As localidades do Concelho de Bragança que ainda mantêm mascarados nas suas Festas de Inverno (rituais que desapareceram em muitas localidades onde, até há três ou quatro décadas atrás, se celebravam estas festas) são: Varge, Aveleda, Parada de Infanções, Grijó de

Parada, Rebordãos, Rio de Onor, Baçal, Salsas e Rebordainhos. A desaparecer, por falta de voluntários, estão as figuras relacionadas com o Entrudo: a Morte, o Diabo e a Censura, que costumavam actuar, na Quarta-Feira de Cinzas, em Bragança, na zona antiga da cidade – cidadela e bairro dos Batoques.

O Ciclo festivo do Inverno no Nordeste Transmontano compreende o período que se inicia no solstício (21 de Dezembro) com incidência nos dias de Natal, de Santo Estêvão (26 de Dezembro), Ano Novo e Epifania, estendendo-se pelo Entrudo – aqui com a sua ligação à agricultura, à natureza e à fertilidade –, até Quarta-feira de Cinzas. “*Em cada Ano Novo reitera-se a cosmogonia, recria-se o Mundo, e fazendo-o «cria-se» também o Tempo, quer dizer, regenera-se o Tempo «começando-o» de novo*” (Eliade, 1957:117). No entanto, o chamado *Ciclo dos Doze Dias* – desde o Advento à Epifania – é para Tiza (2004: 12) a altura em que se realizam as festas mais características do Nordeste Transmontano, relacionando-se, segundo o Abade de Baçal¹, com a “*folgança das Saturnais*” agregada à das “*Juvenais - festa celebrada pela gente moça no dia 24 de Dezembro com lauto bródio e patuscada, além de que no dia 21 do mesmo mês também se sacrificava a Vénus, cujos cultos muito tiveram sempre de brincalhões*” (Alves, 1909/48: Tomo IX: 287). O conjunto das Festas dos Rapazes que, como nos diz Pereira (1973), “*comportam uma mordomia, mascarados, comensalidade ritual, loas, colóquios, testamentos, rondas, peditórios e, por vezes, provas de destreza física*” são protagonizadas pelos “caretos” ou “mascarados”, ou ainda “máscaros”, designações que resultam das palavras “careta” ou “máscara”.

No Concelho de Bragança, delimitação do nosso estudo, de acordo com o seu calendário, ordenam-se categorizadas em quatro grupos: Festas dos Rapazes, Festas de Santo Estêvão, Festas dos Reis e Festas de Carnaval. Nesta série festiva sobressaem os seguintes acontecimentos, mais ou menos comuns a todas elas:

A Ronda ou Cortejo – geralmente ocorre pela alvorada mas, em algumas aldeias, pode acontecer pela tarde ou até à noite (é o caso das rondas nocturnas do cantar dos reis) e percorre as ruas da aldeia. Os mordomos são acompanhados pelos músicos: o homem do bombo, o homem da caixa e o gaiteiro que, com o som da sua gaita-de-foles, anuncia, ecoando por toda a aldeia, o início da festa.

¹ De seu nome Francisco Manuel Alves, sacerdote secular, arqueólogo e historiador, foi nomeado pároco, ou abade da sua terra natal tendo por isso vulgarmente ficado conhecido por Abade de Baçal. A sua obra principal, *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, é constituída por 11 volumes começados em 1909 e terminados em 1947, e é uma fonte incontornável para o estudo da vida, história e valores do nordeste transmontano. (<http://www.bragancanet.pt/filustres/abadebacal.html>, acedida em 01 de Março de 2009).

A Missa – é o acontecimento religioso da festa e, como nos faz saber Godinho (1995: 82), “*os rapazes ocupam o lugar de destaque, distribuindo-se perto do altar, junto ao padre*” mantendo-se unidos e organizados. No final, adiantam-se a todo o povo no acto de beijar o Menino, para, de seguida, se metamorfosearem em figuras diabólicas irreconhecíveis – os caretos – e tomarem posições para o acto que se segue, o da Crítica Social.

A Crítica Social – também conhecida por “loas”, “comédias” ou “colóquios” constitui um dos momentos altos das festividades e relata os acontecimentos sociais mais caricatos e criticados, aqueles que a comunidade reprovou e que ocorreram durante o ano que finda. Feitas em verso, são lidas ou recitadas por um dos rapazes, em praça pública, num ponto alto – fontanário, carro de bois, escadaria ou até um monte de fardos de palha preparado para o efeito – com a obrigação da presença de todos os habitantes da aldeia, sob a cobertura da máscara ou sem ela, enquanto os restantes rapazes vão animando a ocorrência não se poupando a “facécias” e a “estúrdias”. Em Varge, alguns dos acontecimentos chegam a ser teatralizados.

As Refeições Comunitárias – manjares cerimoniais partilhados e preparados pelos rapazes, ou pelas suas mães, mantêm um carácter exclusivo com acesso vedado às raparigas, que apenas são convidadas para uma das refeições terminais da festa, assumindo, no entender de Godinho (1995: 82), “*um carácter reintegrador, atenuando-se o efeito de segregação*”. Decorrem normalmente em casa dos mordomos ou em espaços associativos de carácter cultural. Há localidades em que apenas acontece uma refeição, que é aberta a toda a comunidade.

Os Peditórios – constituem momentos rituais, heranças prováveis das “*strenae romanas*”², em que se desejam as “Boas Festas do Sagrado Nascimento” e acontecem pelo Natal. “*A entoação de cânticos, com carácter alusivo e propiciatório tem como contrapartida as dádivas ofertadas*” (Saraiva, 2002: 15) e é quase sempre feita por altura dos Reis. Percorrendo todas as casas da aldeia, os peditórios são chefiados pelos mordomos que se fazem acompanhar da música laica da gaita-de-foles e dos diabólicos caretos que vão animando a ronda com danças, saltos, gritos e chocalhadas. Se as ofertas do peditório forem em géneros alimentares, estes ou vão fazer parte das refeições comunitárias ou são

² A tradição de oferecer presentes por ocasião das festas do solstício de Inverno remonta aos Romanos que, durante as *Saturnalia* (antiga festividade da religião romana em homenagem ao deus Saturno, protector da lavoura) e as *Calendas de Janeiro* ofereciam prendas, chamadas *strenae*. (Adaptado de: Biblioteca - Lendas e Tradições de Natal, http://espan.edu.pt/biblioteca/historico/bau200203_lendas_natal.htm, acedida em 01 de Março de 2009).

arrematados, revertendo o produto da venda a favor do “Menino” ou das “Almas” e das despesas da festa. Os caretos também pedem, mas para proveito próprio, e aceitam chouriças ou outras peças de fumeiro, frutos da época e dinheiro, que costumam espetar numa maçã – símbolo de fertilidade – e *“toda a gente se sente na obrigação de contribuir com algum donativo, como se se tratasse de reconhecer os serviços prestados pelos «caretos» no desenrolar da festa, apesar de popularmente a figura ser conotada com o diabo”* Tiza (2003: 19).

1.1. Festas dos Rapazes

As festas têm esta designação pelo facto dos protagonistas serem os rapazes solteiros, a quem é permitido todo o tipo de extravagâncias como o consumo de álcool e a folia até altas horas, isto é, sair da rotina subvertendo as regras da vida quotidiana, descurando até as obrigações familiares, assumindo-se, como nos diz Godinho (1995: 82), como *“um grupo dotado de identidade, hierarquia e organização interna próprias”*. Para Alves (1995: 174) *“as festas são momentos existenciais de autêntica folia com saber especial junto dos rapazes, comunidade e família. É essa vivência que os leva a virem participar nas Festas, mesmo vivendo no estrangeiro ou nas grandes cidades do país”*.

A Festa dos rapazes é considerada um rito de iniciação ou passagem, *“a passagem, através de uma morte e uma ressurreição simbólicas, da ignorância e imaturidade para a idade espiritual do adulto”* de que nos fala Eliade (1989: 166). Para Jacob (1995: 387) estas festas são:

“Uma escola informal (...) com uma estrutura, disciplina e normativas próprias onde se aprende a co-viver, a co-valorar em comunidade. Rito de mudança, fonte de prazer e aprendizagens, de emancipação/autonomia, de afirmação e de valoração, mas, também, de compromisso, de responsabilidade e de autoridade”.

Para Pereira (1973) elas são *“uma espécie de rito que assinala o ingresso dos moços na classe de idade dos adultos, composto de vários episódios dos quais, em geral, são totalmente excluídas as mulheres.”*

Segundo o Abade de Baçal (Tomo IX: 289), a idade para a primeira participação na Festa dos Rapazes seria a partir dos 16 anos, “*os moços solteiros de dezasseis anos para cima*”, logo que o corpo do jovem rapaz mostrasse sinais de mudanças perceptíveis ou suspeitadas, como o aparecimento da barba e a mudança de voz, definindo a sua passagem da condição de criança a jovem. No entanto, actualmente, para não pôr em perigo a continuidade das festas, os rapazes podem ser convidados mais cedo a integrar o grupo masculino dos solteiros, admitindo-se sensivelmente a partir dos 13 anos. Podem participar nestas festas todos os rapazes solteiros naturais ou descendentes de cada aldeia, desde que não andem de luto, não se admitindo, por tradição, elementos casados ou do sexo feminino, embora numa ou outra aldeia, se aceitem hoje em dia nestas condições.

Estas festas correm ente os dias 25 de Dezembro e 6 de Janeiro e podem assumir diferentes nomenclaturas, como já foi referenciado atrás, porém, os actores principais são sempre os mesmos, os rapazes solteiros da terra.

Aveleda e Varge

A Festa dos Rapazes nas aldeias de **Aveleda** e **Varge** (anexa da freguesia de Aveleda) comungam de tradições similares “*nas suas modalidades e exibições deixando perceber a mesma comunidade étnica e promanação histórica, denunciando nas suas origens primevas carácter mais antigo e acentuadamente pagão*” (Alves, 1909/48: Tomo IX: 291). Começa a ser preparada no dia 1 de Novembro, o “mês dos Santos e das Almas”, com a apanha da “Lenha das Almas” ou “Lenha dos Santos”, uma tradição antiga que constitui a primeira tarefa, árdua e morosa, e evidencia a capacidade organizativa dos rapazes ao mesmo tempo que anuncia a realização e continuidade das festas. Como refere Tiza (2004: 27), há que lembrar os mortos e há que recolher fundos para o seu sufrágio colectivo. A lenha é a matéria-prima oportuna para a realização deste duplo desiderato. Em nome das Almas e com o trabalho da lenha se faz a festa e assim começa o ciclo festivo de Inverno em Trás-os-Montes. Esta lenha, à base de paus grossos das melhores árvores, é apanhada em “terras de ninguém”, pelos montes, cortada e trazida para a aldeia num reboque de tractor, outrora em carros de bois, e vendida ou leiloadada em praça pública na presença da população interessada, sendo entregue a quem oferecer mais por ela. O dinheiro é repartido em benefício das Almas e das despesas da festa.

Cabe aos mordomos a contratação do gaiteiro e de tratar de toda a logística da festa no respeitante a rituais colectivos que impliquem os rapazes da terra: a preparação do local para as reuniões e tomadas de decisões, a compra da carne, da bebida e a designação do sítio onde acontecerão as refeições comunitárias. Tudo é atempadamente preparado e ensaiado na noite que precede os festejos.

Os dias festivos nestas aldeias são 25 e 26 de Dezembro, este último, em honra de Santo Estêvão. No dia de Natal, bem cedo, o toque da gaita-de-foles dá o sinal para os rapazes se reunirem e seguirem para a missa, aprumados em cortejo, para assistirem ao momento alto das tradições religiosas da festa. No final, apressam-se a beijar o Menino antes de todos, impedindo que o povo disperse, para se irem transformar em “caretos”, pois é chegado o momento da crítica social e todos devem estar presentes, uma vez que o momento a todos diz respeito. As “comédias”, assim designadas na aldeia da **Aveleda**, são escritas por um dos rapazes, geralmente um dos mais velhos, mais experiente e com jeito para versar. A sua leitura é feita em tom solene e pausado por um “careto” de cara descoberta para melhor se entenderem as suas palavras. Em **Varge**, assumem o nome de “loas”, “comédias” ou “colóquios” e todos os mascarados têm a seu cargo a récita de uma quadra, de sua autoria e, um de cada vez, vão subindo ao “palco”, sempre com a cara coberta e distorcendo a voz, dificultando a sua identificação, para exporem a ridículo as ocorrências do ano. Alguns factos chegam a ser representados ao vivo, divertindo ainda mais o povo, que ri da sua desgraça e da desgraça alheia, enquanto os caretos aplaudem em alvoroço ensurdecador. No final, a gaita toca a mando do mordomo e o povo dispersa. Na **Aveleda** segue-se o almoço comunitário e a ronda de “Boas Festas” passando os caretos a “trabalhar por conta própria”. Em **Varge**, segue-se a ronda casa a casa, para desejar as “Boas Festas do Sagrado Menino” e, no final do dia, faz-se a corrida à rosca e a ceia dos rapazes.

No dia de Santo Estêvão, durante o almoço, elegem-se os novos mordomos e, para terminar, os rapazes, num “gesto de cortesia”, convidam para o jantar as raparigas solteiras da terra.

1.2. Festas de Santo Estêvão

É esta a designação da Festa dos Rapazes em algumas aldeias do Concelho de Bragança, pois, como nos diz Pereira (1973), elas têm manifestações do que se pode considerar um culto a Santo Estêvão, padroeiro dos rapazes. Segundo Belarmino Afonso (1981), foi o calendário litúrgico a colocar o Santo Estêvão no ciclo do Natal, daí que as festas assumam a denominação do Santo – Festas de Santo Estêvão.

Celebram-se anualmente, entre os dias 25 e 28 de Dezembro e inscrevem-se no contexto das festas nordestinas realizadas no Ciclo dos Doze Dias. Neste período as aldeias do Concelho de Bragança que ainda experimentam este tempo festivo e incluem a figura do mascarado/careto são: **Grijó de Parada, Parada de Infanções e Rebordãos.**

Grijó de Parada

As festas de Santo Estêvão em **Grijó de Parada** comemoram-se nos dias 26 e 27 de Dezembro e os seus ritos remontam à época anterior à romanização, provavelmente ao período celta na Península Ibérica. Baroja (1957: 77) refere que havia nessa época, na Península, determinadas festividades em que os homens se “*exercitavam no pugilato e na carreira, simulavam batalhas e bailavam ao som da flauta e da gaita uma dança que consistia em agachar-se e saltar: isto, sobretudo depois de copiosas libações*”.

Estas festas são organizadas por dois mordomos (o Rei, símbolo do poder profano, e o Bispo, símbolo do poder religioso) e pelos Meirinhos (rapazes novos seus coadjuvantes). Bragada (1992: 114) refere que, em devido tempo, cabe aos Meirinhos a recolha da «*finta*»³, que é feita de casa em casa e, no caso do dinheiro recolhido não ser suficiente, serão eles próprios a cobrir as restantes despesas.

No dia 26, os mordomos (rei e bispo), acompanhados pelos meirinhos e pelo gaiteiro, percorrem as ruas da aldeia para fazer a “ronda” ou “peditório”. Segue-se a missa, onde, em lugar cimeiro, estes ostentam as “insígnias do seu poder”: uma coroa cilíndrica de cor branca rematada com quatro bicos em triângulo para “o rei” e uma mitra da mesma cor para “o

³ Determinada quantia em dinheiro, previamente estimada, destinada a contribuir para o pagamento das despesas da festa.

bispo”; na mão direita, ambos carregam “*uma espécie ceptro ou báculo*” (Tiza, 2004: 97) que é, segundo este autor, “*uma cana da altura de um homem com uma maçã espetada na ponta, enfeitada com um pequeno ramo de flores, colocado em cima da maçã e, por baixo, com duas fitas de seda em forma de laço, uma de cor vermelha e outra branca*”.

Os novos mordomos são nomeados pelo padre durante a missa e entram em funções no dia 27 de Dezembro até ao dia 26 de Dezembro do ano seguinte. No final da missa, para encerrar a procissão, o padre vai até à mesa, que aqui assume o nome de “Mesa do Santo”, e benze o pão e todos os alimentos (a carne não pode entrar nos alimentos da mesa) aí dispostos, antes de serem repartidos equitativamente pelo povo. Paralelamente, decorre um almoço, também à base de peixe, onde participam as individualidades da aldeia.

No dia 27, já sob o comando dos novos mordomos, é o dia do “convite”, um cortejo à volta da aldeia para desejar as Boas Festas, recolher a devida esmola e as roscas que serão o troféu na “corrida da rosca” que, como nos diz Tiza (2004: 100), corresponderia à «*carreira*» dos povos célticos. Nesta entram os rapazes da aldeia, mas também podem participar os das aldeias vizinhas, o que lhe incute um espírito mais competitivo. É uma prova de velocidade cujo percurso equivale a cem metros em linha recta, feita pelos rapazes, aos pares, que apenas envergam cuecas ou calções. A partida é dada por um mordomo e à chegada encontra-se o outro mordomo segurando, numa mão, ao alto, o prémio – uma rosca de pão em forma de “coroa de louro” – que o vencedor arrebatava quando ganha duas “*carreiras*” em três possíveis. Geralmente, no final, vencedores e vencidos partilham o troféu comendo junto as roscas. Enquanto isso, o povo assiste entusiasmado acirrando os seus jovens à competição com os de fora.

A festa termina ao cair da noite, com o momento dos rapazes colocarem à prova a sua força e agilidade no jogo da “galhofa”⁴, uma competição que apenas se realiza nas aldeias de **Grijó de Parada e Parada de Infanções**. É um jogo de destreza física onde só participam rapazes, que se apresentam em tronco nu, e consiste em derrubar o adversário imobilizando-o de costas no chão enquanto lutam num espaço improvisado, em cima de palha seca para amortecer as quedas. Os vencedores mostram, perante todos, a sua superioridade física e virilidade. O troféu é também uma rosca de pão e, também aqui, como atesta Bragada (1992: 116), esta é partilhada entre vencedores e vencidos que confraternizam no final de cada luta

⁴ Em aldeias do distrito de Bragança, como por exemplo, Ousilhão – Vinhais, que também comemora as Festas de Santo Estêvão, o termo “galhofa” emprega-se para designar o baile tradicional que se faz ao som da gaita-de-foles.

com a alegria da vitória ou a decepção da derrota, acalmando as alegrias ou apagando as tristezas, enquanto o garrafão de vinho desliza de mão em mão e se saboreiam os pedaços de rosca e os tremoços que os mordomos oferecem.

Os caretos marcam presença em todos os momentos pagãos da festa: na mesa (afastando-se nos momentos mais sagrados), nas rondas e na corrida da rosca, cabendo-lhes a tarefa de garantirem a animação e o divertimento e a ordem do povo.

Parada de Infanções

Em **Parada de Infanções**, o ciclo das Festas de Inverno prolonga-se por uma semana, entre o Advento e o Ano Novo, enquanto os trabalhos pesados do campo ficam como que adormecidos. No dia 24 de Dezembro iniciam-se as celebrações do Nascimento do Menino acendendo-se uma grande fogueira para evocar a “Nova Luz do Mundo” e, no ritual da Missa do Galo, recitam-se, à meia-noite em ponto, as “loas”⁵ ao Menino recém-nascido – a “Nova Luz do Mundo”.

No dia 26 é a festa dos rapazes em honra de Santo Estêvão, no dia 27 é a festa em honra de S. João Evangelista, no dia 28 homenageiam-se os Meninos Santos Inocentes e no dia de Ano Novo volta-se a celebrar o Deus Menino, ficando-se com “*a impressão de que os jovens santos celebrados em toda a região, distribuídos por diferentes terras, se concentram todos em Parada e aqui são celebrados numa só semana*” (Tiza, 2004: 87).

A organização do “charolo” – espécie de andor com estrutura piramidal no topo, coberto de roscas de pão em forma de estrela ou similares –, compete aos mordomos e, no final da procissão, é leiloado peça a peça no adro da igreja, em lugar ainda considerado sagrado. Estas tradições têm reminiscências dos rituais do culto do pão, considerado um elemento sagrado, daí poder entrar em locais sagrados como a igreja e o adro. A refeição comunitária ou “Mesa de Santo Estêvão” acontece logo a seguir e os seus rituais são muito parecidos com os da aldeia vizinha de Grijó de Parada. A nomeação dos novos mordomos, com a respectiva transferência de poderes, acontece no final da refeição e é proferida pelo pároco que também tem assento na mesa. Os mordomos recém-proclamados, são posteriormente carregados num carro de bois e puxados pelos rapazes “*numa demonstração*

⁵ “Loas” aqui têm o significado de quadras que se cantam em louvor do Deus Menino antes de se iniciar a Missa do Galo. (Rocha, M. 1992. p. 161).

de capacidade e de força” (Barros e Costa, 2003: 21), acompanhados pelos caretos, que percorrem as ruas da aldeia parando apenas nas casas dos mordomos, onde comem e bebem para recuperar forças.

À semelhança do que acontece em Grijó de Parada, em **Parada de Infanções**, no dia 28 de Dezembro, também se fazem, à tarde, a “corrida da rosca”, e à noite, a “galhofa”, em dias desencontrados para que os rapazes destas localidades vizinhas possam participar, em ambos os locais, nestas “competições”.

Rebordãos

Nesta localidade a festa comemora-se no dia 26 de Dezembro e tem como eventos principais a Missa e a “Mesa de Santo Estêvão” – a refeição comunitária.

Os mordomos são, como em todas as outras localidades, os responsáveis pela organização da festa e começam a prepará-la nos quatro domingos anteriores, fazendo pelas ruas da aldeia os peditórios de esmola para o santo, que se destinam à recolha de fundos para as despesas da celebração litúrgica. Para as despesas da refeição comunitária é cobrada, a cada conviva, uma certa importância em dinheiro para que os mordomos possam adquirir os bens necessários para a sua confecção, sendo a carne, também aqui, interdita. A sua preparação fica a cargo das mulheres e familiares dos mordomos, enquanto decorre a santa missa. Se o tempo o permitir, a mesa faz-se ao ar livre, senão faz-se no salão da casa do povo. A presidi-la, na cabeceira, coloca-se uma imagem de Santo Estêvão e a seu lado *“sentam-se os principais da festa: os mordomos velhos e os novos e o pároco que, mantendo a tradição, benze o pão antes de ser distribuído e reza em agradecimento e em prece pelos bons augúrios ao santo e à Mãe-Natureza”* (Tiza, 2004: 163). A partir daqui, está na hora da entrada em função dos mascarados, que nesta localidade têm o nome de “caretas”, dois jovens voluntários que se transformam em seres misteriosos e, sem pronunciar palavra, vão comunicando com um apito – o “gato” – *“feito de uma cana e de pele de unto, que mantém sempre na boca, por baixo da máscara, para pedir, dar ordens, chamar, controlar... actos que estão inerentes às suas funções”* (Tiza, 2004: 164). De manhã, debaixo do anonimato, vão pedindo esmola para o santo e, à tarde, para si, utilizando as suas verdascas para se defenderem dos ataques que lhes são dirigidos.

1.3. Festas dos Reis

Associada à quadra natalícia, a Festa dos Reis ou Festa da Epifania traduz um dos mais relevantes episódios tradicionais associados ao nascimento de Jesus Cristo. A data para a sua celebração foi fixada no ano de 1164, a 6 de Janeiro, para assinalar a viagem dos três Reis Magos que, segundo a tradição cristã, teriam vindo do Oriente até Belém guiados por uma estrela para homenagear e oferecer os presentes a Jesus recém-nascido⁶.

Em algumas aldeias da chamada Baixa Lombada, em pleno Parque Natural de Montesinho, as Festas dos Rapazes identificam-se com as Festas dos Reis e comemoram-se entre o dia de Ano Novo e o dia de Reis, marcando “*no plano popular, o final do Ciclo dos Doze Dias, que na Idade Média correspondia à Festa dos Loucos, período de licenciosidade ritual autorizada, com práticas grotescas e sacrílegas de inversão de papéis de figuras simbólicas*” (Barros e Costa, 2002: 15). Dentro destas festas, as que ainda mantêm a figura do mascarado/careto são as aldeias de **Baçal**, **Rio de Onor**, **Salsas** e **Rebordainhos**, e têm características muito idênticas às anteriormente referenciadas. Em prol da continuidade das festas, as datas podem, hoje em dia, ser alteradas se calharem em dias de semana, passando para o fim-de-semana mais próximo, para que todos os rapazes da terra possam estar presentes pois, hoje em dia, são poucos os que lá residem.

Baçal

Em **Baçal**, a Festa de Reis é comemorada pelo grupo dos rapazes solteiros e, em momento algum, o acto de cantar os reis se alude nesta festa. Os rapazes metamorfoseados de caretos entram em acção no primeiro dia do ano e, durante os dias que se seguem até ao dia de Reis, pela calada da noite, percorrem todas as aldeias da freguesia à procura das raparigas para as chocalharem – é o chamado “ritual de fecundação”.

Na véspera da festa, no dia 5, cabe ao grupo de rapazes, repetentes nestas lides em anos anteriores, decidir quais os jovens que vão passar a integrar a festa. A abertura da festa faz-se com a “alvorada”, acto que se repete em todos os dias de festa e se realiza bem cedo, ao som

⁶ Segundo a Sagrada Escritura - Evangelho de S. Mateus.

da música do gaiteiro e dos seus acompanhantes: o homem do bombo e o da caixa. “*É a partir de agora que os jovens se desligam dos seus trabalhos e obrigações quotidianas para se entregarem de corpo e alma às celebrações festivas que devem levar a cabo como se de um acto sagrado se tratasse*” (Tiza, 2004: 233-234). Segue-se a “ronda das chouriças”, que se prolonga por toda a tarde e, enquanto se desejam as Boas Festas a todos os moradores da aldeia, faz-se o peditório de fumeiro que se destina ao jantar de encerramento das festas, cuja “*entrega das chouriças é feita das janelas das casas, onde as mulheres se assomam colocando a sua oferta na vara dos mordomos*” (Tiza, 2004: 235).

As refeições comuns vão-se sucedendo pelos dias de festa e são outro acontecimento importante protagonizado pelos rapazes, que convidam as raparigas só para o jantar do dia de Reis, para uma noite de convívio, com música, dança e muita borgia. A meio da tarde desse dia, os caretos percorrem as ruas da aldeia, acompanhados pelo gaiteiro, para que o povo se junte para o momento da “crítica social”, que aqui tem o nome de “colóquios”, sendo o ritual com mais significado da festa e que “*corresponde aos actos expurgatórios das antigas festas saturnais, para purificação da comunidade, expulsão dos males e preparação da natureza para o novo ciclo agrário*” (Tiza, 2004: 236).

O último dia de festa, dia 7, encerra com o jantar comunitário onde se degusta o fumeiro recolhido na “ronda das chouriças” e se decide quem vão ser os mordomos da festa do próximo ano.

Salsas

Os caretos entram em acção no primeiro dia do ano, não parando até ao dia de Reis. Todas as noites, pela calada, percorrem as ruas da aldeia à procura das raparigas para executarem os ritos das “chocalhadas” que, por intermédio delas, parecem querer “*libertar a comunidade dos maus espíritos que pairam na natureza e nas pessoas*” (Tiza, 2004: 247).

No dia de Reis, os mordomos acompanhados pelos caretos cantam os reis de porta em porta, desejando as “Boas Festas do Ano Novo” e recolhem, em nome das almas dos defuntos, toda a espécie de donativos: peças de fumeiro, dinheiro, carne fumada e frutos das colheitas locais, que serão leiloados durante o convívio de encerramento das festas na presença de todo o povo, no salão da Junta de Freguesia. O rédito do leilão será entregue ao mordomo das Almas para mandar rezar missas.

Rio de Onor

A recolha das “Cepas das Almas”, analogamente à “Lenha das Almas” das aldeias de Aveleda e Varge, ocorre também no dia 1 de Novembro para ser leiloadada em público, revertendo o seu produto em favor das Almas. Esta tarefa e a Festa dos Rapazes, que aqui se designa de Festa dos Reis, fica a cargo dos rapazes solteiros da aldeia, liderados pelos mordomos, que comandam por dois dias a vida na aldeia, substituindo a instituição comunitária do conselho.

Os animadores e protagonistas da festa são, como não podia deixar de ser, os caretos, que aqui são em número de dois. Vestindo fatos com aplicação de fitas colorida, com capuz, máscara de latão pintada com pêlos nas sobrancelhas e bigodes, com um espeto da lareira na mão, fazem-se acompanhar pela figura da “Filandorra” que poderá significar “fiadeira”, um rapaz transvestido de mulher que usa na cara uma renda e vai simulando, com uma roca e um fuso, o acto de fiar.

Na “alvorada” a música do gaiteiro dá o sinal para a organização dos rapazes e avisa o povo que vai realizar-se o peditório ou “volta da chouriçada”, que é feito de casa em casa, em prol do santo, com uma participação avultada dos habitantes. Como referencia Tiza (2004: 225), *“quantos mais produtos foram recolhidos, maior foi a dádiva à divindade, maior poderá ser a retribuição da divindade”*

As refeições comunitárias são confeccionadas pelas mães dos mordomos na casa do povo. Para o jantar de Reis, os rapazes convidam as raparigas da terra que lhe farão companhia no baile, que acontece depois da ceia. Pela noite dentro, cantam-se os reis de casa em casa para saudar todas as famílias da aldeia, encerrando, com este rito, a festa.

Rebordaínhos

Nesta localidade, o cantar dos reis é feito no próprio dia de Reis, sendo o único acontecimento da festa. A nomeação do mordomo das Almas é feita durante a missa de Ano Novo tendo prioridade quem tiver “promessa”. O mordomo convida quatro homens, cantores experientes, para ensaiar o cantar dos Reis, que se faz durante o dia e tem a receptividade de toda a população que, assim, pode participar mais activamente neste ritual. No dia 6, bem cedo e de estômago refeito, sai o cortejo, constituído pelo mordomo, cantores e por um

“careto”, ser transcendente e mágico que sacraliza o ritual, dirigindo-se para a porta principal da igreja para aí iniciarem o acto, pedindo a bênção divina enquanto saúdam a Virgem Maria, a quem dedicam a primeira quadra. As restantes quadras são dedicadas a cada um dos moradores por onde passam. O “careto” encabeça a comitiva e vai à frente para avisar o povo que vem aí o cortejo e que é preciso prepararem-se para os receber. Enverga um fato feito em manta de canastra⁷ em tons avermelhados, cobre a cara com uma máscara de latão à mesma cor, traz numa mão uma foice de cabo comprido, que é um bom auxílio para cortar as peças de fumeiro nas casas onde entra sem pedir licença porque “*a ele todos os disparates lhe são consentidos*” (Tiza, 2004: 251) e, noutra mão, traz uma maçã onde vai espetando as moedas que pede para si. A festa termina quando estiver completa a visita a todas os moradores.

1.4. Festas de Carnaval

As Festas de Carnaval, em algumas terras Bragançanas, são também as Festas dos Rapazes e, segundo Pacheco (1984: 267), correspondem às bacanais de Março que se celebrizaram por grandes comezainas, mascaradas e bailes.

O Carnaval constitui o segundo ciclo de festividades “*associadas à licenciosidade ritual e à irreverência que trespassa todo o Ciclo de Inverno*” (Saraiva, 2002: 15), e é o pretexto para a transgressão, para o exagero e para a inversão do quotidiano antes de entrar em “penitência”. Apenas os rapazes o podem fazer, aproveitando-se desta espécie de “*licença temporária para transgredir*”, constituem grupos fechados que se travestem de mulher e executam as suas funções nos rituais expurgatórios: perseguem as raparigas solteiras para as chocalharem (baterem-lhes violentamente com os chocalhos) o que pode entender-se como um acto de purificação social das mulheres ou de fecundidade⁸, “*numa simulação do acto sexual*” (Pereira, 1985: 513). Assiste-se, assim, à ritualização da agressividade que visava sobretudo as mulheres, por isso, noutros tempos, as raparigas limitavam-se a ver da janela e as mulheres casadas eram proibidas pelos maridos de saírem de casa.

⁷ Mantas executadas em tear artesanal, em pura lã de ovelha tingida geralmente em tons de vermelho ou roxo, caseadas simulando uma canastra (cesta) de verga, típicas de Trás-os-Montes em tempos mais antigos, que hoje são peças de artesanato da região (Ver pormenor em anexo 17, fotografia 16 – p. 140).

⁸ Segundo Tiza (1995: 195), “fecundar”, tal como acontece na Natureza, significa uma forma de a preparar para acolher a semente no seu seio, no momento mais propício do ano, o início da Primavera.

Em suma, o Carnaval é, sobretudo para os homens, o tempo de alterar as regras, de inverter os papéis, de fazer crítica social e política e de expor os males alheios. É uma festa agrícola que inicia o período em que a terra desperta para a função fértil, para dar o sustento ao Homem. É também o anúncio de uma nova estação: a Primavera.

O Carnaval em Bragança

Em Bragança, à semelhança de outras localidades, as ruas e praças das zonas antigas constituem um espaço cénico privilegiado para as manifestações e representações festivas. Na Quarta-feira de Cinzas é o dia da Morte, figura que outrora compunha a procissão de Cinzas “*destinada a simbolizar o salutar aviso pulvis es, et in pulverem reverteris*” (Alves, 1909/48: Tomo VII: 759) e lembrando a todos que a quadra da Quaresma deve ser consagrada a cuidar da vida futura, da vida espiritual. Neste dia, é costume, saírem às ruas, com protagonismo aterrador assumido, três figuras diabólicas: a Morte – vestida de preto, com os ossos do esqueleto pintados na parte dianteira do fato, empunhando uma gadanha –, o Diabo – vestido de vermelho armado de tridente –, e a Censura – também ela vestida de preto com o respectivo chicote –, que cometem tropelias, armam pancadaria e zaragatas, entram nas casas em perseguição às moças para as castigarem. Para Ferreira e Perdigão (2003), tal atitude, é a “*função castigadora do corpo, no primeiro dia da Quaresma, e profiláctica, de preparação da entrada na Primavera.*” Estes rituais relacionam-se, segundo o Abade de Baçal (Tomo IX: 301) “*com a liturgia mítica de expulsar o Inverno representado pela morte*” e provêm:

“das festas Lupercais, celebradas pelos sacerdotes de Pan a 15 de Fevereiro, que despidos, tapando apenas as partes genitais com uma tira de pele caprina, recentemente imolada e tinta de sangue, percorriam as ruas, batendo com um chicote em quantos encontravam, principalmente nas mulheres, que julgavam fecundar com estas pancadas”.

Hoje em dia, devido à falta de voluntários, estes rituais festivos vão ficando adormecidos nas memórias dos mais velhos e só, de vez em quando, um “espírito” mais afoito consegue rebuscar e reactivar estas tradições trazendo, à “cena”, estes rituais.

2. A Animação Artística das Festas de Inverno do Concelho de Bragança

2.1. O sagrado e o profano nos ritos e tradições

A festa é o ritual pelo qual o homem se exprime como ser religioso com todas as suas crenças e, pondo em evidência a sua relação com o meio e a natureza, procura modelar-se à imagem do Deus em que acredita, para estar perto do sagrado “*impregnando-se do seu poder e acolhendo-se à sua protecção, à sua força*” (Serra, 2003: 145). Como refere Eliade (1957: 112 – 117) o homem religioso esforça-se por se aproximar dos Deuses e participar do Ser e, pela imitação dos modelos exemplares divinos, exprime o seu desejo de santidade que executa através da “reactualização” dos rituais da festa. É pela festa que o povo, com imaginação, sabedoria e espírito cristão, combina nos costumes e nas tradições as suas crenças cristãs e as actividades de carácter rural e agrícola, e as vai repetindo, ano após ano, pelos mesmos rituais, pela comemoração dos mesmos acontecimentos místicos, num «*eterno retorno*». É que:

“para o homem religioso das sociedades primitivas e arcaicas, a eterna repetição dos gestos exemplares e o eterno encontro com o mesmo tempo mítico da origem, santificado pelos Deuses – não implica de modo nenhum uma visão pessimista da vida: mas, pelo contrário, é graças a este «eterno retorno» às fontes do sagrado e do real que a existência humana lhe parece salva do nada e da morte” (Eliade, 1957: 118).

Toda a região de Trás-os-Montes é rica em manifestações seculares que estão ligadas a ritos pagãos, a cerimónias de fertilidade e fecundidade que “*garantem o renascimento da natureza*” (Caillois, 1950: 108), e a ritos de iniciação “*que têm a finalidade de fazer entrar os jovens na sociedade dos homens e de os agregar assim à colectividade*” (Caillois, 1950: 108) garantindo o renascimento e o rejuvenescimento da sociedade. O acto de iniciação é a altura em que os rapazes mais novos tomam conhecimento dos mitos assistindo a toda a demonstração de rituais – “herança misteriosa” – cuja celebração um dia estará seu cargo. A riqueza cultural destas tradições vão mantendo vivas as atitudes e as formas do homem se relacionar com a natureza, comprovando a sua religiosidade, e ajudam-nos a compreender melhor a sua essência.

É a “*reactualização dos ritos*”, de que nos fala Eliade (1950), e a festa, que Afonso (1988: 184) considera “*uma necessidade vital para toda a comunidade transmontana, porque reforça os laços invisíveis que unem o material e o espiritual*” que transformam o ciclo das Festas de Inverno Transmontanas num tempo festivo, bipolarizado pelo profano e pelo sagrado. Para Durkheim (1912), “*ambos são elementos necessários ao desenvolvimento da vida: um como o meio onde ela se desdobra, o outro como a fonte inesgotável que a cria, que a mantém, que a renova*”. Tiza (2004: 15) adita serem o sagrado e o profano duas componentes destas festas relacionados de forma algo “*sui generis*”, em que tanto se demarcam radicalmente como se aproximam e, por vezes mesmo, se confundem em harmoniosa e espontânea convivência. Para este autor, o sagrado e o profano são uma constante nos ritos de culto à mãe natureza, elementos duma relação pragmática que o homem mantém com o sobrenatural, “*o acto profilático de purificação das comunidades e o acto propiciatório à divindade (...) de dar para receber muito mais; uma atitude cristã de louvor e uma espécie de paganismo*”. Eliade (1957: 116) fala-nos também em duas sortes de tempo, o tempo profano e o tempo sagrado com “*duração evanescente – uma «sequência de eternidades», recuperáveis periodicamente durante as festas*”.

As Festas de Inverno com mascarados, objecto do nosso estudo, encerram em si rituais diferenciados de cariz profano e de cariz religioso, em que sobrevivem elementos das antigas e pagãs saturnais à mistura com os rituais das festividades natalícias cristãs, conforme as localidades e a quem se presta o culto. Há os que se desenvolvem no espaço sagrado – a igreja e adro – dedicados ao nascimento do Menino e à sua adoração pelos Reis Magos, ou em louvor dos Santos, e os que se desenvolvem no espaço profano – as ruas e praça públicas – dedicados em honra dos deuses, do sol e da mãe natureza. Para as sociedades antigas, comunidades agro-pastoris, conforme nos referencia Afonso (1989: 48), “*não havia fronteira entre o sagrado e o profano*” e o seu quotidiano confirma o “*fluir de uma vida complexa, feita de ritos, magia e símbolos*”, manifestações que ainda hoje presenciamos.

Ao longo dos tempos, o homem foi tentando introduzir na festa cristã elementos pagãos, ou trazer para a festa pagã actos evidentemente cristãos, que foram sendo rejeitados ou permitidos pela hierarquia cristã ao longo dos tempos, tendo alguns persistido até aos nossos dias, como os que encontramos nas festividades de Inverno. O Abade de Baçal faz algumas referências da intrusão do sagrado no profano e do profano no sagrado. Refere por exemplo, que na véspera de Natal, na localidade de Aveleda, na festa dos Rapazes, “*na Missa do Galo*

se beija o Deus-Menino ao som da gaita-de-foles” (Alves, 1909/48: Tomo VII: 286), sabendo que a gaita-de-foles é um elemento pagão que remonta à época celta, a sua música laica é, no entanto, permitida no ritual cristão da missa, acto religioso primordial das festividades de Inverno que se desenrola num espaço sagrado. E isto não acontece apenas na localidade de Aveleda, mas em muitas outras. Muitas vezes, as festas pagãs condicionam as festas católicas e vice-versa, tudo depende do seu relacionamento e tolerância. Um outro exemplo, é, o facto da Igreja ter aproveitado o fim de um período de grande euforia e de abundância, o Carnaval, para introduzir o rito da celebração religiosa, a Quarta-feira de Cinzas, iniciando um período de jejum e de penitência que se prolonga até à Páscoa. Por sua vez, em Bragança, fez-se da figura da Morte, figura da procissão de Cinzas que simbolizava o *pulvis es* – “*lembra-te homem que és pó e em pó te há-de tornar*” –, uma figura carnavalesca que passou a actuar nas ruas, na Quarta-feira de Cinzas, provocando a desordem e a folia transformando este dia em mais um dia de Carnaval, acto que a igreja reprovou. Para Caillois (1950: 125), “*a sociedade e a natureza assentam na conservação de uma ordem universal, protegida por múltiplos interditos que garantem a integridade das instituições, a regularidade dos fenómenos*”, cabendo aos ritos assegurar, na prática, a relação entre o homem e o sagrado, as suas crenças e manter vivas as tradições.

Segundo Tiza (2004: 16), em todas as festas realizadas no ciclo festivo de Inverno há três formas de relacionamento diferente entre o cristão e o pagão, entre o profano e o sagrado:

- a primeira, de “*separação e afastamento total*” em que cada acto é apenas ou de cariz sagrado ou de cariz profano, sem a intromissão de um no outro. Têm carácter eminentemente profano: a crítica social – acto de expurgação dos males sociais –, as rondas, os diabólicos caretos que são afastados dos espaços sagrados – igreja e adro –, e o uso e abuso da bebida e da comida;

- a segunda, “*de convivência do pagão com o cristão*”, em que elementos profanos integram actos litúrgicos sagrados como, por exemplo: a integração na missa e procissão em Grijó de Parada do “charolo” – andor enfeitado com roscas de pão doce –; do gaiteiro que acompanha a missa com a sua gaita-de-foles; dos mordomos – Rei e Bispo que se apresentam com os seus símbolos de poder profano, os ceptros/varas e as coroas –; do pão, que muitas vezes é benzido durante a missa para ser distribuído por todo o povo como pão bento, durante a refeição comum e dos peditórios que se realizam em nome das Almas ou do Santo e revertem a seu favor. Afonso (1989: 48-50) refere também a apanha e leilão da “*Lenha ou*

Pau das Almas”, uma tradição profana que se concretiza no dia dos Fiéis Defuntos, em que “dois terços do rédito” são entregues ao pároco para celebrar missas com o objectivo de “sufragar as almas do Purgatório, e reforçar os laços familiares que unem os vivos e os mortos”;

- a terceira, “*de convivência do cristão com o pagão*”, com implicação na liturgia pagã de elementos do sagrado, como por exemplo: a imagem de Santo Estêvão que preside à refeição comunitária – “Mesa de Santo Estêvão” – em Rebordãos; o sacerdote que convive com os mordomos sentado à cabeceira da mesa das refeições comunitárias, benze a mesa, reza “*em memória dos mortos e em agradecimento e em prece pelos bons augúrios ao santo e à Mãe-Natureza*” (Tiza, 2004) e nomeia os novos mordomos (representantes do poder profano) durante a missa ou durante a refeição.

A par de todos estes rituais, que tanto enriquecem as tradições e estão na base da identidade do povo transmontano, há ainda o culto ao fogo, com as grandes fogueiras do dia 1 de Novembro e da noite de 24 de Dezembro, cujo significado se foi modificando, adaptando e alterando, chegando aos dias de hoje como mais um acto festivo comunitário. No entanto, Afonso (1989: 65-66), diz-nos que não foi sempre assim, que este ritual recorda “*um hábito ancestral comum a todas as civilizações*” que acreditavam que “*o poder demiúrgico do sol, capaz de fazer renascer a vida nos troncos adormecidos das árvores*”, transmitia força geradora às sementes que o lavrador lançava à terra e que “*fogo e germinação são binómio necessário a todo o princípio vital.*” Em algumas localidades há cerimónias de alusão ao sentido de “*propiciação do fogo, para atrair favores da divindade*” e à sua função “*purificatória, para exorcizar os castigos*”, ritos necessários para “*manter a boa ordem do universo*”.

Segundo Tiza (2004) é este vasto e rico conjunto de rituais, situações e vivências, onde sagrado e profano convivem em perfeita harmonia, que podemos, actualmente, encontrar no ciclo festivo de Inverno por terras de Bragança.

2.2. Os caretos e a expressão dramática e plástica

Os caretos, “*figuras enigmáticas de aparência terrífica*”(Maciel, 1998: 85), constituem as figuras principais das festividades de Inverno no Nordeste Transmontano, encarnados pelos rapazes solteiros que se metamorfoseiam em personagens misteriosas, não identificáveis, quase fantásticas e vivenciam um conjunto de rituais lúdicos e pagãos que foram sendo transmitidos de pais para filhos. Segundo Canotilho (2005: 15), nestes rituais:

“(...) cedo se compreendeu e identificou a sua vertente de manifestação artística, capaz de conjugar em perfeita harmonia as linguagens: dramática (rituais), plástica (máscaras e vestuário) e etnográfica (rituais, máscaras e vestuário e outros objectos imprescindíveis nos rituais)”.

Quando falamos de «*actividades dramáticas*», estas implicam “o «*jogo dramático*» a «*arte dramática*», a «*expressão dramática*» ou o «*teatro*»” (Landier e Barret, 1994: 16). O jogo dramático/teatral, cujo carácter é o de responder “*a necessidades primordiais do ser humano – a da exteriorização de si no contexto da comunicação*” (Ministério da Educação, 2001. p. 177), está bem patente nos rituais de fecundidade e expurgatórios que os caretos protagonizam durante estas festas e ainda na vertente lúdica da festa, cujo objectivo é o divertimento do povo. Trata-se, como nos referem Landier e Barret (1994: 11), de uma abordagem cultural que utiliza pela “*exploração da linguagem dramática, a transposição artística do real*”. Os rituais de fecundidade remontam às festas mais importantes da antiga Roma – as *Lupercais*, que “*eram particularmente marcadas pelo desfile, nas ruas, de grupos de homens seminus, que fustigavam com peles de cabra – imoladas nessa ocasião – as mulheres que encontravam no caminho, num rito punitivo, tendo por intenção torná-las fecundas*” (Barros e Costa, 2002: 101). Nas festas de Inverno, os caretos actuam igualmente pelas ruas das aldeias “*de forma ao mesmo tempo silenciosa e barulhenta (...), porque não pronunciam uma única palavra, ruidosamente ao movimentar os chocalhos e as campainhas que trazem*” (Maciel, 1998: 85-86) e com os quais chocalham as raparigas solteiras, ou seja, agarram-nas e com movimentos muito rápidos de rotação da cintura fustigam-nas com os chocalhos como se de um chicote se tratasse. Estas actividades constituem por si só actividades dramáticas, pois, são “*uma prática de grupo que promovem a colaboração (...),*

são susceptíveis de gerar a reflexão sobre valores e atitudes (...), proporcionando formas e meios expressivos para explorar conteúdos” (Ministério da Educação, 2001: 177).

Igual carga de expressividade dramática revelam os rituais ligados às figuras da Morte, do Diabo e da Censura que actuam (ou melhor, actuavam, porque, hoje em dia, estes ritos têm vindo a desvanecer-se, por um lado, porque as autoridades eclesiásticas nunca viram com bons olhos este tipo de folia no primeiro dia de Quaresma, por outro lado, pela indisponibilidade de voluntários) na Quarta-feira de Cinzas, nas ruas antigas da cidade de Bragança, e chicoteiam as raparigas para as castigarem cometendo inúmeras travessuras, provocando conflitos e desordem.

No ritual da crítica social, os caretos transformam-se em “actores” e “sobem ao palco” – lugar de destaque, que pode ser uma fonte, um patamar de escadas, um carro de bois, ou qualquer outro local improvisado que lhe dê o protagonismo necessário para o efeito –, de modo a poderem encenar o acto expurgatório de todos os males da sociedade. Os caretos animam o acto transformando-o num jogo de expressão dramática de diferentes linguagens artísticas: riem, soltam os estridentes *hi! gu! gus!* – “*espécie de relincho de origem celta comum em toda a região norte de Espanha*” (Alves, 1909/48: Tomo VII: 286) –, saltam e dão cambalhotas, batem com a moca do cajado no chão em ensurdecadora chocalhada, numa ininterrupta brincadeira. Como nos diz Tiza (2004: 49-51), alguns destes factos são representados ao vivo e os actores são os próprios rapazes que assumem o papel das personagens intervenientes nos diferentes casos, contando as situações em detalhe, enquanto o povo assiste e “*ri despidoradamente; é que os factos, embora reais e de todos conhecidos, são aqui tratados pelo seu lado mais ridicularizante. O gáudio é geral.*”

Há também uma linguagem teatral na encarnação dos papéis de Rei e Bispo, protagonizada pelos mordomos em Grijó de Parada, que se transformam em actores quando ostentam os adereços próprios que os identificam – as suas coroas e ceptros. Eles agem como representantes máximos locais do poder profano e sagrado, respectivamente, e encarnam o papel de nobres, entidades supremas locais, fazendo-se acompanhar por uma guarda de dois “vassais” (criados) enquanto o seu “reinado” (o tempo da festa) durar.

A personagem da “Filandorra”⁹, de Rio de Onor, desempenhada por um rapaz que se veste de mulher, ocultando a sua identidade com uma renda que lhe tapa o rosto, acompanha os caretos durante o peditório enquanto vai simulando o acto de fiar e bailando ao som da

⁹ Etimologicamente a palavra “Filandorra” poderá significar fiadeira (Tiza. 2004: 224).

gaita-de-foles. O apoio musical, que geralmente é dado durante estas acções, contribui para criar uma atmosfera festiva de puro divertimento favorecendo, ao mesmo tempo, a personagem que actua e que integra, sem se dar conta, o sistema de expressão e comunicação dos jogos de Expressão Dramática. Como diz Serra (2003: 145), estas práticas lúdicas e jogos dramáticos:

“ (...) conservam, de um modo mais evidente ou difuso, crenças e superstições herdadas das gerações passadas” e integram-se “no conjunto de cerimónias cíclicas que se constituíam como experiências fundamentais de vida e de morte, de estruturação, desestruturação e reestruturação do mundo similares às práticas das sociedades tradicionais”¹⁰.

Em todos estes actos está implícita uma fuga à vida séria e uma passagem para o mundo da ilusão, da dramatização, no qual o indivíduo mergulha, abstraindo-se por completo do mundo real, encenando, pela dança e pelo jogo, a ruína do universo para lhe assegurar o renascimento periódico. *“A Expressão Dramática leva-nos pois, à manifestação/exteriorização do que temos no nosso interior, através da **linguagem dramática** (linguagem da acção fictícia), que dá forma e comunicação à expressão”¹¹.*

Na expressão dramática a utilização de elementos plásticos (vestimentas e máscaras) acentua a dramatização e permite uma melhor introspecção, dando mais vida à acção. A expressão plástica sobressai também nas figuras bizarras dos mascarados, que transmitem um misto de diabólico e de mágico, através das suas máscaras e fatos e em muitos dos seus acessórios, como nos comprova Rocha (1992: 167) ao afirmar que os caretos *“trazem consigo o beneplácito do sobrenatural, pois os fatos, a mímica, a linguagem e os adereços (campainhas e moca), invulgares e nem sempre decifráveis, revestem a figura de uma áurea mítica e mística que se respeita e se recebe”*. As festas ocorrem no Inverno, com temperaturas mínimas quase sempre negativas e é, portanto, necessário que os materiais se coadunem com o rigor da estação, daí a utilização das mantas grosseiras de lã para fazer os fatos, nos quais são ainda colocadas camadas de franjas em lã feitas em tear, ou de tiras de tecido que os tornam ainda mais quentes. Sendo o vermelho a cor predominante dos fatos, na sua execução podem entrar outras cores, dependendo da localidade, que poderão passar pelo azul, o verde e

¹⁰ O autor cita Jorge Crespo. 1999. **Os jogos da morte e da vida. A aprendizagem do mundo**. Lisboa: Arquivos da Memória. N.º 6/7. p. 94.

¹¹ Guerra M. 2007. **Expressão dramática, clarificar conceitos e suas consequências**. <http://www.educacao-artistica.gov.pt/interven%C3%A7%C3%B5es/Manuel%20Guerra.pdf>, acedida em 25 de Março de 2009.

o castanho da serapilheira, até ao preto do fato da morte. No entanto, são quase sempre extremamente garridos e bem franjados, feitos com tiras de tecidos ou de velhas colchas de lã, as chamadas mantas ou colchas de canastra, geralmente em tons avermelhados, recamados ou arrematados com franjas de lã coloridas com predominância dos tons vermelhos, amarelos e laranjas – cores consideradas quentes e estimulantes na linguagem da expressão plástica porque nos transmitem a sensação de calor. Para alguns autores é “*estreito o vínculo entre cor e emoção. Na verdade as cores provocam reacções psicológicas no ser humano desde épocas muito antigas*”¹², algumas estimulam, outras tranquilizam, pois ao serem captadas pela visão e transmitidas para o cérebro, conseqüentemente refletem impulsos e reacções para o corpo. “*A simbologia da cor como suporte do pensamento simbólico na criação dos conceitos e na associação dos elementos é muito antiga e universal, embora as diferentes cores tenham simbologias diversas consoante as culturas*”¹³. Para os antigos Egípcios o preto era a cor da imortalidade, o verde era a cor da natureza e da saúde, o azul era a cor do ar, o amarelo era a cor do sol e do ouro e o vermelho da maldade e da violência. Em África, as cores revestem um valor mágico e são formas de exercer poder ou de defender de perigos e doenças, por exemplo, o vermelho é a cor da vida e o preto é a cor do mistério e do oculto. As tradições muçulmanas consideram que o amarelo é mágico e protector, o preto é negativo e o verde é uma cor positiva e de sorte. Segundo a psicologia analítica de Carl Jung, o verde é a cor da natureza e do crescimento, o azul é a cor espiritual e do pensamento, o vermelho é a cor do sangue e do sentimento e o amarelo é a cor do ouro e da intuição.¹⁴ A cor vermelha é também vulgarmente associada à figura do diabo e ao fogo, e simboliza dinamismo e criatividade, o perigo e a proibição, mas também simboliza o orgulho, a violência, a agressividade ou o poder. O amarelo transmite calor, luz e descontração e simbolicamente está associado à prosperidade. É também uma cor energética, activa que transmite optimismo.¹⁵ Segundo o *Feng Shui*¹⁶, o azul simboliza a Primavera e a renovação. O laranja relaciona-se com prosperidade, a alegria, a coragem, a satisfação, o poder, a criatividade e a produtividade. O

¹² Vários autores. 1991. **Técnicas dos Grandes Artistas: A Cor**. Lisboa: Difusão Cultural. p. 8.

¹³ **Cor (simbologia)**. In **Infopédia** [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2009. [www: <URL: http://www.infopedia.pt/\\$cor-\(simbologia\)>](http://www.infopedia.pt/$cor-(simbologia)>), acedida em 25 de Março de 2009.

¹⁴ *Idem*.

¹⁵ “A simbologia da cor”, http://ensinarevt.com/conteudos/teoria_cor/index.html, acedida em 26 de Março de 2009.

¹⁶ Técnica chinesa de harmonização de espaços baseada nos princípios filosóficos dos sábios chineses da antiguidade, segundo os quais cada cor possui e cria uma vibração energética específica. (Garcia, P. 2006. **A simbologia das cores no Feng Shui**. <http://natural--mente.blogspot.com/2006/06/simbologia-das-cores-no-feng-shui.html>, acedida em 26 de Março de 2009).

verde é a cor da esperança, representa um novo ciclo de germinação da vida, a fertilidade da terra, é a cor da longevidade.

Os fatos dos caretos são geralmente compostos de calças e casaco com capuz, de onde pode pender um grande entrançado com um pompom na ponta (dependendo das localidades) que é utilizado para bater nas raparigas. Os rapazes assim vestidos, conferem no seu conjunto, um movimento e um colorido extraordinário ao ambiente/espço das aldeias, que contrasta com a monocromia das vestes escuras das gentes locais e com os tons “terra” que a Natureza adopta nesta região em tempos frios de Inverno. À volta da cintura trazem, enfiados em grossos cintos de cabedal, camadas de chocalhos, que podem ir de oito a doze conforme a riqueza do fato, e, a tiracolo, coleiras de gado bovino com campainhas “*que tilintam a cada saracoteio do careto*” (Rocha, 1992: 167), sons que se caldeiam com a música laica da gaita-de-foles e trazem vida às aldeias que, nos nossos dias, cada vez mais, mergulham no silêncio das parcas gentes que as habitam. Como complementos trazem geralmente um pau – cajado com uma moca na ponta, chamado “cajoto” – “*muito útil para apoio nas suas deambulações e tropelias*” e para impor ordem no público (Tiza, 2004: 115). Em algumas aldeias trazem na mão uma bexiga de porco cheia de ar “*que parece conter um sentido de fecundidade*” (Pereira, 1985: 498) ou uma maçã, onde colocam as moedas que pedem para proveito próprio, durante os peditórios.

As máscaras, que lhes ocultam o rosto transfigurando a sua identidade, transportam-nos para uma experiência mais teatral, festiva e lúdica, em rituais de iniciação e possessão que favorecem o extravasar de instintos e os leva a acreditar que comungam com os seus antepassados, com os espíritos e com os deuses. A classificação das máscaras segundo Pereira (1985: 498) “*tem de ser feita a partir dos materiais em que são confeccionados, pois são determinantes na definição da sua estrutura formal*”. Por sua vez, os materiais de que são feitas depende muito do tipo de artesão especializado nesta arte. No Concelho de Bragança, região a que se circunscreve o nosso estudo, os materiais utilizados para executar as máscaras são geralmente: a madeira, a lata, a cortiça, o escrinho¹⁷, o couro e um pano ou renda.

As de lata e de couro são normalmente obras de indivíduos especializados na profissão de latoeiro, ou com conhecimentos em trabalhos de chapa metálica, e de sapateiro (duas

¹⁷ “Escrinho” é a designação genérica dada à cestaria feita a partir do colmo e da casca da silva desfiada. Esta técnica foi aproveitada por uma artesã da localidade de Baçal para a construção de máscaras, que constituem peças muito originais e de grande beleza. (Tiza, 2004: 241).

profissão que têm, nos dias de hoje, poucos seguidores). As de lata são condicionadas pela rigidez e pobreza do material e plasticamente são muito modestas. São todas muito parecidas quanto à forma: vazamento nos olhos e boca, um nariz bicudo aplicado e de queixo rectilíneo; as máscaras da Aveleda divergem ligeiramente, têm o nariz bicudo mas mais prolongado, o queixo é pontiagudo e têm chifres. A cor predominante é o vermelho e podem ter pintadas sobrancelhas, bigodes ou barbas. Em Rio de Onor, a máscara do careto é geralmente pintada de castanho, com aplicação de pêlos nas sobrancelhas e no bigode. Algumas máscaras têm a língua de fora, prolongada em exagero até ao queixo. As de couro “*adquirem qualidades plásticas sobretudo com o tempo: o envelhecimento do material, em certos casos altera o ritmo de serena expressividade (...) e a máscara assume uma feição espectral; em raros casos um tratamento pictórico realça sugestivamente esses valores*” (Pereira, 1985: 498). As de madeira são geralmente elaboradas por criadores habilidosos que utilizam “*artifícios grotescos, como certos traços anatómicos, figuras assimétricas e expressões fantasistas*” (Cravo, 2002: 154). Enquadram-se, segundo Pereira (1985: 498), no tipo realista, reproduzindo sempre um rosto humano intencionalmente desumanizado, recorrendo a artifícios singelos e ingénuos, com exagero de traços anatómicos e assimetrias que sugerem o fantástico e o grotesco, e se valoriza intencionalmente o burlesco. Plasticamente mais elaboradas, sobressaem-lhes o nariz adunco e grosseiro, os chifres e a boca, bem rasgada, com dentes. Já as de cortiça, são mais fáceis de trabalhar, podem ter uma forma muito semelhante às de madeira, ou apenas a forma circular, com aspecto mais tosco; são fixadas no rosto com auxílio de elásticos ou fios. As de escrinho ou palhinha são mais recentes e apareceram na aldeia de Baçal, graças à criatividade de uma artesã local. De forma muito rústica e monocromática, são geralmente de tamanho grande em relação à cara, necessitando de uma estrutura de apoio que as segure à cabeça. Em Rio de Onor, a “Filandorra” cobre a cara com uma renda branca. Em Bragança, a Morte o Diabo e a Censura têm incorporado no fato, inteiriço, as suas máscaras de tecido.

A cor que predomina nas máscaras, à semelhança das vestes, é o vermelho que também aqui se associa ao terrífico e ao diabólico. Para Maciel (1998: 85), os seus elementos decorativos relacionam-se com seres sobrenaturais e animais, “*figura de homem e figura de animal, ou figura de homem com traços perversos e distorcidos*”, que se conectam ao mundo dos mortos e, “*de um modo ou de outro, todas têm um aspecto terrífico e diabólico que causa um sentimento estranho a quem as observa*”.

2.3. O lúdico nas festas

Contam-se entre os costumes implantados pelos romanos no nosso território os dias festivos e as actividades lúdicas. As festas constituem momentos de exaltação nas celebrações das tradições locais e são sinónimo de divertimento e alegria e, acima de tudo, de convivência entre a população. Como refere Serra (2003: 147) *“em qualquer sociedade e civilização, no passado e no presente, os homens exterioriza(ra)m atitudes lúdicas (...) realizadas em tempo de desenfadamento, associadas aos trabalhos agro-pastoris e às festas”*. Todas as festas constituem:

“uma bem estruturada manifestação mística e lúdica das comunidades locais, dando-se num primeiro registo a celebração religiosa em honra do santo padroeiro (...) seguida de procissão, e num segundo registo surge a festa profana, garrida, vistosa, animada pela música que constituirá elemento central do baile e do arraial” (Fernandes, 2004: 43).

As Festas dos Rapazes seguem uma estrutura similar: há a componente religiosa – a missa, seguida, em algumas localidades, de procissão –, e a componente profana – diversos rituais de cariz lúdico protagonizados pelos rapazes, transformados em garridos caretos, ao som da gaita-de-foles e dos chocalhos; o convívio e as repetidas comezainas comunitárias, cujo desfecho é, na maioria das aldeias, o baile, para o qual os rapazes convidam as raparigas. Para Huizinga (1971: 34-35) nestas usanças lúdicas, o misterioso, o maravilhoso, o aleatório e o imponderável são ingredientes substantivos e imprescindíveis.

Para Caillois (1950: 96-99) o povo diverte-se, anima-se, festeja e quase sempre cai no excesso e *“não existe festa, mesmo triste por definição, que não comporte pelo menos um princípio de excesso e de pândega”* ela *“define-se sempre pela dança, o canto, a ingestão de comida, o beberete”* e é preciso, que *“toda a gente se divirta à grande, até se prostrar, até cair doente. É a própria lei da festa.”* É o excesso que acompanha a festa, elemento necessário para o sucesso das cerimónias celebradas, que contribuiu para renovar a natureza e a sociedade, refundi-las e rejuvenescê-las.

No domínio específico das práticas lúdicas tradicionais, que reflectem a maneira de pensar e de sentir das comunidades, enquadram-se os jogos que para Serra (2003:145) são *“um vestígio de ritos mágicos e religiosos ancestrais, respeitantes à rotação cíclica das*

sementeiras, das colheitas e das etapas mais marcantes da vida humana”. Caillois (1990: 9-18) classifica os jogos em diferentes categorias: “*jogos de sociedade, de destreza, de azar, jogos de ar livre, de paciência, de construção*”. Para ele a palavra «jogo» “*evoca por igual as ideias de facilidade, risco ou habilidade*” contribuindo para uma atmosfera de descontração ou de diversão, mas que assenta fundamentalmente no prazer de vencer o obstáculo, que muitas vezes é arbitrário, feito à medida do jogador. Huizinga (1971: 34-35) define «jogo» como “*uma acção livre, fictícia, situada para além da vida corrente, mas capaz de absorver o jogador*” e que se realiza “*num tempo e num espaço circunscritos, decorrendo ordenadamente sobre regras e suscitando relações grupais*”. Para Caillois (1990: 26) «o jogo» é “*essencialmente uma ocupação separada, cuidadosamente isolada do resto da existência, e realizada, em geral dentro de limites precisos de tempo e de lugar, havendo um espaço próprio para o jogo*” passando-se o mesmo com o tempo em que “*a partida começa e acaba quando se dá um sinal*”.

Assim, em algumas aldeias do Concelho de Bragança, dentro da dinâmica das manifestações lúdicas das festividades de Inverno, consideram-se jogos de força e de destreza a “*corrida da rosca*” e a “*galhofa*”, que se realizam tradicionalmente nas aldeias de Grijó de Parada e de Parada de Infanções durante as Festas de Santo Estêvão. A “*corrida da rosca*” é uma prova de velocidade, um jogo de carácter competitivo, realizado entre dois rapazes num espaço próprio, que é a rua principal da aldeia. Os prémios são as roscas de pão. A “*galhofa*” é um jogo de competição entre dois rapazes, que lutam corpo a corpo medindo forças e mostrando a sua superioridade física, apenas vestidos da cintura para baixo, cujo objectivo é obrigar o adversário a assentar as costas ou ombros no chão para o derrotar. Realiza-se à noite, num curral cujo chão é forrado a palha, e apenas os homens podem participar e espectar. No final destas provas/jogos, que ditam o estatuto de maturidade dos jovens, há lugar para a confraternização entre vencedores e vencidos.

Tendo em conta as “*apetências ou pulsões*” fixadas por Caillois (1990: 87-88) dentro dos princípios do jogo, as que se podem identificar nestes dois jogos são: “*a necessidade de afirmação, a ambição de se mostrar o melhor*” dentro do círculo dos rapazes da aldeia e entre os rapazes das aldeias vizinhas, que com eles vêm competir, e “*o desejo de se prestar a uma prova de forças, de habilidade, de rapidez, de resistência, de equilíbrio, de astúcia*” com a intenção de ser reconhecido como adulto pela comunidade e de contribuir para a vitória da aldeia, reforçando a identidade colectiva.

Os sons da música da gaita-de-foles, guerreiras e profanas de origem medieval, que ecoam por toda aldeia assinalando o começo da festa e chamando os rapazes a prestar as suas funções, são as referências sonoras das gentes que vivenciam as festividades de Inverno por estas terras, carregando, num processo dinâmico, as marcas culturais importantes da identidade do povo. A gaita-de-foles é o instrumento principal com que se soleniza a festa e tem grande importância nas festas solsticiais. Está presente em todos os acontecimentos desde a “alvorada”, que anuncia o início da festa, aos “peditórios”, à “saudação” e ao “cantar dos reis”, até à “missa” e, mesmo depois de proibida “*pelas normas unificadoras do poder de Roma*” (Prada, 1995: 357), o seu uso nas igrejas foi resistindo ao longo dos tempos por terras recônditas do interior nordestino. Durante a festa, o gaiteiro toca, contribuindo para a diversão do povo que dança ao som da música nos bailes de convívio que encerram os dias de festa. A música popular da gaita-de-foles é, quase sempre, acompanhada pelo ritmo suave de dois instrumentos de percussão – o bombo e a caixa – que, em associação com as danças executadas pelos mascarados, esconjuram e renovam os maus espíritos que pairam na natureza. Caillois (1950: 109) considera que a dança, “*não é senão «a representação dramática do mito relativo à aquisição do espírito» e, por consequência, do dom que ele personifica*”. Em algumas localidades do distrito de Bragança, a dança acarreta um maior significado e integra sempre a festa, transformando-se em dança “*mágica*” e “*sagrada*” pela qual, como refere o mesmo autor, “*os jovens encarnam os espíritos, para adquirirem os dons que eles dispensam e apropriarem-se dos poderes que eles possuem identificando-se com eles*”.

2.4. Os mascarados e as suas funções

Em Trás-os-Montes, as Festas de Inverno são o tempo e o espaço próprios para a máscara deixar de ser um mero símbolo isolado do seu significado e passar a assumir-se, como nos dizem Barros e Costa (2003: 197), como um “*elemento social, cultural e universal ligado desde os tempos primitivos ao culto dos mortos*” com funções bem definidas nos rituais ligados às tradições do povo transmontano. Os rapazes são os seres que as “animam” em registos lúdicos, artísticos e sociais, no contexto das festas, movimentando-se no domínio

do ilícito em rituais ligados à transgressão e à licenciosidade. Por essa altura, como menciona Tiza (2004: 208), eles exercem as suas funções:

“transformam-se em seres diferentes, superiores, míticos e proféticos, sagrados e profanos, gozando, por isso, de uma força e liberdade quase sem limites, com a faculdade de destruir, criticar, troçar ou acariciar segundo a sua vontade; faculdades de ligar o natural ao sobrenatural, esconjuram os males sociais prevenir e preparar o devir de toda a comunidade a que pertencem, que os alimenta e que lhes confere legitimidade para a sua existência”.

Este tipo de comportamentos e interacções, mais ou menos impunes e abusadores dos mascarados representam ilusoriamente a inversão dos valores da comunidade, mas têm por objectivo a afirmação e o reforço da regra, o *“reforço da identidade colectiva, contribuindo para a normalização das relações entre os membros do grupo de jovens e para a revitalização do corpo social da aldeia”* (Pereira, 1985: 501).

Ao mascarado, no desempenho das suas funções profanas, relacionadas outrora com o sagrado e o mágico, basta-lhe pôr a máscara e o traje, habilidosamente ideados à imagem da sua noção de medo, longe dos olhares curiosos, para provocar o empolgamento e despertar o medo e a estranheza. Como refere António Cravo (2002: 151), ele esconde-se para uma melhor expressão e uma mais forte impressão no corpo social, por detrás de disfarces, numa arrogância sobre-humana, para agir sobre os elementos da Natureza e convencer os elementos do seu grupo, que disfarçados com máscaras e outros complementos, se conduzem até aos segredos dos espíritos, convictos de que, assim, melhor podem conviver com eles, mesmo com os maus ou demónios.

Aos olhos do povo o mascarado assume-se como uma figura mágico-demoníaca que, segundo Tiza (2004: 116), no passado pagão estariam relacionadas:

“com o sagrado e o mágico: o culto dos deuses, a ligação com os mortos, a expulsão dos maus espíritos e das enfermidades, a representação dos trabalhos fundamentais da comunidade, o estímulo à reprodução da Natureza, através das figuras zoomórficas das máscaras”.

Nas Festas de Inverno transmontanas, os caretos ou mascarados exercem, paralelamente, outras funções. Em Parada de Infanções e em Grijó de Parada, o careto guia e mantém a ordem no “ritual do carro” e na “corrida da rosca” – com o seu cajado, orienta o

percurso do carro e mantém a ordem na assistência –. A mesma função organizativa é atribuída aos dois “caretas” da festa de Santo Estêvão, em Rebordãos, que representam a autoridade e a ordem, controlando com as suas verdascas – elemento constituinte da sua indumentária e representativo o seu poder – a entrada dos convidados no espaço da grande refeição comunitária, a “Mesa de Santo Estêvão”, e proclamam os novos mordomos, que conduzem para a cabeceira da mesa, para junto dos velhos mordomos e da imagem do Santo.

As funções purificadoras e profiláticas, segundo Ferreira e Perdigão (2003: 19), manifestam-se em muitas das atitudes dos “caretos”, por exemplo, nos gritos, nas chocalhadas, nos saltos e danças desordenadas, nos mergulhos no rio, na aplicação de castigos às moças e multas aos forasteiros, nas entradas das casas com a maior sem-cerimónia, nos furtos de peças de fumeiro; tudo aparentemente executado de forma espontânea, mas devidamente pensado para desempenho de ritos convergentes num só sentido e finalidade, a afirmação do mascarado como ser superior, mágico, profético e transcendente.

As suas funções propiciatórias são materializadas nos peditórios de fumeiro, dinheiro e todo o tipo de produtos, que os caretos fazem de casa em casa e que revertem em benefício das almas dos defuntos, do Menino Jesus ou de Santo Estêvão.

De referir, ainda, as funções expurgatórias, ritualizadas pela crítica social e pela denúncia pública, através da ridicularização e da censura dos desvios comportamentais dos habitantes da aldeia, com o sentido de preservação e controlo das relações sociais.

Como nos dizem Ferreira e Perdigão (2003: 9-25) é assim que os mascarados presentes no ciclo do Inverno do Nordeste Transmontano “*continuam a desempenhar as funções purificadoras, profiláticas e propiciatórias da abundância e da fertilidade da Mãe-Natureza*”.

3. Património e Cultura Populares

O homem sentiu, desde sempre, necessidade de criar obras, materiais e objectos úteis para a sua sobrevivência. Sempre gostou de exteriorizar os seus sentimentos e de criar e exprimir, com beleza, actos importantes para o seu viver: inventou a música, a dança, o canto, o teatro, os brinquedos, os jogos, a poesia, um mundo de linguagens e objectos que o faziam feliz e o punham em franca convivência com os outros. Deste fenómeno social de criação comum entre os homens e da acção que exercem uns sobre os outros, foi nascendo a sua cultura. Com trabalho, imaginação e talento criador, o homem foi criando o seu património cultural. Também soube, muitas vezes, transformar influências que foi obtendo, directa ou indirectamente, de contextos culturais e naturais variados, e das suas interacções com o ambiente onde vive, e soube, também, reter as soluções e saberes que mais lhe interessavam, transformando-os “*em elementos próprios, em longas ou, por vezes, extremamente rápidas aculturações, incorporando em seu benefício tudo quanto lhe agradasse ou constituísse aprendizagem útil*” (Pacheco, 1985: 22).

A Conferência Geral da UNESCO¹⁸ para «Protecção do Património Mundial Cultural e Natural», de 17 de Outubro a 21 de Novembro de 1972, reunida em Paris, na sua décima sétima sessão, enunciou, no seu art.º 1.º, o conceito de «Património Cultural» como «Monumentos, Conjuntos e Lugares» sem abranger a noção de cultura associada à dinâmica social – património cultural imaterial. Posteriormente, a Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, realizada em Paris, a 17 de Outubro de 2003, modificou o conceito anterior, adicionando-lhe a noção de «Património Cultural Imaterial», que o art.º 2.º define como:

“(...) as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objectos, artefactos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu património cultural. Este património cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interacção com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de

¹⁸ UNESCO, denominação de “Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura”.

identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana”.

Nesta definição de «Património Cultural Imaterial» são incluídas, entre outras, “as expressões artísticas; as práticas sociais, rituais e actos festivos; os conhecimentos e práticas relacionadas à natureza e ao universo e as técnicas artesanais tradicionais”. Elementos que constituem as memórias culturais e a herança de um povo – a sua identidade.

Amadou-Mahtar M’Bow, antigo Director Geral da UNESCO, definiu «Identidade Cultural» como:

“(…) um princípio de afirmação, de criação e de livre determinação, através da qual cada povo exprime a continuidade entre o seu passado, o seu presente e o seu futuro, ao mesmo tempo que se constitui em medida de poder contribuir para enriquecer e fecundar o património comum da Humanidade”¹⁹.

Pacheco (1985: 9) diz que a identidade de um povo se vai formando através da sua história, das suas conquistas, “*de glorificar aquilo em que acredita, de expandir as suas satisfações individuais ou as da sua comunidade*”. Assim aconteceu com as tradições inerentes às festividades de Inverno transmontanas que perduraram até aos nossos dias, continuando a manter-se fiéis às suas vertentes ruralistas e que representam vestígios de usos e costumes herdados dos povos primitivos que deambularam por estas paragens, constituindo um dos maiores tesouros do nosso património etnográfico.

3.1. Defesa e valorização do património sociocultural e artístico

A Constituição da República Portuguesa consigna no seu art.º 9.º, alínea e), como uma das «Tarefas Fundamentais do Estado», a de «Proteger e valorizar o património cultural do povo português».

A Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, da UNESCO, entende por “salvaguarda” do património cultural imaterial, art.º 2.º, ponto 3, as medidas que visam garantir a sua viabilidade, tais como: “*a identificação, a documentação, a investigação,*

¹⁹ Afonso, J. C. 2006. **Glossário de Termos de Património (Compilação de Conceitos e Definições)**, <http://www.oa-castelobranco.org/conteudos/files/GLOSSARIO%20DE%20TERMOS%20DE%20PATRI>, acedida em 01 de Abril de 2009.

a preservação, a protecção, a promoção, a valorização, a transmissão – essencialmente por meio da educação formal e não-formal – e revitalização deste património nos seus diversos aspectos”.

No que diz respeito às Festas de Inverno com mascarados do Concelho de Bragança é imperativa a preservação de todas as tradições e rituais a elas consagrados, promovendo o desvendar de uma herança cultural e o seu reconhecimento junto daqueles que dela descendem. Para Pacheco (1985: 19), entre “*os instrumentos de qualquer esforço de identificação e divulgação das raízes culturais de um povo, encontra-se, à partida, a necessidade de um reconhecimento daquilo que o povo cria, criou ou recriou*”, para se proceder à tarefa indispensável e inadiável de divulgação e difusão.

Os meios utilizados na divulgação destas festividades no Distrito de Bragança, têm sido, agora, mais do que nunca, objecto de uma dedicação incansável por parte das autarquias e demais instituições culturais da cidade. A criação do Museu Ibérico da Máscara e do Traje, o Projecto «Mascararte/Bienal da Máscara» – projecto pedagógico e cultural que se realiza bianualmente na cidade de Bragança e que promove manifestações culturais variadas (exposições, colóquios, cortejos de mascarados, feiras, teatros, espectáculos musicais, entre outros) para a divulgação das máscaras e mascarados e das tradições a eles associadas, a nível local, nacional e internacional, e a dinamização de desfiles anuais de caretos com participação das escolas, são exemplo de acções que vieram revitalizar estas tradições.

Hoje em dia, devido à diminuição acentuada de rapazes jovens nas comunidades rurais transmontanas, fenómeno que tem impedido em algumas aldeias a sua realização pondo em causa a sua sobrevivência, o povo foi admitindo alterações aos rituais: permitiu às raparigas, crianças e homens casados mascararem-se para darem cumprimento a estas tradições ancestrais; alterou datas das festividades, fazendo-as coincidir com os fins-de-semana mais próximos, para que os rapazes que estão fora da terra, nas grandes cidades ou emigrados, possam estar presentes e cumpram os ritos da tradição. Para uns, estas alterações são consideradas uma inovação, para outros, uma quebra de tradição, mas há os que, como nós, comungam da ideia de Levi-Strauss (1989: 17) quando diz que:

“Há certas coisas que perdemos e que devíamos fazer um esforço para as conquistar de novo, porque, no tipo de mundo em que vivemos com o tipo de pensamento científico a que estamos sujeitos, talvez não possamos reconquistar

tais coisas como se nunca as tivéssemos perdido; mas podemos tentar tornar-nos conscientes da sua existência e da sua importância”.

Actualmente chegam ao distrito, cada vez mais turistas nacionais e estrangeiros, jornalistas e estudiosos, que se interessam pelos rituais dos mascarados, no entanto:

“ (...) os mais pessimistas consideram as influências externas como negativas, havendo mesmo quem condene a presença de forasteiros no momento da celebração, esquecendo-se que a cultura não é algo de estático e que só sobreviverá adaptando-se à sociedade em constante transformação e evolução, sem renunciar à sua essência” (Canotilho, 2005:17).

Jacob (1995: 387) preconiza que se está a dar um esvaziamento do conteúdo e da dinâmica sócio-cultural que envolvia estas festividades, sob o pretexto de lhes conferir “protecção” ou “continuidade”, tentando revitalizar essas “tradições antigas” em aldeias que já não as realizavam há muitos anos, retirando-lhes todas as envolvências vernáculas e que:

“(...) de um modelo com características predominantes de reciprocidade, igualitarismo e de vernaculidade pode passar-se, rapidamente, para um modelo de economia de mercado, de tipo organizativo estatal e de ideologia institucional”.

Cada vez mais, os grupos de mascarados e artesãos, num incentivo à continuidade na produção de máscaras e de trajes, são chamados a colaborarem nos mais variados eventos de carácter cultural, transpondo os “muros” das localidades esquecidas do interior transmontano e extravasando a cultura do seu povo, no que de mais original e autêntico possui, para a erudição geral.

3.2. O papel da escola na valorização do património de uma região

A exploração pelas linguagens dramática e plástica das abordagens culturais de uma região são indispensáveis para uma verdadeira educação e para a preservação do património cultural local.

O Ministério da Educação (2001: 155), dentro das competências essenciais definidas para a Educação Artística/Educação Visual, refere que:

“A escola, nas suas múltiplas experiências educativas, deve proporcionar o acesso ao património cultural e artístico, abrindo perspectivas para a intervenção crítica. Neste contexto as Artes Visuais, através da «experiência estética e artística», propiciam a criação e expressão, pela vivência e fruição deste património, contribuindo para o apuramento da sensibilidade (...)”.

A escola tem por isso um papel muito importante, pois, utilizando a diversidade de áreas curriculares, nomeadamente a da Expressão Artística, pode proporcionar aos alunos o prazer de conhecer o seu património artístico e cultural e a compreensão do mundo que os rodeia, motivando-os para se tornarem agentes da sua preservação, muito para além da sala de aula. Pois, como nos diz Pacheco (1985: 21), *“Defender o nosso património colectivo é, antes de tudo conhecê-lo; para que não se possa dizer, também, a este respeito: «fizeram pouco de mais, tarde de mais»”.*

3.3. Construção de experiências de aprendizagem

No Currículo Nacional do Ensino Básico, encontram-se propostas de experiências de aprendizagem a integrar a Educação Artística que englobam, entre outras: a participação na realização e produção de eventos artísticos; assistir a espectáculos ou exposições de estéticas diversificadas; conhecer o património artístico nacional; intercâmbios entre escolas e outras instituições; a experimentação de diferentes formas e técnicas de criação e de processos comunicacionais. No âmbito da História, campo onde se insere o conhecimento do património sociocultural e artístico, o mesmo documento direcciona para as experiências de aprendizagem as seguintes actividades: a pesquisa individual ou de grupo; o recurso orientado a museus, o contacto/estudo directo com o património histórico-cultural regional/local; o intercâmbio com instituições políticas, sociais, civis, culturais e económicas do meio; a articulação horizontal (parceria com outras disciplinas ou áreas) que permitam a mobilidade dos saberes históricos; a divulgação e a partilha do conhecimento histórico através do envolvimento directo dos alunos na organização e participação em exposições, debates, colóquios, entre outros, de acordo com metodologias próprias de dinamização, ao nível da turma, da escola ou da comunidade.

Nesta investigação, tentaram conciliar-se estas duas áreas e realizar com os alunos uma acção, ou Projecto Pedagógico, que os envolvesse no conhecimento do seu património cultural, as tradições das Festas de Inverno com mascarados do Concelho em que vivem, através da Expressão Artística – Expressões Visual e Plástica.

3.4. Actividades a realizar para reavivar as tradições

O contexto social e cultural em que a escola se insere é muito importante para a determinação dos processos de aprendizagem e determinação dos variados meios utilizados pelo professor para transmitir conhecimento. Com o objectivo de encorajar e motivar os alunos para, através da arte com as suas variadas formas de expressão, desenvolverem competências e experiências de aprendizagem que os possam tornar mais receptivos para a preservação e valorização das tradições locais, poder-se-ão desenvolver variadíssimas actividades: visitas a museus temáticos; levantamento de informação sobre as tradições locais individualmente ou em grupo; recriação artística de elementos e acontecimentos ligados às tradições utilizando diferentes vertentes – plástica, visual, dramática e musical, dinamização; animação artística com organização e realização de exposições e colóquios para grupos (turma, escola ou comunidade local), entre outras.

CAPÍTULO II – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

1. Características do Estudo

1.1. Problema

O despovoamento assustador do interior do nosso país, no qual se inserem as freguesias do Concelho de Bragança, leva ao envelhecimento acentuado da sua população sem que se preveja um rejuvenescimento a curto ou a médio prazo. É a procura de melhores condições de vida e de trabalho, aliada à baixa taxa de natalidade, que mais têm contribuído para este fenómeno. Esta falta de pessoas implica um decréscimo nos investimentos em infra-estruturas e equipamentos, arreigado à desculpa de que são investimentos pouco rentáveis e não garantem a permanência de jovens nestas terras. Este binómio, causa e efeito, transforma-se num ciclo vicioso que continua a agravar-se. Aliado a isto, está em causa a sobrevivência de todo um património sociocultural milenar do qual fazem parte as tradições e costumes culturais destas gentes, e que constitui a sua identidade, como as Festas de Inverno Transmontanas.

Nos tempos que correm, os nossos alunos vêem-se envolvidos e absorvidos por tecnologias muito apelativas e por avançados meios de comunicação que os afastam, cada vez mais, das tradições e costumes da sua região. Por este facto, participam pouco nas manifestações culturais e artísticas ligadas às tradições das suas terras e gentes, acabando por conhecê-las mal e, por conseguinte, pôr em risco a sua preservação. Desta forma, o papel das escolas é muito importante e cabe aos professores a tarefa de os motivar e sensibilizar para que eles se mobilizem na divulgação da sua cultura e tradições, assegurando-lhes a continuidade. Neste propósito, levantou-se o seguinte problema: “De que modo pode a disciplina de Educação Visual e Tecnológica (EVT) contribuir para reavivar as tradições das Festas de Inverno do Concelho de Bragança?”

1.2. Objectivos/Pressupostos

Para responder ao problema formulado neste estudo: “De que modo pode a disciplina de Educação Visual e Tecnológica (EVT) contribuir para reavivar as tradições das Festas de Inverno do Concelho de Bragança?”, foi planificada uma acção/Projecto Pedagógico, constituída por um conjunto de actividades a desenvolver com os alunos no âmbito desta disciplina. Para tal, definiram-se os seguintes objectivos/pressupostos:

- Compreender como podem os alunos ser integrados num Projecto Pedagógico, no âmbito da disciplina de EVT, que reaviva as tradições ligadas aos Caretos e às Festas de Inverno do Concelho de Bragança;
- Compreender como os alunos participantes cooperam e recebem as propostas de actividades relacionadas com as tradições ligadas aos Caretos e às Festas de Inverno do Concelho de Bragança;
- Compreender se as actividades propostas pela investigadora, no âmbito do Projecto Pedagógico que visa reavivar as tradições ligadas aos Caretos e às Festas de Inverno do Concelho de Bragança, possibilitam aos alunos a aquisição de conhecimentos sobre o tema;
- Compreender se a mostra dos trabalhos realizados pelos alunos constituiu um veículo para reavivar as tradições locais e para sensibilizar as pessoas para a necessidade de preservar essas tradições.

2. Método de Investigação

2.1. Escolha do método de investigação

Optou-se pelo desenvolvimento de uma investigação com características qualitativas e com procedimentos que podem enquadrar-se numa investigação-acção, uma vez que se pretende contribuir para a mudança de uma determinada realidade, constatada pela investigadora enquanto docente, que é o facto dos alunos conhecerem pouco as tradições

ligadas às Festas de Inverno do Concelho de Bragança com mascarados. Pretendendo-se lidar *in loco* com este problema concreto, de modo a minimizá-lo, este tipo de investigação permite que a professora se torne ao mesmo tempo investigadora, intervindo no contexto sala de aula, explorando uma acção pela prática.

2.2. Método de investigação-acção

O método de investigação-acção, utilizado em investigação educacional, insere-se no grupo dos métodos qualitativos, dando-se maior importância ao processo pelo qual a investigação se desenvolve do que aos resultados obtidos pelo mesmo. Van den Akker (1999), refere-se à investigação-acção como sendo uma investigação com fins de desenvolvimento, ao mesmo tempo, com contributos práticos. Na busca de soluções inovadoras para os problemas levantados no seio educativo, a interacção no terreno é essencial e o seu propósito não é tanto a preocupação em obter um conjunto de conhecimentos teóricos generalizáveis, mas antes, um conjunto de conhecimentos práticos, uma vez que se lida directamente com o comportamento humano e com possíveis constrangimentos a ele associados.

A investigação-acção tem como intuito realizar um projecto de intervenção, elaborado em função das necessidades que ocorrem no meio, cabendo ao professor, assumir, simultaneamente, o papel de investigador e o de interveniente, na medida em que criou a estratégia de aprendizagem ou acção, que manipulará, de modo a obter o efeito desejado. Podemos então definir, o efeito procurado como sendo a *variável dependente* e o tipo de intervenção a *variável independente*.

2.3. Características da investigação-acção

Algumas das principais características do método de investigação-acção segundo Cohen e Manion (1994) e Denscombe (1999) são as seguintes: a) *Prática/Situacional* – porque o seu objectivo é lidar com problemas reais, procurando diagnosticar um problema num contexto

específico e tentar solucioná-lo nesse mesmo contexto. A mudança é vista como parte integrante da investigação; b) *Colaborativa* – pois os professores têm uma participação activa, uma vez que são os principais intervenientes no processo de investigação. Quer actores, quer investigadores, contribuem para o projecto de investigação-acção; c) *Empírica/Cíclica* – pois baseia-se, sobretudo, em dados de observação, de cuja análise e interpretação decorre a acção. A investigação pode envolver um conjunto de ciclos, nos quais as descobertas iniciais geram possibilidades de mudança que são, então, implementadas e avaliadas como introdução do ciclo seguinte; d) *Auto-avaliativa* – As modificações são, continuamente, avaliadas e monitorizadas, numa perspectiva de flexibilidade e adaptabilidade.

2.4. Fases da investigação-acção

Muitos autores definem o procedimento da investigação-acção como um ciclo em espiral. Cohen e Manion (1994) sugerem para a concretização de um projecto de investigação-acção oito etapas: 1.^a – a identificação, avaliação e formulação de um problema; 2.^a – a discussão preliminar e negociação entre as partes envolvidas: professores, investigadores e patrocinadores; 3.^a – em algumas situações, pode desenvolver-se uma revisão bibliográfica para encontrar pontos de convergência com outros estudos; 4.^a – a modificação ou redefinição do problema inicial; 5.^a – a escolha dos procedimentos de investigação: amostras, instrumentos, recursos, etc.; 6.^a – a escolha dos procedimentos de avaliação que deverá ser contínua; 7.^a – a implementação do projecto e, em simultâneo, a recolha de dados; 8.^a – a interpretação dos dados, as conclusões e a avaliação global do projecto.

Para este estudo tomámos como referência as fases definidas por Kuhne e Quigley (1997). Para estes autores a investigação-acção é um processo cíclico, que envolve três fases: fase de planificação (definição do problema, a definição do projecto e o processo de medição), fase de acção (implementação do projecto e o processo de observação) e fase de reflexão (processo de avaliação. Se neste momento não se encontrar a solução do problema, parte-se para o segundo ciclo).

Assim, podem ser definidos três níveis de operações distintas:

-
- As operações de pré-intervenção, que compreendem a pré-observação, a escolha do problema, a planificação do projecto e a delineação de um calendário de operações.
 - As operações de intervenção que compreendem a intervenção no terreno, o ensaiar do projecto, a observação e registo da intervenção.
 - As operações de avaliação, que compreendem a avaliação dos resultados da intervenção, a apresentação dos resultados, as limitações do projecto, as conclusões e as hipóteses que potenciem novas actuações.

3. Contexto da Pesquisa - O Projecto Pedagógico (PP)

Esta investigação teve lugar na escola sede do Agrupamento de Escolas Paulo Quintela de Bragança, a Escola E.B. 2, 3 Paulo Quintela. É uma escola que apresenta boas condições para a actividade lectiva pois as suas instalações foram recentemente ampliadas e remodeladas. Esta escola foi seleccionada para desenvolver este projecto, por ser o local de trabalho da investigadora e por ser uma escola muito dinâmica, que apoia projectos inovadores que envolvam os alunos em experiências enriquecedoras das suas aprendizagens.

Este estudo foi realizado no âmbito das aulas de EVT, integrado na Unidade de Trabalho (UT) de Carnaval, com as três turmas que a investigadora lecciona, contando com a colaboração dos seus colegas/pares pedagógicos. O trabalho com os alunos desenvolveu-se entre os dias 5 de Janeiro de 2009 e 19 de Fevereiro de 2009 – no entanto as exposições dos trabalhos perduraram para lá desta data – durante vinte e oito aulas para cada turma, com a duração de quarenta e cinco minutos cada, funcionando em dois blocos de noventa minutos semanais.

As aulas desenvolveram-se em duas salas diferentes (Anexo 2), a sala A5 (onde trabalhámos com uma turma) e a A7 (onde trabalhámos com duas turmas), salas com arrecadações para guardar os trabalhos, com armários e um ferramental com todo o material de apoio para os alunos realizarem os seus trabalhos e com uma máquina e caixa de costura em cada arrecadação, material essencial para a execução dos fatos.

3.1. Alunos participantes

O PP, acção desta investigação, foi desenvolvido com setenta alunos pertencentes a três turmas do 5º ano de escolaridade, oriundos na sua grande maioria da cidade e os restantes das aldeias circundantes que aqui, por questões éticas, foram retratadas como: **Turma 1**, **Turma 2** e **Turma 3**.

A **Turma 1** era constituída por vinte e seis alunos, treze raparigas e treze rapazes, com idades compreendidas entre os nove e os doze anos, sendo a média de idades de 10 anos. A **Turma 2** era constituída por dezassete alunos, quatro raparigas e treze rapazes, com idades compreendidas entre os nove e os doze anos, sendo a média de idades de 10,1 anos. A **Turma 3** era composta por vinte e sete alunos, doze do sexo feminino e quinze do sexo masculino, com idades compreendidas entre os nove e os onze anos, sendo a média de idades de 10 anos.

A escolha destas turmas deveu-se ao facto de serem conhecidas e leccionadas pela investigadora, que se serviu do seu ambiente natural de trabalho para recolha de dados, facilitando-se, assim, a integração/fusão do PP na unidade de trabalho relacionada com “O Carnaval”, a obtenção de informação sobre as turmas e a eventual necessidade de comunicação e cooperação com os encarregados de educação e restantes docentes das turmas. Uma das turmas era a direcção de turma da investigadora.

3.2. Professores participantes

Os professores que colaboraram com a investigadora foram aqueles que com ela leccionaram, em regime de par pedagógico, a disciplina de EVT. Os seus nomes foram, por razões éticas, substituídos pelas iniciais.

O professor P, pertencente ao Quadro de Escola, é licenciado em Educação Tecnológica e conta já com trinta e três anos de serviço. É par pedagógico da investigadora desde o ano lectivo de 2000/2001 e leccionaram a **Turma 1**. A professora L é licenciada em Educação Visual e Tecnológica e tem onze anos de serviço. Esta e a investigadora conhecem-se desde o ano de 2006, quando a professora L, pertencente aos Quadros de Zona Pedagógica, foi

colocada nesta escola. Juntas trabalharam com a **Turma 2**. Finalmente, a professora R, com formação académica em Educação Visual e Tecnológica e com um CESE²⁰ em Estudos Superiores de Apoio a Populações Especiais, com trinta e quatro anos de serviço, foi par pedagógico da investigadora durante este ano lectivo, 2008/2009, leccionando a **Turma 3**. No entanto, esta e a investigadora conhecem-se há oito anos.

No decorrer do PP, a professora R, por motivos de saúde, teve de ser substituída pela professora G, que foi colocada na escola em regime de destacamento. Esta é licenciada na Variante de Educação Visual, tem doze anos de serviço e é conhecida da investigadora há 10 anos.

3.3. Entidades colaboradoras

Colaboraram com a investigadora o Conselho Executivo (CE) e o Conselho Pedagógico (CP) da escola onde se desenvolveu o PP. As actividades principais do projecto foram integradas no Plano Anual de Actividades do Departamento (Anexo 3), desde o primeiro período, altura em que se dava conhecimento delas ao Coordenador de Departamento. A escola disponibilizou materiais e espaços para a realização da maior parte das actividades do PP.

A Câmara Municipal de Bragança, mais directamente o pelouro da cultura, disponibilizou, para a visita ao Museu Ibérico da Máscara e do Traje, entradas gratuitas e guia de visita.

A Junta de Freguesia da Sé viabilizou o transporte para as deslocações com as três turmas implicadas no PP ao referido museu.

O professor da disciplina de História, António Tiza, investigador das tradições transmontanas, aceitou o convite formulado pela investigadora para a realização de uma palestra temática na escola e a apresentação do seu livro “Inverno Mágico”, que fala das Festas de Inverno Transmontanas.

²⁰ CESE - Cursos de Estudos Superiores Especializados, criados pela Portaria n.º 751/ 86, de 17 de Dezembro, que conferiam diplomas equivalentes a licenciaturas. (Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior)

Para apresentar à comunidade local os trabalhos desenvolvidos no PP e mostrar o contributo que a escola pode dar para reavivar as tradições ligadas às Festas de Inverno do Concelho de Bragança, a administração do Bragança *Shopping* disponibilizou, no 3º piso, o espaço para a sua exposição, que durou todo o mês de Março.

3.4. Função da investigadora

Ainda antes de ser pedida a autorização para a implementação do PP na escola foi necessário, em primeiro lugar, proceder à discussão preliminar e negociação entre as partes envolvidas: investigadora, Órgãos de Gestão da escola, professores cooperantes, alunos e entidades locais colaboradoras/patrocinadoras. A todos foi apresentada previamente a planificação do PP (Anexo 6) para obter o aval da sua colaboração na aplicação deste.

Os alunos visados foram naturalmente implicados no PP, uma vez que este foi transformado numa UT disciplinar referente ao Carnaval (Anexo 7), e no papel de investigadora estava a sua professora. No entanto, foram-lhes dados a conhecer, desde o início, os objectivos gerais do trabalho que iriam realizar, os propósitos e a dinâmica da investigação. Tendo sido por eles aceites, foi pedida a respectiva autorização aos encarregados de educação (Anexo 8).

Tratando-se de uma investigação com características de uma investigação-acção, com protagonismo activo e autónomo da investigadora que conduz o processo de investigação, o papel assumido pela investigadora foi sempre o de observadora participante. Foi ela quem propôs a acção – instrumento utilizado para ajudar a colmatar o problema detectado e, integrando o meio a investigar –, “vestiu” o papel de “actor-observador” para um acesso rápido e directo às perspectivas dos alunos e para a recolha imediata dos dados.

4. Dados da Investigação

4.1. Recolha de dados

Quem utiliza a investigação-acção, faz não só uma reflexão sobre as suas práticas mas, também, um uso das técnicas de investigação que suportam e sistematizam essa reflexão (Denscombe, 1999). Por esta razão, Winter (1996), refere a necessidade do uso de algumas técnicas, tais como: manter um diário de impressões subjectivas com descrições dos encontros mantidos e das lições aprendidas, recolher documentos relativos a uma determinada situação, usar questionários de formato aberto ou fechado, entrevistar os colegas ou outros, efectuar gravações áudio ou vídeo de entrevistas ou encontros, registar por escrito encontros ou entrevistas com outros participantes. Cohen e Manion (1994) consideram que as várias fases do processo de investigação-acção devem ser monitorizadas por mecanismos (questionários, diários, entrevistas, estudos de caso, observação, que pode ser participante ou não participante, entre outros), que permitam fazer uma observação das situações e dos factos, para efectuar modificações, reajustamentos, redefinições ou mudanças de direcção, sempre que seja necessário. Para Lessard-Hébert (1996), além das técnicas de recolha de dados, é imprescindível a definição de momentos de avaliação, que deverão ocorrer “antes da intervenção (pré-teste), durante a intervenção (diário de bordo, grelha de observação sistemática, instrumentos de avaliação formativa), e/ou depois da intervenção (pós-teste, entrevista).

Assim, neste estudo, os dados resultaram da análise feita aos questionários aplicados aos alunos, aos trabalhos dos alunos e aos comportamentos observados em relação à realização desses trabalhos, às fichas de avaliação dos trabalhos, às notas recolhidas em situações de sala de aula e fora da sala de aula, tendo-se tentado respeitar o seu conteúdo, firmando a ideia de Bogdan e Biklen (1994) que:

“Na sua busca de conhecimento, os investigadores qualitativos não reduzem as muitas páginas contendo narrativas e outros dados a símbolos numéricos. Tentam analisar os dados em toda a sua riqueza, respeitando, tanto quanto o possível, a forma em que estes foram registados ou transcritos.”

Numa fase preliminar à aplicação do PP – antes da intervenção – aplicou-se um questionário (funcionando como pré-teste) aos alunos para procurar saber quais os conhecimentos que estes tinham sobre “os Caretos e as Festas de Inverno do Concelho de Bragança” e auscultar a sua opinião sobre a aplicação, na escola, de um projecto com actividades que reavivassem as tradições locais a eles ligadas. Numa segunda fase, durante a aplicação do PP – durante a intervenção ou trabalho de campo –, utilizou-se o registo de notas de aspectos considerados relevantes, tais como, os comentários e os comportamentos tidos durante as aulas, registados em momentos oportunos, para que o intervalo de tempo entre as observações e o seu registo não fosse muito longo, evitando-se a perda de informação importante, que é “*um dos grandes problemas da observação participante*” (Bogdan e Biklen, 1994). Houve ainda questionários que foram aplicados no final das actividades, com o objectivo de saber o grau de satisfação dos alunos em relação às mesmas. Numa terceira fase – depois da intervenção (funcionando como pós-teste) –, procurou-se saber qual foi o contributo das actividades implementadas no PP para aquisição de novos conhecimentos sobre o tema, pelos alunos implicados na acção. Em relação à questão da sensibilização da comunidade local, foram recolhidos alguns dados, usando um bloco de notas – o livro de honra da exposição – onde os visitantes deixavam os seus testemunhos acerca dos trabalhos realizados pelos alunos e a sua opinião sobre a natureza do projecto.

Para melhor monitorizar as fases do trabalho, a investigadora elaborou um plano para a recolha de dados, que é apresentado na [Tabela 1].

Tabela 1. Plano de recolha de dados

<p>1ª Fase – fase de diagnóstico (Antes da aplicação da acção/PP)</p>	<p>► Aplicação de questionários aos alunos (pré-teste) (Identificação dos conhecimentos, ideias e motivação dos alunos)</p> <p style="text-align: center;">↓</p> <p style="text-align: center;">De 2 a 5 de Dezembro de 2008</p>
<p>2ª Fase – fase de intervenção (Durante a aplicação da acção/PP)</p>	<p>► Unidade de Trabalho (Aprofundamento do tema/Desenvolvimento da acção)</p> <p style="text-align: center;">↓</p> <p style="text-align: center;">28 Aulas/turma – de 5 de Janeiro a 19 de Fevereiro de 2009</p> <p style="text-align: center;">↓</p> <p style="text-align: center;">► Recolha de dados</p> <p style="text-align: center;">↓</p> <p style="text-align: center;">- Observação participante activa</p> <p style="text-align: center;">↓</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around;"> <div style="text-align: center;">- Actividades e trabalhos desenvolvidos pelos alunos</div> <div style="text-align: center;">- Notas da investigadora - Registos fotográficos</div> <div style="text-align: center;">- Questionários de avaliação de actividades</div> </div>
<p>3ª Fase – fase de avaliação (Após a aplicação da acção/PP)</p>	<p>► Aplicação de questionários aos alunos (pós-teste) ► Fichas de avaliação de conhecimentos ► Fichas de auto-avaliação</p> <hr style="width: 20%; margin-left: 0;"/> <p>► Comentários registados pelos visitantes da exposição</p>

Fonte: Construída pela autora

4.2. Análise dos dados

Nesta investigação os dados foram recolhidos, fundamentalmente, através de interações na sala de aula, mediante uma observação participante, com o observador imerso no contexto natural, a sala de aula, de forma a entender melhor as emoções e as mudanças nas atitudes e conhecimentos dos alunos, que advêm das experiências que a investigadora lhes proporciona. “A *Observação participante possibilita ao pesquisador compartilhar experiências não somente observando o que está acontecer, mas também sentindo*” (Saunders, Lewis e Thornhill, 2000). Para Estrela (1994: 31 - 35) fala-se de observação participante quando: “*de algum modo, o observador participa na vida do grupo por ele estudado, podendo participar nas actividades do observado, mas sem deixar de representar o seu papel de observador*” e acrescenta que, “*este tipo de observação se orienta para a observação de fenómenos, tarefas ou situações específicas, nas quais se centra o observado*”.

Sendo a avaliação dos resultados, uma das últimas etapas da investigação-acção, processou-se a sua análise no final da recolha de dados, que se baseou na análise de conteúdo, eliminando o que não parecia pertinente. Esta metodologia *permite “ a **filtragem** dos dados recolhidos, ajudando o investigador a descobrir o essencial, combatendo a tendência em que este poderá cair de incluir tudo o que seja passível de ser descrito, ainda que acessório”*²¹, tentando reagrupar os dados da forma mais clara possível a fim de facilitar a análise.

Na análise dos dados utilizaram-se, essencialmente, procedimentos descritivos interpretativos, tendo-se procedido também a uma análise quantitativa dos questionários, embora regida por propósitos de aparência descritiva.

²¹ Santos, M. 2008. **Análise Qualitativa de Dados: respostas às questões para reflexão**, <http://mariosantos700904.blogspot.com/2008/06/anlise-qualitativa-de-dados-respostas-s.html>, acedida em 03 de Abril de 2009.

5. Procedimentos Éticos da Investigação

As questões éticas foram sempre tidas em conta na realização deste trabalho. Pediu-se, em devido tempo, a autorização ao presidente do CE da Escola para a aplicação dos questionários aos alunos e para a posterior aplicação do PP na escola (Anexo 4).

Aos professores colaboradores foi atempadamente apresentado o PP e disponibilizada a informados sobre a investigação e o papel que desempenhariam neste estudo.

Os alunos foram, desde o início do PP, informados de que a UT “Os Caretos e as Festas de Inverno do Concelho de Bragança” se tratava de uma acção integrada numa investigação que a professora de EVT iria desenvolver com eles.

Na redacção do presente relatório de investigação optou-se por respeitar o anonimato dos professores e dos alunos participantes, ocultando a sua identidade através de letras e/ou números.

CAPÍTULO III – DESCRIÇÃO DA ACÇÃO / PROJECTO PEDAGÓGICO

1. Razões para a Aplicação do Projecto Pedagógico e Fases de Preparação da Acção / Projecto Pedagógico

A fase de preparação da acção/PP iniciou-se com a aplicação do questionário (questionário A – Anexo 9), depois de devidamente autorizada a 26 de Novembro de 2008, aos setenta alunos das turmas seleccionadas. O objectivo principal era saber qual o conhecimento que estes tinham acerca do tema “**Os Caretos e as Festas de Inverno do Concelho de Bragança**” e, ainda, auscultar a sua opinião em relação ao facto de se poder desenvolver, na escola, um conjunto de actividades sobre esta temática.

Mediante a análise aos resultados dos questionários constatou-se que poucos alunos conheciam as tradições locais dessas festividades e a maioria estava de acordo com a execução, na escola, de actividades que as reavivassem. Estes resultados animaram e motivaram a investigadora para a aplicação do PP aos alunos.

Cientes de que um projecto desta natureza, desenvolvido na escola por intermédio da disciplina de EVT, poderia contribuir para reavivar as tradições das Festas de Inverno e para a sua preservação e valorização, seguiu-se a apresentação do PP ao Conselho Executivo e ao Departamento de Expressões da Escola. Neste último, apelou-se para a possibilidade de envolver outras turmas em actividades relacionadas com esta temática. Tal, veio a acontecer, pois, paralelamente a este projecto, houve mais três turmas, duas de 5º ano e uma de PIEF²², que realizaram, respectivamente, máscaras e capuzes de caretos e um painel de Carnaval com motivos alusivos aos caretos.

²² O PIEF é abreviatura do Programa Integrado de Educação e Formação, criado pelo despacho conjunto n.º 882/99, de 28 de Setembro, que integra um conjunto diversificado de medidas e acções prioritariamente orientadas para a reinserção escolar, através da integração no percurso escolar regular ou da construção de percursos alternativos, escolares e de educação e ou formação, incluindo actividades de educação extra-escolar, de ocupação e orientação vocacional e de desporto escolar, promovidas, realizadas ou apoiadas pelos serviços e organismos dos Ministérios da Educação e da Segurança Social e do Trabalho. O objectivo é favorecer o cumprimento da escolaridade obrigatória a menores e a sua certificação escolar e profissional. (Ministério da Educação. 2003. **Programa PIEF**. http://www.peti.gov.pt/peeti_menu.asp?menuID=7, acedida em 03 de Abril de 2009).

Seguiram-se os contactos com entidades (Anexo 5) que pudessem colaborar na execução de algumas actividades do PP. Assim, foram pedidas, ao pelouro da Cultura da Câmara Municipal da cidade, entradas gratuitas no Museu Ibérico da Máscara e do Traje, sito no castelo de Bragança, para os alunos e professores implicados no PP. À Junta de Freguesia da Sé, foi pedido o meio de transporte para a realização da visita ao referido Museu, que ocorreu em três horários diferentes, em dois dias consecutivos. A ambas as entidades, foi apresentada uma sinopse do PP e ambas responderam positivamente aos pedidos de apoio. Foram ainda efectivados alguns contactos (telefónicos e pessoais), primeiro com a senhora vereadora da cultura e, posteriormente, com a administração do Bragança *Shopping*, para a definição de um espaço para a exposição dos trabalhos realizados pelos alunos no âmbito do PP, à comunidade local.

Durante esta fase, foi necessário proceder à integração do PP na planificação da UT da disciplina de EVT, para o período compreendido entre o dia 5 de Janeiro, início do 2º Período, e o dia 19 de Fevereiro, último dia de aulas com as turmas antes da pausa pedagógica do Carnaval.

Foram concertadas entre os professores colaboradores e a investigadora as melhores estratégias para o desenvolvimento do trabalho e para um maior envolvimento dos alunos intervenientes, que se queriam receptivos e motivados para que a acção produzisse os efeitos esperados. Todo o material (planificação da UT com integração de conteúdos curriculares apropriados e materiais de aula produzidos para execução das actividades inerentes ao PP) foi preparado pela investigadora e entregue em suporte informático aos professores colaboradores.

2. Descrição da Execução do Projecto Pedagógico

Este momento correspondeu ao trabalho de campo propriamente dito. Os objectivos do PP eram: primeiro, dar a conhecer aos alunos as personagens principais de cada uma das localidades com Festas de Inverno do Concelho de Bragança e os rituais/acontecimentos mais significativos de cada festa; segundo, executar os trajes (fatos, máscaras e acessórios) de cada uma das figuras principais das festas; terceiro, expor os trabalhos realizados pelos alunos na

escola e fora dela, à comunidade local, para mostrar as tradições das Festas de Inverno do Concelho de Bragança e sensibilizar as pessoas para a necessidade de as preservar.

Como já referenciámos, o PP foi desenvolvido nas aulas de EVT, com três turmas de 5º ano do Ensino Básico, com um total de setenta alunos, integrado numa UT da disciplina e foi aplicado aos alunos entre os dias 5 de Janeiro e 19 de Fevereiro de 2009, em vinte e oito aulas de quarenta e cinco minutos cada. O PP foi desenvolvido em diferentes tempos e dias lectivos, conforme os horários das turmas apresentados na [Tabela 2].

Tabela 2. Horário semanal das turmas envolvidas no PP

Turma 1			Turma 2			Turma 3		
Dias de semana	Horas	Sala	Dias de semana	Horas	Sala	Dias de semana	Horas	Sala
Terças-Feiras	13h45m às 15h15m	A5	Segundas-Feiras	10h25m às 11h55m	A7	Terças-Feiras	08h30m às 10h00m	A7
Quintas-Feiras	10h25m às 11h55m		Quartas-Feiras	10h25m às 11h55m		Quintas-Feiras	15h35m às 17h05m	

Fonte: Construída pela autora.

2.1. Introdução da temática aos alunos – fase de motivação

Aulas: nºs 1 e 2
(Duração de 90 minutos)
Dia 05/01/2009 – Turma 2
Dia 06/01/2009 – Turmas 1 e 3

Para a introdução do tema iniciou-se a UT como se iniciam todas as outras, com a aplicação do Método de Resolução de Problemas (MRP)²³ à situação problemática que se quer ver resolvida e para a qual se propõem soluções através da realização de projectos.

²³ É um método de trabalho utilizado na disciplina de EVT, devido ao carácter prático que esta disciplina apresenta centrado na integração do trabalho manual e do intelectual, que visa fazer os alunos pensar nos problemas e desenvolverem ideias para os resolver. É constituído por 6 fases: **Situação** (levantamento da situação problemática), **Problema** (descrever resumidamente o que se pretende), **Investigação** (procura de conhecimentos sobre o assunto para propor soluções), **Projecto** (apresentação das ideias e planificação do trabalho), **Realização** (execução do projecto) e **Avaliação** (avaliação dos resultados) retirado de: Supico A., Cavaco A. 2004. **Tecno, Educação Visual e Tecnológica 5º/6ºAnos**. Lisboa: Plátano Editora. pp. 15-16)

A investigadora começou por apresentar às turmas, nos respectivos horários lectivos, um filme (Anexo 10) por ela produzido no programa *Windows Movie Maker*²⁴ acerca das tradições relacionadas com as festividades de Inverno nas diferentes localidades do Concelho de Bragança. No final do filme, a investigadora escreveu no quadro a seguinte reflexão: “Estas tradições fazem parte da história do nosso Concelho, o que podemos fazer, na disciplina de EVT, para as conhecer melhor?”, desencadeando um pequeno debate. Nas três turmas, apenas oito alunos disseram conhecer algo sobre os “caretos” e todos pelo mesmo motivo: porque o pai ou a mãe eram oriundos de localidades que tinham caretos nas suas Festividades de Inverno, mas pouco sabiam sobre as tradições das festas. De imediato, os alunos começaram a sugerir actividades que poderiam desenvolver na sala de aula: «fazer os fatos dos caretos», «fazer as máscaras dos caretos», «fazer desenhos de caretos e das coisas mais importantes das festas», «elaborar desdobráveis informativos sobre o que acontece nas festas», «fazer banda desenhada», «visitar o Museu da Máscara» e «trazer à escola caretos ou alguém entendido no assunto». Todos concordaram que deveríamos mostrar os trabalhos aos outros alunos para que também eles se interessassem pelo tema.

A partir desta reflexão, foram-se desencadeando as fases do MRP associadas ao PP que iria desenvolver-se. Elaborou-se um registo no quadro, conforme mostra a [Tabela 3], que constituiria um esquema do trabalho de projecto e que os alunos anotaram nos cadernos diários.

Tabela 3. Fases do Método de Resolução de Problemas associadas ao PP

Situação	As tradições relacionadas com “Os caretos e as Festas de Inverno do Concelho de Bragança” fazem parte da identidade e da história do nosso Concelho, no entanto, poucos alunos as conhecem.
Problema	O que podemos fazer nas aulas de EVT para reavivar as tradições relacionadas com os Caretos e as Festas de Inverno do Concelho de Bragança?
Investigação	<u>Recolha de informação</u> : Pode ser feita em livros e catálogos temáticos, na internet, auscultar os pais e avós e efectuar uma visita de estudo ao Museu Ibérico da Máscara e do Traje.
Projecto	<u>Propostas de trabalho seleccionadas</u> : Levantamento das localidades com Festas de Inverno e das suas personagens principais; Realização, em grupos de trabalho, dos seus trajes (fatos, máscaras e acessórios); Elaboração de cartazes informativos sobre os acontecimentos mais relevantes das festas e identificação da figura que enverga os trajes; Realização de um desfile de trajes na escola; Realização de uma palestra temática; Realização de exposições dos trabalhos realizados pelos alunos (na escola e fora da escola). <u>Etapas do trabalho</u> : Divisão das turmas em grupos de trabalho; Escolha de um coordenador de grupo; Atribuição das tarefas aos grupos de trabalho - localidade e figura a trabalhar; Planificação do trabalho: desenho da figura, levantamento dos materiais necessários (tendo em conta a reutilização e aproveitamento de materiais) e distribuição das tarefas pelos elementos do grupo.
Realização	Execução dos trajes (fatos, máscaras e acessórios) das figuras principais das festas. Realização de cartazes informativos sobre as festas e as figuras. Realização de um cartaz referente à exposição dos trabalhos no Bragança Shopping.
Avaliação	Apreciação do trabalho final: Experimentação dos fatos e desfile dos trajes para as turmas; Exposição dos trabalhos na escola; Exposição dos trabalhos no Bragança Shopping.

Fonte: Construída pela autora

²⁴ O *Windows Movie Maker* é um *software* de edição de vídeos em que se podem adicionar efeitos de transição, textos personalizados e áudio aos filmes. (pt.wikipedia.org/wiki/Windows_Movie_Maker/, acedida em 04 de Abril de 2009)

Ficou estabelecido que os alunos iriam executar os trajes (fatos, máscaras e acessórios) das figuras principais das festas, que depois seriam expostos na escola para toda a comunidade escolar e no Bragança *Shopping* para mostrar à comunidade local. Era também necessário elaborar cartazes informativos, com o nome da figura a quem pertencem as vestes e com os acontecimentos relativos a cada festa, para colocar junto aos trajes, em formato de legenda, para melhor os dar a conhecer. Para a exposição fora da escola, realizar-se-ia um cartaz publicitário. Sugeriu-se também uma visita ao Museu Ibérico da Máscara e do Traje, actividade que a professora/investigadora já tinha previsto. Acordou-se ainda, a organização, na escola, de uma palestra temática, aberta a toda a comunidade escolar, que se agendou para a semana em que iria decorrer a exposição dos trabalhos na escola, coincidindo também com as comemorações do Carnaval na escola.

Os alunos mostraram-se muito motivados e ansiosos para realizarem um trabalho desta natureza e com esta dimensão, pois tratava-se de alunos de 5º ano que nunca tinham integrado um projecto similar.

De seguida, procedeu-se à organização de grupos de trabalho, por se entender que o trabalho em grupo gera mais dinâmica, exige maior participação dos seus elementos, exige uma maior planificação e é mais produtivo, uma vez que tem subjacente a teoria da aprendizagem cooperativa ou colaborativa que contribuiu para o desenvolvimento de competências sociais. Assim, constituíram-se treze grupos de trabalho, mais ou menos heterogéneos, com cinco ou seis elementos cada: na **turma 1**, com vinte e cinco alunos, formaram-se quatro grupos com cinco elementos e um grupo com seis elementos; na **turma 2**, com dezassete alunos, formaram-se dois grupos com seis elementos e um grupo com cinco elementos e, na **turma 3**, com vinte e sete alunos, formaram-se três grupos com cinco elementos e dois com seis elementos. Em todos os grupos de trabalho se elegeu um coordenador de grupo, cuja função era coordenar o trabalho: explicar o que devia ser feito, distribuir tarefas, fazer com que todos participassem activamente no trabalho incumbido ao grupo e decorresse com sucesso.

No final da aula, foram distribuídas aos alunos fichas informativas (Anexo 11) acerca do tema e foi-lhes pedido que fizessem as suas pesquisas sobre as figuras principais das Festas de Inverno com mascarados, do Concelho de Bragança. Foram-lhe também distribuídas as autorizações para a visita de estudo ao Museu Ibérico da Máscara e do Traje

(Anexo 12) – actividade que lhes proporcionaria o contacto com as figuras principais das Festas de Inverno Transmontanas e da província espanhola de Zamora e constituiria um importante recurso de pesquisa de informação escrita e fotográfica sobre o tema. De salientar que, entre alunos e professores implicados no projecto, apenas a investigadora conhecia o Museu.

2.2. Levantamento de informações – fase de pesquisa

<p>Aulas: n^{os} 3 e 4 (Duração de 90 minutos) Dia 07/01/2009 – Turma 2 Dia 08/01/2009 – Turmas 1 e 3</p>
--

Os alunos estavam entusiasmadíssimos com a visita ao Museu. Ao toque, todos se apresentaram junto ao portão de entrada da escola, conforme havia sido combinado, equipados com blocos de apontamentos e máquinas fotográficas ou telemóveis com câmaras fotográficas. Todos os alunos apresentaram a respectiva autorização da visita de estudo assinada pelos encarregados de educação.

As viagens foram efectuadas em transporte cedido pela Junta de Freguesia da Sé (o conhecido “comboio turístico”). A **turma 2** realizou-a no dia 7 de Janeiro, das 10h25m às 12h00m, e as **turmas 1 e 3** realizaram-na no dia 8 de Janeiro, das 10h25m às 12h00m e das 15h30m às 17h00m, respectivamente. No Museu, os alunos foram recebidos pela guia que lhes explicou a dinâmica e organização do espaço. Este é constituído por três pisos: o primeiro, o rés-do-chão, dedicado às Festas de Inverno do distrito de Bragança; o segundo dedicado às festividades de Inverno da Província de Zamora; o terceiro dedicado ao Carnaval Transmontano, à máscara transmontana e aos seus artesãos. A visita iniciou-se com o visionamento de um filme sobre as Festas de Inverno Transmontanas e da Província de Zamora. Seguiu-se a apresentação de todas as figuras que se encontram nas vitrinas e um relato explicativo acerca dos seus fatos e máscaras, dos comportamentos e funções que assumem nas festas e, ainda, de alguns rituais das festividades. No rés-do-chão, a visita teve uma dinâmica bastante interessante: os alunos protagonizaram um momento de “crítica

social”, ritual comum à maioria das Festas de Inverno Transmontanas. A visita foi muito participada pelos alunos, que iam questionando a guia sempre que tinham dúvidas sobre determinado assunto ou pormenor. Esta, por sua vez, ia colocando questões aos alunos que respondiam com alguma assertividade, uma vez que já tinham visto, na aula antecedente, o filme que serviu de motivação para o lançamento do tema de trabalho e, alguns deles, já haviam efectuado as suas pesquisas sobre a temática. No entanto, os alunos iam fazendo os seus registos escritos e/ou fotográficos, havendo mesmo alguns que gravaram, com a devida autorização, as informações dadas pela guia da visita.

À saída todos os alunos receberam, em cartolina, o molde da máscara transmontana que o Museu disponibiliza aos alunos das escolas quando o visitam.

Aulas: nºs 5 e 6
(Duração de 90 minutos)
Dia 12/01/2009 – Turma 2
Dia 13/01/2009 – Turmas 1 e 3

Iniciou-se a aula com a aplicação de um questionário (Questionário 1 – Anexo 20) para avaliar a visita de estudo ao Museu Ibérico da Máscara e do Traje. De seguida, fez-se um registo/resumo da informação recolhida sobre as localidades do Concelho com mascarados nas suas Festas de Inverno, elaborando-se a [Tabela 4].

Tabela 4. Festas de Inverno do Concelho de Bragança

Designação da Festa	Localidade	Data	Personagens Principais
Festas dos Rapazes	Varge	25 e 26 Dezembro (Com ritos preparatórios em 24 de Dezembro)	- Careto (em número variável)
	Aveleda	25 e 26 Dezembro	- Careto (em número variável)
Festas de Santo Estêvão	Parada de Infanções	25 e 26 Dezembro (Os ritos vão até 30 de Dezembro)	- Careto (em número variável)
	Grijó de Parada	27 Dezembro	- Careto (em número variável) - Dois Mordomos principais: • O Rei (Símbolo do poder profano) • O Bispo (Símbolo do poder sagrado) (Carregam varas e coroas)
	Rebordãos	Sábado seguinte a 26 Dezembro	- Careta (em número variável)
Festas dos Reis	Rio de Onor	Fim-de-semana anterior a 6 Janeiro	- Careto (apenas 2) - A Filandorra
	Baçal	Fim-de-semana mais próximo de 5 e 6 Janeiro	- Careto (em número variável)
	Salsas	1 a 6 Janeiro	- Careto (em número variável)
	Rebordainhos	6 Janeiro	- Careto
Festas de Carnaval	Bragança	Quarta-feira de Cinzas	- O Diabo - A Morte - A Censura

Fonte: Construída pela autora

Para trabalhar os trajes das treze figuras foi necessário criar, como já referimos, grupos de trabalho. Para tal, foram estruturadas, em grelhas (Anexo 13), as actividades a realizar nas três turmas, pelos treze grupos de trabalho, onde constavam os seguintes elementos: o n.º de grupo na turma, os elementos que constituíam o grupo e respectivo coordenador, a localidade, a festa, a figura a trabalhar e as características da sua indumentária. Cada grupo procedeu ainda à planificação do Trabalho de Projecto (Anexo 14): definição das actividades a desenvolver; ideias para as concretizar; elaboração dos projectos/esboços dos trabalhos a realizar; definição de tarefas para os elementos do grupo; levantamento dos assuntos a saber e dos materiais necessários que cada um deveria trazer nas aulas seguintes.

2.3. Trabalho de projecto - fases do trabalho desenvolvido com as três turmas

<p>Aulas: da 7 à 16 (Duração de 450 minutos) De 14 a 28/01/2009 – Turma 2 De 15 a 29/01/2009 – Turmas 1 e 3</p>
--

Os alunos trouxeram o material necessário, lãs, roupas velhas²⁵ e tecidos, para o início da execução dos fatos. Dois alunos conseguiram mesmo trazer mantas ou colchas de canastra antigas, usadas na confecção dos verdadeiros fatos de Careto em algumas localidades.

Havia-se decidido que os fatos e máscaras deviam ser adequados ao tamanho dos alunos que os fossem vestir no desfile de trajes e que deveriam, sempre que possível, reaproveitar-se materiais.

Antes de iniciar a execução dos fatos foi necessário que os alunos conhecessem os conteúdos curriculares “As proporções do corpo humano” e “A origem dos materiais: as fibras têxteis” que constavam da planificação da UT e fazem parte dos conteúdos curriculares da disciplina. Seguiu-se a realização dos trabalhos.

Em todos os grupos se escolheu um rapaz que serviu de modelo para a execução do fato e que o vestiu no desfile final tentando, também aqui, que a tradição se cumprisse e que os

²⁵ Entenda-se por “roupas velhas”, roupas usadas que já não se vestem por estarem gastas ou em desuso.

fatos fossem apenas vestidos por rapazes. Para a execução de alguns fatos, exceptuando o da Filandorra, tiveram de realizar-se os moldes das calças, do casaco e do capuz em papel de jornal, pelo que, foram escolhidos rapazes com tamanhos semelhantes. Para os fatos inteiros, tipo macacão, das figuras da Morte, do Diabo e da Censura, foi utilizado o mesmo molde, ajustando as medidas da altura das calças e do casaco que se uniram ao costurar.

Enquanto alguns alunos, com a ajuda dos professores, recortavam os moldes dos fatos, outros foram recortando as tiras em tecidos e elaborando as franjas em lã para aplicar nos fatos. Outros começaram a executar os chocalhos reutilizando latas de refrigerantes ou rolos de cartão de papel higiénico. Havia, sempre, muito trabalho a fazer, pois estas tarefas necessitavam de muita “mão-de-obra” para se puderem cumprir os prazos planificados. Para a costura dos fatos juntaram-se esforços de professoras, alunas mais velhas e algumas mães.

Todos os materiais, no final de cada aula, eram convenientemente guardados em caixas e sacos, etiquetados com a identificação do coordenador de grupo, e armazenados nas estantes das arrecadações contíguas às salas de aula. Cabia aos coordenadores dos grupos a sua distribuição e recolha em cada aula.

Baseados nas grelhas de tarefas, os grupos faziam, no final de cada aula, o “ponto da situação”, relatando os avanços dos trabalhos e planificando o trabalho da aula seguinte (levantamento dos materiais necessários e a respectiva distribuição de tarefas). O “ponto da situação” era novamente evocado no início da aula seguinte, antes de se deitarem “mãos à obra”.

Os grupos de trabalho mantiveram sempre um bom ritmo de trabalho, muito empenho e motivação. No final da aula nº 16, quando todos os fatos ficaram prontos, fizeram-se os respectivos acabamentos – remate de linhas, aplicação de elásticos e botões. Alguns tiveram necessidade de serem passados a ferro. Posteriormente, foram colocados em cruzetas e pendurados numa estrutura de madeira, tipo cabide, que se montou para o efeito na arrecadação da sala A7, até à sua utilização.

<p>Aulas: da 17 à 22 (Duração de 270 minutos) De 02 a 09/02/2009 – Turma 2 De 03 a 10/02/2009 – Turmas 1 e 3</p>

Durante estas aulas realizaram-se as máscaras. Assim, a aula nº 17 iniciou com a apresentação aos alunos de dois documentos em *Power Point*, um sobre “As máscaras” e um outro que introduziu o conteúdo curricular “As proporções do rosto humano”, que faz parte dos conteúdos curriculares da disciplina e deve ser compreendido antes da execução de máscaras.

Servindo-se das pesquisas realizadas, aquando da fase de pesquisa, os grupos elaboraram o projecto da máscara da figura que trabalharam, tendo em conta o material em iria ser feita. Nas Festas de Inverno Transmontanas há máscaras de feitios e materiais diversificados: latão, madeira, cortiça e palhinha ou escrinho. No entanto, para a realização das nossas máscaras foram utilizados substitutos destes materiais. Para substituir o latão, utilizaram-se os fundos das cuvetes de alumínio usadas pelos restaurantes que vendem comida para fora, depois de bem aplanadas; para simular a madeira, usou-se a técnica do papel *machê*²⁶ usando para estrutura um balão cheio de ar (técnica também usada na realização da bexiga de porco do careto da Aveleda); para imitar a cortiça utilizou-se uma caixa de cartão, ao qual se retirava a película de papel fina exterior, deixando a nu a textura ondulada do cartão; finalmente, a máscara de palhinha ou escrinho foi elaborada num material com aspecto muito parecido, a ráfia natural.

Antepôs-se ainda à execução das máscaras, a apresentação aos alunos dos conteúdos curriculares: “A estrutura” e “A textura”, contemplados na planificação da UT, indispensáveis para quem vai fazer este tipo de trabalho. Para a estrutura da maior parte das máscaras foi utilizado o molde da máscara transmontana que os alunos receberam, na visita ao Museu Ibérico da Máscara e do Traje. Este molde, depois de recortado e reforçado com cartolinas, foi forrado com os materiais substitutos atrás referidos, conforme o efeito que se lhes queria dar: imitar o latão, a madeira, a cortiça e a palhinha ou escrinho.

²⁶ Palavra originada do francês *papier mâché*, que significa papel picado, amassado e esmagado. É uma massa feita com papel picado amolecido em água, coado e depois misturado com cola, ou outros componentes como farinha e gesso, que permite moldar objectos com diferentes formatos. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Papel_mach%C3%AA, acedida em 27 de Abril de 2009)

Seguiu-se a fase de pintura das máscaras. Introduziu-se aqui o conteúdo “A cor”, fazendo alusão às cores predominantes nas máscaras usadas nas festividades de Inverno das localidades do Concelho de Bragança, que são essencialmente o vermelho e o preto, cores que se relacionam com os seres diabólicos e a morte. Hoje em dia, já não se respeita tanto a utilização destas cores e já aparecem máscaras pintadas com mistura de outras cores, como o castanho, o amarelo, o verde e até o branco. Para a base da pintura das máscaras e de alguns acessórios – as lâminas das foices e da gadanha, o espeto e os chocalhos – foram utilizados *sprays* acrílicos. Para pintar elementos decorativos nas máscaras utilizaram-se tintas acrílicas. A algumas máscaras foram aplicados chifres e dentes. No final, foi necessário colocar-lhes um elástico para se puderem fixar no rosto.

Nesta fase do projecto, eram muitas as manifestações de contentamento por parte dos alunos dos diferentes grupos, que viam o seu trabalho tomar forma.

<p>Aulas: da 23 à 26 (Duração de 180 minutos) De 11 a 16/02/2009 – Turma 2 De 12 a 17/02/2009 – Turmas 1 e 3</p>

A aula nº 23 começou como começaram as anteriores, com o coordenador de cada grupo a fazer o “ponto da situação” – ia iniciar-se a realização dos cartazes informativos sobre as diferentes festas e figuras e do cartaz para a exposição dos trabalhos à comunidade local. Era necessário aprender mais um conteúdo curricular – “O cartaz” – pelo que se procedeu à apresentação de um documento em *Power Point* elaborado para o efeito. Seguiu-se uma actividade de pesquisa de modelos de cartazes utilizando a *Internet*, manuais escolares da disciplina, a biblioteca, as salas de ciências e as salas de convívio dos alunos e dos professores que quase sempre têm cartazes expostos nos expositores.

Tendo como apoio estas pesquisas, cada grupo elaborou o seu cartaz informativo (Anexo 15), onde deveriam constar informações sobre a figura, a festa que estava a trabalhar e os acontecimentos mais importantes dessa festa. Estes foram, posteriormente, passados a computador, na aula de Informática em tamanho A4 e colados numa cartolina, de cor diferente de localidade para localidade, com tamanho ligeiramente maior para criar uma espécie de moldura à volta. Finalmente, foram plastificados para os tornar resistentes. A sua

função era afixá-los nos expositores, junto à figura trabalhada, para uma informação mais completa.

Para a elaboração do cartaz que iria divulgar a exposição dos trabalhos no Bragança *Shopping*, os alunos tiveram de desenhar a figura de um careto para evitar colocar-se uma fotografia. Foi seleccionado o desenho de um aluno da **turma 2** (Anexo 16). Depois de pronto o croqui do cartaz foi tratado no programa *Photoshop*²⁷ e posteriormente tipografado, em triplicado, pelo encarregado de educação de uma aluna da mesma turma, na gráfica onde trabalha, em dois tamanhos²⁸ – em A3, dois cartazes para expor na escola, um na sala de convívio dos alunos e outro na sala de professores e, em A1, um cartaz (Anexo 16) para afixar num placar da exposição, no Bragança *Shopping*.

<p>Aulas: 27 e 28 (Duração de 90 minutos) De 18/02/2009 – Turma 2 De 19/02/2009 – Turmas 1 e 3</p>

Nesta aula, os grupos fizeram uma reflexão sobre o trabalho desenvolvido durante a UT – a sua auto-avaliação – numa ficha (Anexo 18), onde lhes era pedida a opinião sobre o trabalho realizado.

De seguida, os alunos realizaram uma ficha (Anexo 19) para averiguação dos conhecimentos adquiridos sobre a temática em estudo.

²⁷ O *Adobe Photoshop* é um *software* caracterizado como editor de imagens bidimensionais para edição profissional de imagens digitais e trabalhos de pré-impressão. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Adobe_Photoshop, acedida em 27 de Abril de 2009)

²⁸ Estes tamanhos referem-se aos da Série A, pertencente ao sistema internacional, que tem como base o formato A0, cuja área é 1 metro quadrado (814 mm × 594 mm). A proporção entre os lados do papel, a mesma em todos os tamanhos do padrão, aproximadamente igual a $1 : \sqrt{2}$ (raiz quadrada de 2, igual a 1,4142...), que tem a propriedade de se manter quando a folha é cortada pela metade ou dobrada a meio. Nesta série os tamanhos vão do A0, o maior, até ao A8, o menor. Na disciplina de EVT os tamanhos mais usados são o A4 e A3. (Adaptado de “tamanhos de papel” – http://pt.wikipedia.org/wiki/Tamanho_de_papel, acedida em 27 de Abril de 2009)

2.4. A exposição dos trabalhos à comunidade escolar

Os trajes (fatos, máscaras e acessórios) realizados pelos alunos foram apresentados às diferentes turmas envolvidas (pois cada turma apenas conhecia o trabalho dos grupos dos seus colegas de turma), num desfile aberto à comunidade escolar, que aconteceu no dia 17 de Fevereiro, Terça-feira, pelas 17 horas, no auditório da escola. Enquanto o aluno seleccionado encarnava o papel de “Careto/Figura da Festa”, cada coordenador de grupo apresentava, em sumário: as características da indumentária, o processo de execução e os materiais utilizados na sua execução, a localidade e a festa que representava e os alunos/criadores do traje. De referir que o evento teve um número considerável de espectadores entre alunos, professores, funcionários e alguns pais, o que deixou os participantes visivelmente satisfeitos.

A montagem da exposição na escola (Anexo 17) aconteceu no dia seguinte, às primeiras horas da manhã, num espaço normalmente usado para expor trabalhos, mas apenas se mostraram os fatos e as máscaras, excluindo-se os acessórios – cajados, verdasca, bengala, chicote, foices, gadanha, bexiga cheia de ar – para acautelar possíveis brincadeiras menos próprias entre os alunos, uma vez que o seu alcance estava facilitado e, nem sempre, o local da exposição podia ser vigiado. Junto a cada traje afixou-se o cartaz informativo.

A exposição ocorreu entre os dias 18 e 26 de Fevereiro e foi agradável ver os alunos, zelosos do seu trabalho, vigiarem-na, a cada intervalo, para que não acontecessem incidentes, enquanto iam esclarecendo alguns colegas sobre um ou outro pormenor do trabalho.

2.5. A palestra à comunidade escolar

Esta actividade aconteceu em simultâneo com a exposição dos trabalhos na escola, na semana anterior ao Carnaval, e era oportuno esclarecer, mais em pormenor, as tradições essenciais das Festas de Inverno do nosso Concelho. Convidou-se para orador o investigador desta temática, António Pinelo Tiza, professor de História na escola e autor do livro “Inverno Mágico” (um livro que divulga todo o conjunto de tradições e rituais do Nordeste Transmontano no ciclo das festividades de Inverno). A palestra teve lugar na sala de convívio

dos alunos, na Quarta-feira, dia 18 de Fevereiro, às 14h30m. Estiveram presentes os alunos envolvidos no PP, alguns alunos das turmas (mencionadas anteriormente) que também desenvolveram trabalhos sobre o tema, alguns funcionários e um grupo de professores: os que colaboraram na aplicação do PP, os que realizaram actividades directamente relacionadas com o tema e, ainda, outros que estavam em salas de apoio ao estudo e que se deslocaram à palestra acompanhados pelos seus alunos. De salientar que nas Quartas-feiras à tarde, na escola, não há aulas, apenas actividades extra-curriculares: salas de apoio ao estudo, desporto escolar e clubes.

A palestra iniciou-se com a apresentação do livro “Inverno Mágico”, seguida da referência espaço-temporal das Festas de Inverno do Concelho e da apresentação de um filme alusivo às Festas dos Rapazes da aldeia de Varge. Para a encerrar, houve uma sessão de 15 minutos para esclarecimento de dúvidas.

No final, foi pedido aos alunos que fizessem a avaliação da “Palestra” e das actividades do “Desfile de trajes” e da “Exposição dos trabalhos à comunidade escolar” pelo preenchimento de um questionário (Questionário 2 – Anexo 20). Na recolha dos questionários, agradeceu-se aos alunos e professores envolvidos no PP a sua participação, cientes que este projecto tinha sido do agrado a todos (tendo em conta as mensagens positivas que proferiram).

Os alunos procederam ainda ao preenchimento de um último questionário (Questionário B – Anexo 9), realizado no dia 20 de Fevereiro, dia anterior à pausa pedagógica de Carnaval, na biblioteca da escola durante o intervalo de 25 minutos, e cujos resultados iriam ser comparados com os do questionário A (Anexo 9), para verificar se houve evolução nos conhecimentos dos alunos acerca do tema que nos propusemos trabalhar com eles.

2.6. A exposição dos trabalhos à comunidade local

Depois de desenvolvidas diligências devidas entre a investigadora e a administração do Bragança *Shopping*, procedeu-se, na noite de 28 de Fevereiro, depois das 23h00, hora de

fecho do *Shopping*, à montagem da exposição dos trabalhos, no terceiro piso deste estabelecimento comercial, num espaço com uma área de mais ou menos 20 m² (Anexo 17).

Usaram-se sete expositores verticais onde foram afixados, frente e verso, os trajes característicos das treze trabalhadas. Num outro expositor afixou-se o cartaz identificativo da exposição, em tamanho A1, junto ao qual se colocou uma mesa de apoio com o “livro de honra” onde era pedido aos visitantes que deixassem a sua opinião sobre o trabalho desenvolvido. Este pedido era precedido da seguinte introdução: “Este Projecto Pedagógico teve como objectivo principal o reavivar, na Escola, as tradições ligadas às Festas de Inverno do Concelho de Bragança, como forma de contribuir para a sua preservação.”

CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

1. Análise dos Dados

Neste capítulo analisam-se os dados recolhidos antes, durante e após a aplicação do PP às turmas participantes.

São apresentados os resultados do Questionário A, aplicado aos alunos antes da aplicação do PP – *fase de diagnóstico* – que teve como objectivo principal saber o que alunos conheciam sobre os Caretos e as Festas de Inverno do Concelho de Bragança e auscultá-los sobre a possibilidade de se desenvolver, na escola, um projecto que reavivasse as tradições relacionadas com essas festividades.

São também apresentados os aspectos mais relevantes das notas de observação escritas durante as aulas e os resultados dos questionários elaborados pelos alunos, durante a aplicação da acção/PP, para avaliação das actividades propostas – *fase de intervenção*.

Apresentaram-se, ainda, os resultados do Questionário B, aplicado aos alunos no final da laboração do PP – *fase de avaliação* –, para averiguar os conhecimentos que estes adquiriram sobre o tema, comparando-os com os que eles demonstraram antes da realização da acção/PP, e verificar se houve, ou não, evolução dos mesmos. São, também, apresentados alguns dados relevantes, retirados das fichas de auto-avaliação dos alunos e das opiniões deixadas pelos visitantes da exposição no Bragança *Shopping*, acerca dos trabalhos realizados.

Todos os elementos de recolha de dados – questionários, ficha de avaliação de conhecimentos, fichas de avaliação de actividades e ficha de auto-avaliação – foram aplicados aos 70 alunos, das três turmas de 5.º ano envolvidas no projecto, caracterizados da seguinte forma: 29 (41%) eram do género feminino e 41 (59%) do género masculino. A idade mínima era de 9 anos e a máxima de 12 anos, sendo a média de idades de 10 anos. A maioria dos alunos situava-se na faixa etária dos 10 anos.

Como já foi referenciado, na análise dos dados utilizaram-se, fundamentalmente, procedimentos descritivos interpretativos. Fez-se uma análise quantitativa dos questionários, embora regida por propósitos de cariz descritivo, procurando alcançar os objectivos/pressupostos enunciados.

1.1. Fase de diagnóstico – antes da aplicação da acção/PP

- Pretende-se compreender como podem os alunos ser integrados num projecto pedagógico, no âmbito da disciplina de EVT, que reaviva as tradições ligadas aos Caretos e às Festas de Inverno do Concelho de Bragança;

Este Projecto iniciou-se com o diagnóstico da situação, de modo a averiguar o que os alunos conheciam acerca das tradições ligadas aos Caretos e às Festas de Inverno do Concelho de Bragança. Neste diagnóstico foi feita, também, uma auscultação às opiniões dos alunos sobre a implementação, na escola, de um projecto com o objectivo de explorar o tema e uma auscultação aos seus interesses e motivações, para possíveis actividades a desenvolver nesse projecto.

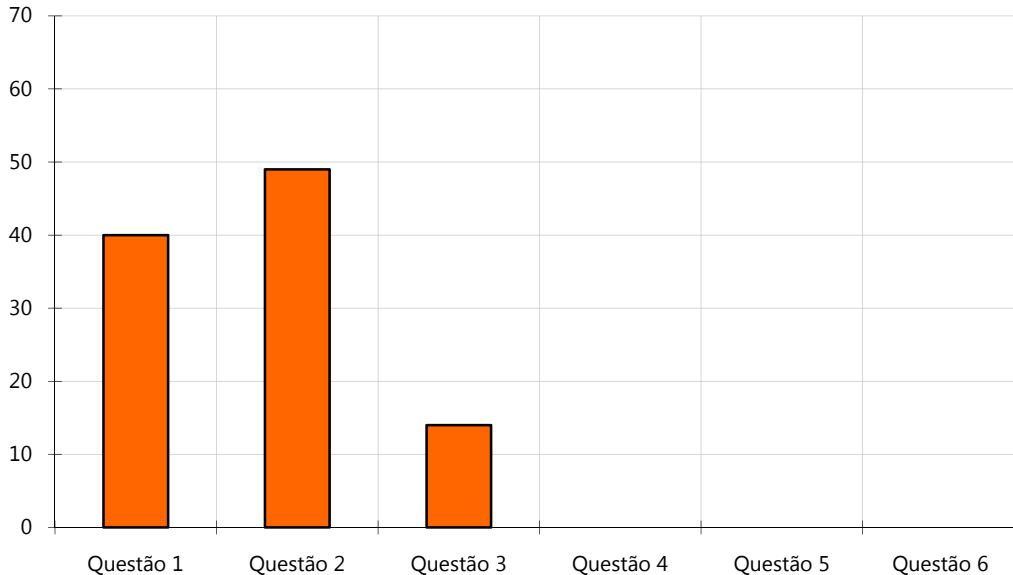
Os dados foram obtidos a partir da administração, preenchimento e recolha de um questionário (Questionário A), construído para o efeito, com aplicação entre os dias 2 e 5 de Dezembro de 2008. O questionário era composto por oito questões de resposta fechada: seis relativas a conhecimentos sobre o tema (**Parte I**), duas de auscultação de opinião (**Parte II**) e uma para levantamento de interesses e motivações dos alunos para possíveis actividades a desenvolver no âmbito do PP (**Parte III**). As respostas eram assinaladas com um X e em todas as questões, à excepção das 6 e 9 nas quais foi dada a opção de assinalarem mais do que uma resposta, foi pedido aos alunos que escolhessem uma única resposta – aquela que mais valorizavam.

Em relação à aferição de conhecimentos – **parte I** do questionário –, na **questão 1** pretendia-se que os alunos identificassem um “careto” ou “mascarado” relacionando-o com as “Festas de Inverno do Concelho de Bragança”. As opções de resposta eram: “Um palhaço”, “Um bobo”, “Uma figura de carnaval” e “Uma figura das Festas de Inverno”. Dos 70 alunos

questionados, 4 (6%) responderam “Palhaço”, 3 (4%) responderam “Bobo”, 23 (33%) responderam “Figura carnavalesca” e 40 (57%) escolheram correctamente a opção: “Uma figura das Festas de Inverno”. Na **questão 2**, os alunos deveriam responder à pergunta “Como se veste um careto?”; dos alunos inquiridos, 49 alunos (70%) responderam, correctamente, que um careto veste “Um traje franjado e garrido, uma máscara de madeira, cortiça ou latão e um cajado ou moca e chocalhos à volta do corpo” e 21 (30%) respondeu que um careto veste “Um traje domingueiro ou de festa e uma máscara colorida”. Na **questão 3**, pretendia-se que os alunos reconhecessem “Em que período, ocorrem as Festas de Inverno? ”; apenas 14 alunos (20%) responderam, assertivamente, que as festas ocorrem “Entre o Solstício de Inverno (21 de Dezembro) e a época de Carnaval”, 27 alunos (38%) responderam que as festas se realizam “Entre os dias 1 e 31 de Dezembro”, 11 (16%) responderam que se realizam “Durante os meses de Outono e de Inverno” e 18 (26%) responderam “Durante a semana do Carnaval”. Na **questão 4**, nenhum aluno soube identificar a “Crítica social” como um dos acontecimentos das “Festas de Inverno”, assinalando como acontecimento das festas a “Luta entre caretos”, 13 alunos (19%), e a “Corrida de mascarados”, 57 (81%) dos alunos. À **questão 5**, “As Festas de Inverno do Concelho de Bragança podem classificar-se em quantos grupos?”, todos os alunos responderam erradamente “Apenas um grupo”, quando a resposta correcta era “Quatro grupos”. Na **questão 6**, solicitava-se aos alunos que identificassem as localidades do Concelho de Bragança que têm actualmente “caretos” nas suas “Festas no Inverno”. Eram dados doze nomes de aldeias do Concelho, mas somente nove eram válidos. Apenas 4 alunos (6%) conseguiram identificar o máximo de cinco aldeias, os restantes ou identificaram um número inferior de aldeias ou sequer conseguiram identificar uma, ou não responderam à questão.

Verifiquemos agora os dados no [Gráfico 1] que representam as respostas dos alunos às questões de averiguação de conhecimentos, relativas à **parte I** do questionário A.

Gráfico 1. N° de alunos com respostas correctas às questões da parte I, do Questionário A.



Fonte: Dados recolhidos pela investigadora, entre os dias 2 e 5 de Dezembro de 2008.

Constatámos então que, alguns alunos, 40 (57%), sabiam identificar “um careto” e relacioná-lo com as Festas de Inverno e 49 (70%) sabiam “como se veste um careto”. Em relação ao “período em que ocorrem as festividades”, apenas 14 alunos (20%) apontaram o momento certo, no entanto, nenhum soube identificar a “Crítica Social como um dos acontecimentos das Festas” e nenhum sabia “quais os grupos em que estas se podem classificar”. Finalmente, nenhum aluno identificou as “nove localidades do Concelho de Bragança com Festas de Inverno com mascarados, de doze que lhes eram dadas.

Feita a apreciação destes resultados, poderemos concluir que os alunos demonstraram poucos conhecimentos sobre a temática “Os Caretos e as Festas de Inverno do Concelho de Bragança”, o que justificava a implementação de um projecto/acção que os envolvesse nestas tradições.

Na **parte II** do questionário A, auscultava-se a opinião dos alunos sobre a implementação de um projecto na escola que explorasse o tema “Os Caretos e as Festas de

Inverno do Concelho de Bragança”. Na **questão 7**, “Em teu entender, a realização de um projecto na escola que reavive as tradições ligadas às Festas de Inverno no nosso Concelho, é:”, 58 (83%) dos alunos responderam “A maneira de conhecer melhor o nosso património cultural, para ajudar a preservá-lo” e 12 (17%) responderam “Um meio de ficar mais informado sobre o assunto”. Nenhum aluno assinalou as opções de resposta “Um projecto sem interesse” e “Não tenho opinião”. À **questão 8**, “Gostarias de participar num projecto que relembre as tradições ligadas às Festas de Inverno do nosso Concelho?”, 29 alunos (41%) responderam “Gostava muito” e 41 (59%) responderam “Gostava”. As opções “Não gostava” e “Detestava” não foram assinaladas.

Na **parte III**, quisemos saber, quais as actividades que os alunos gostariam de realizar para aprender mais sobre as “Festas de Inverno do Concelho de Bragança”, caso se viesse a aplicar, na escola, um projecto com essa finalidade. Foram dadas sete actividades para escolha, podendo ser assinaladas várias como resposta, e deixou-se um campo para os alunos sugerirem outras actividades. Das apresentadas, a mais seleccionada pelos alunos foi a de “Realizar máscaras e trajes das figuras das festas”, preferida por 65 alunos (93%); a segunda mais escolhida foi “Visitar o Museu Ibérico da Máscara e do Traje”, por 59 (84%) dos alunos; em terceiro lugar nas escolhas, ficou a actividade “Realizar uma exposição de trabalhos na escola”, seleccionada por 57 alunos (81%); seguiu-se a actividade “Realizar uma exposição de trabalhos fora da escola”, assinalada por 48 alunos (69%); e, finalmente, as actividades “Fazer trabalhos escritos” e “Elaborar desenhos das tradições” foram escolhidas por 13 alunos (19%) e 14 alunos (20%), respectivamente. Relativamente às actividades propostas pelos alunos, quatro deles sugeriram “Visitar algumas aldeias com festas” e 2 alunos sugeriram “Trazer à escola caretos”, os restantes 64 não emitiram quaisquer sugestões.

A necessidade de implementação de um projecto/acção, no âmbito da disciplina de EVT, que reavivasse as tradições ligadas aos Caretos e às Festas de Inverno do Concelho de Bragança, foi reforçada pelas auscultações feitas às opiniões e interesses dos alunos. Estes concordaram que um projecto desta natureza, lhes permitiria conhecer melhor o nosso património cultural e que seria um meio de ficar mais informado sobre o tema. Todos expressaram que “gostariam”, ou “gostariam muito”, de participar no projecto.

Podemos, assim, concluir que, através deste diagnóstico, foi possível perceber que poucos alunos conheciam a realidade local no que concerne às tradições ligadas aos Caretos e

às Festas de Inverno do Concelho de Bragança, e que estes estavam predispostos para uma intervenção que alterasse esta situação. Consideraram, então, criadas as condições para a implementação do PP.

1.2. Fase de intervenção – durante a aplicação da acção/PP

- Pretende-se compreender como os alunos participantes cooperam e recebem as propostas de actividades relacionadas com as tradições locais ligadas aos Caretos e às Festas de Inverno do Concelho de Bragança;

Passemos agora à apresentação dos resultados que advêm da avaliação feita à participação dos alunos nas actividades desenvolvidas no cumprimento do PP. Aqui se referem manifestações comportamentais que revelam o grau de satisfação dos alunos durante a realização das actividades e dos trabalhos propostos.

Durante a visita ao Museu Ibérico da Máscara e do Traje, que decorreu nos dias 7 de Janeiro para a turma 2, e oito de Janeiro para as turmas 1 e 3, pudemos observar que os alunos estavam entusiasmadíssimos, tendo em conta as opiniões proferidas, como por exemplo: “Professora, eu trouxe um bloquinho para assentar tudo e a uma máquina fotográfica”, “Vai ser fixe professora, será que tem lá caretos de certo?”, “Eu vim bem equipada para tomar notas: trago um bloquinho para apontamentos e o telemóvel para tirar fotos”, “Ai professora, como será o museu dos caretos? Eu nunca fui lá, mas deve ser muito giro!”. No Museu, como foi descrito atrás, a visita decorreu de forma dinâmica e muito participada.

Para avaliar a visita ao Museu Ibérico da Máscara e do Traje foi aplicado o Questionário 1, entre os dias 12 e 13 de Janeiro de 200. Este, era composto por três itens: “**satisfação com a actividade**”, “**utilidade da actividade**” e “**conhecimentos adquiridos com a actividade**”. Para tal era utilizada a seguinte escala: 1 = Muito Insatisfeito; 2 = Insatisfeito; 3 = Pouco Satisfeito; 4 = Satisfeito, 5 = Muito Satisfeito.

Nas respostas ao Questionário 1, os alunos demonstraram receptividade e satisfação em relação a esta actividade. Questionados sobre “a satisfação com a actividade”, 87% dos alunos (61) responderam terem ficado “muito satisfeitos” e os restantes “satisfeitos”. Em geral, e

respondendo à **questão 1.1.** do referido questionário, os alunos disseram que gostaram de tudo o que viram, conforme nos mostram as justificações dadas por alguns alunos: «Gostei de ver as diferentes máscaras e fatos. E também de ver coisas sobre a minha aldeia.» – Resposta do aluno n.º2, da turma 1; «Eu gostei de ouvir a história de todas as personagens lá presentes.» – Resposta do aluno n.º14, da turma 2; «Gostei de ver os costumes das diferentes localidades. É uma forma divertida de conhecer as tradições.» – Resposta do aluno n.º20, da turma 3. Questionados sobre “a utilidade da actividade”, 90% (63) dos alunos responderam ter sido uma actividade «muito proveitosa». Em relação à satisfação com “os conhecimentos adquiridos com a actividade”, 90% (63) ficaram “muito satisfeitos”. Vejamos alguns exemplos das justificações dadas pelos alunos: «Acho que foi importante porque não se devem deixar perder as tradições e a cultura dos nossos antepassados.» – Resposta à **questão 2.1.**, do aluno n.º 24, da turma 1; «Ficámos a saber mais sobre as tradições das Festas de Inverno de Trás-os-Montes, como são os trajes e as máscaras.» – Resposta à **questão 3.1.** do aluno n.º 5, da turma 2; «Aprendi que, não são só as aldeias de Bragança que têm mascarados e Festas de Inverno, mas que também há em Zamora» – Resposta à **questão 3.1.** do aluno n.º 15, da turma 3.

Durante as aulas que se seguiram, entre os dias 14 de Janeiro e 17 de Fevereiro, executaram-se os trajes (fatos, máscaras e acessórios) das treze figuras das festas e os cartazes informativos com a caracterização das festas. Os alunos mostraram-se sempre motivados e empenhados com as actividades propostas e foram trazendo, desde a primeira aula, o material necessário – lãs, roupas velhas e restos de tecidos – e dois alunos conseguiram mesmo trazer colchas/mantas de canastra antigas, usadas na confecção dos verdadeiros fatos de Careto, em algumas localidades. Todas as tarefas se realizaram numa dinâmica de grupo mas, à medida que alguns grupos iam adiantando o seu trabalho passaram a colaborar com outros grupos que iam mais atrasados, trabalhando mais numa perspectiva de projecto/turma (como por exemplo na execução de chocalhos, franjas e de tiras para os fatos). Na fase final desta actividade eram muitas as manifestações de contentamento: «Estou a adorar todo este trabalho!», «Nunca pensei vir a gostar de fazer fatos de caretos, eu que até tinha medo deles!», «Para o ano, vou eu fazer o meu fato de careto para o desfile de Carnaval das escolas» e ainda «Nós, assim, vamos ficar a saber tudo sobre os caretos e podemos ensinar aos nossos amigos e colegas doutras turmas». Por parte dos professores cooperantes /pares pedagógicos da investigadora, o

feedback que foi sendo dado era muito positivo, pois achavam que os alunos estiveram sempre motivados e animados com as actividades desenvolvidas. Houve uma colega que referiu «ter aprendido muito sobre as Festas de Inverno do Concelho», ela que, sendo transmontana, apenas conhecia os Caretos de Podence. Alguns alunos disseram que «o trabalho foi fixe e que gostavam de aprender outras tradições da nossa região».

As Fichas de Auto-avaliação, aplicadas entre os dias 18 e 19 de Fevereiro de 2009, pela turma 2 e turmas 1 e 3, respectivamente, foram elaboradas para apreciação do trabalho dos alunos durante a execução dos trajes (fatos, máscaras e acessórios) das treze figuras das festas e dos cartazes informativos com a caracterização das festas. Eram utilizados os seguintes parâmetros: NS – Não Satisfaz; S – Satisfaz; SB – Satisfaz Bastante; Ex – Excelente

Na apreciação global que os alunos fizeram da sua prestação no trabalho, nas fichas de auto-avaliação, 47% (33) dos alunos consideraram-na “excelente”, 41% (29) dos alunos ficaram “bastante satisfeitos” e os restantes 11% (8) disseram-se “satisfeitos”.

Em relação aos trabalhos realizados, a maioria achou que contribuíram para melhorar os seus conhecimentos: «Eu acho que o trabalho que realizei está muito criativo, e ainda bem que o fiz, pois comecei a saber mais sobre os caretos e as suas tradições, pois antes não sabia nada.» – Resposta do aluno n.º 19 da turma 1; «Eu penso que o trabalho que realizei ficou muito bonito e por mim, adorei este trabalho. Porque me ajudou a aprender muitas mais coisas sobre as nossas tradições.» – Resposta do aluno nº 16 da turma 2; «Eu gostei de realizar este trabalho com os meus colegas. Gostaria de fazer mais uma vez este projecto, porque fiquei a saber mais sobre os caretos e as Festas de Inverno no Concelho de Bragança.» – Resposta do aluno nº 27 da turma 3.

Para avaliar as actividades: “Desfile de trajes”, “Exposição dos trabalhos à comunidade escolar” e “Palestra”, foi aplicado o Questionário 2 às três turmas envolvidas no projecto, a 18 de Fevereiro, com o objectivo de apreciar o grau de satisfação com as actividades desenvolvidas. Este era composto por três itens: “**satisfação com a actividade**”, “**utilidade da actividade**” e “**conhecimentos adquiridos com a actividade**”. Para tal era utilizada a seguinte escala: 1 = Muito Insatisfeito; 2 = Insatisfeito; 3 = Pouco Satisfeito; 4 = Satisfeito, 5 = Muito Satisfeito. No mesmo questionário era dada a lista das actividades realizadas para que os alunos pudessem escolher aquelas que mais tinham gostado de realizar e “Porquê”.

Em relação ao “Desfile de trajes”, 100% dos alunos responderam que ficaram “muito satisfeitos” com a actividade e 93% dos alunos acharam-na “muito útil”. Em relação à “Palestra” todos os alunos (100%) disseram que ficaram “satisfeitos” ou “muito satisfeitos” com ela e reconheceram que esta foi “muito útil”. Finalmente, quanto à “Exposição dos trabalhos à comunidade escolar”, também 100% dos alunos ficaram “muito satisfeitos” com esta actividade e reconheceram-lhe “muita utilidade”. Em relação às actividades que “mais gostaram de realizar”, todos os alunos manifestaram ter “gostado” das actividades desenvolvidas e a maioria deu como justificação o facto de terem sido «interessantes», «divertidas» e «terem aprendido mais sobre os trajes dos Caretos e as tradições locais relacionadas com as Festas de Inverno».

Auscultados sobre a possibilidade de elegerem entre as actividades desenvolvidas a sua preferida, 100% dos alunos escolheram, sem reservas, a actividade de “realização dos trajes (fatos, máscaras e acessórios) e dos cartazes” porque acharam que «foi aquela que lhes proporcionou mais divertimento». À questão “Gostaste de participar neste projecto?” (**questão 8, da parte II, do Questionário B**) 89% dos alunos responderam que “gostaram muito” de participar e os restantes 11% responderam que “gostaram” de participar.

Face a estes resultados podemos dizer que os alunos receberam muito bem as actividades propostas, ficaram bastante satisfeitos ao realizá-las, acharam-nas bastante úteis e para além de lhes proporcionarem novos conhecimentos também lhes proporcionaram prazer e divertimento.

1.3. Fase de avaliação – após a aplicação da acção/PP

- Pretende-se compreender se as actividades propostas pela investigadora, no âmbito do projecto pedagógico que visa reavivar as tradições ligadas aos Caretos e às Festas de Inverno do Concelho de Bragança, vêm possibilitar aos alunos a aquisição de conhecimentos sobre o tema;

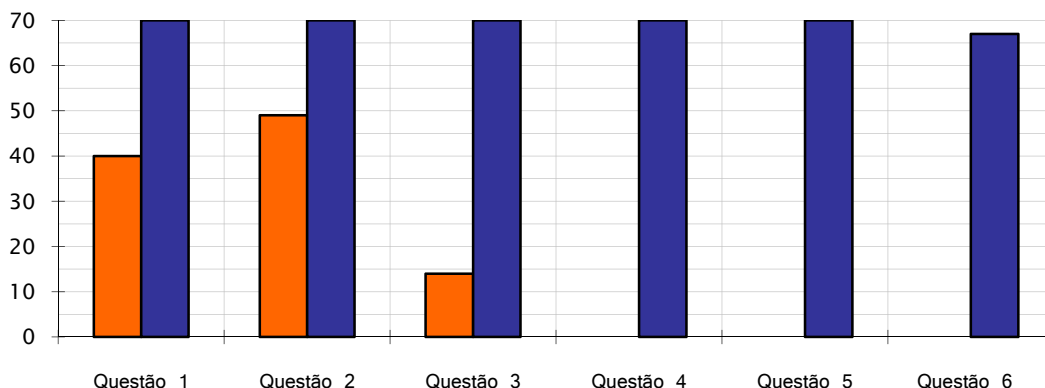
Ainda no Questionário 2, vejamos os resultados em relação ao grau de satisfação com os “conhecimentos adquiridos com as actividades propostas”: para o “desfile de trajes”, 90%

dos alunos disseram-se “muito satisfeitos” com os conhecimentos adquiridos; quanto à “exposição dos trabalhos à comunidade escolar”, 84% dos alunos responderam que ficaram “muito satisfeito”; finalmente, para a “palestra”, 73% dos alunos disseram que ficaram “muito satisfeitos” com os conhecimentos adquiridos. Todos os alunos manifestaram “ter gostado” das actividades desenvolvidas e a maioria deu como justificação, o facto de terem obtido mais conhecimentos sobre os trajes dos Caretos e as tradições locais relacionadas com as Festas de Inverno.

Foram também obtidos dados a partir da administração, aos alunos, do Questionário B (uma versão do questionário A, com alteração da **parte II** e supressão da **parte III**), que ocorreu em 20 de Fevereiro. O principal objectivo deste questionário foi averiguar se os conhecimentos que os alunos tinham antes da aplicação do PP se alteraram com aplicação das actividades propostas. Responderam a este questionário os 70 alunos das três turmas. O questionário era composto por oito questões de resposta fechada: seis relativas a conhecimentos sobre o tema (**Parte I**) e duas de auscultação de opinião sobre o contributo a nível da valorização pessoal obtida pela participação no PP (**Parte II**).

Vejam, então, no [Gráfico 2], o comparativo entre as respostas às questões de “averiguação de conhecimentos” da **parte I** do questionário A e as respostas às questões de “averiguação de conhecimentos” da **parte I** do questionário B, que são as mesmas, mas respondidas em tempos diferentes.

Gráfico 2. Nº de alunos com respostas correctas às questões da parte I, dos Questionários A e B



■ - Questionário A – Antes da aplicação das actividades do PP (de 2 a 5/12/2008).
■ - Questionário B – Depois da aplicação das actividades do PP (20/02/2009).

Da análise ao [Gráfico 2], podemos observar que os alunos responderam com maior assertividade às questões que lhes foram formuladas pela segunda vez, após lhes terem sido proporcionadas actividades relacionadas com a temática “Os Caretos e as Festas de Inverno do Concelho de Bragança”, pelo que se considera ter havido evolução nos conhecimentos dos alunos.

Uma vez que este questionário era de questões de resposta fechada, em que se considera haver uma maior rapidez e facilidade de resposta, quisemos fundamentar melhor o facto do desenvolvimento deste trabalho ter proporcionado aos alunos a aquisição, ou não aquisição, de novos conhecimentos e dificultámos um pouco mais a tarefa. Assim, foi aplicada, no dia 18 de Fevereiro à turma 2 e 19 Fevereiro às turmas 1 e 3, uma ficha de avaliação de conhecimentos com questões de resposta aberta (excepto o crucigrama da questão 6 e a questão 7, que era de opção) que requerem uma melhor organização do pensamento, respostas com uma elaboração frásica mais estruturada e de mais tempo de execução.

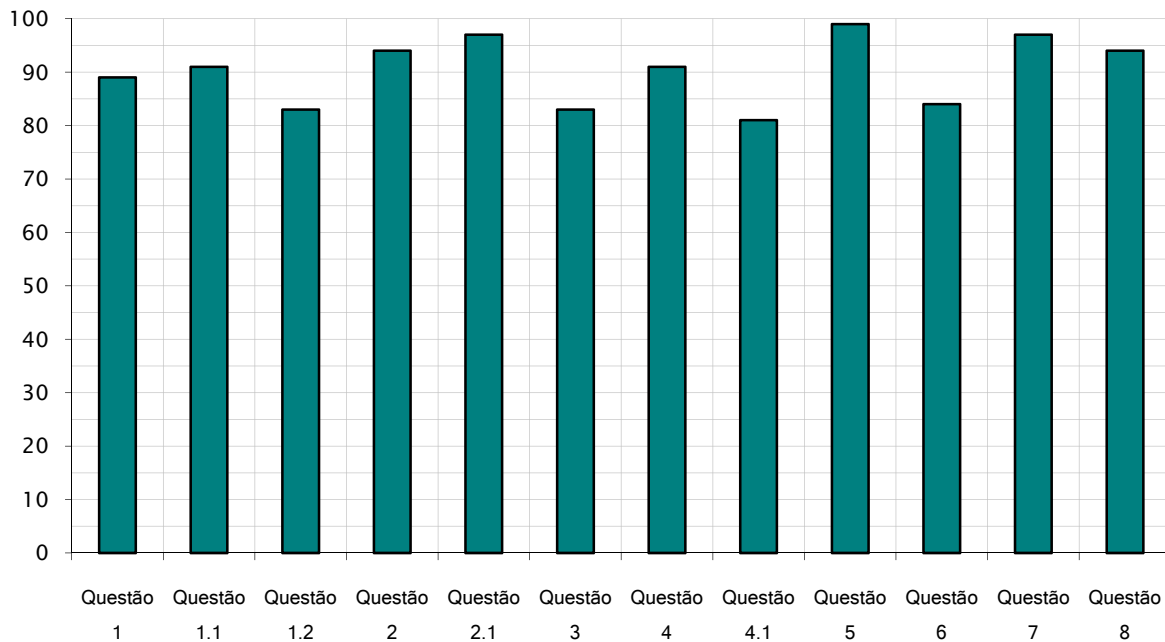
As questões eram as seguintes:

- Questão 1: “Em que altura do ano ocorrem as Festas de Inverno no Concelho de Bragança?”
- Questão 1.1: “Quais os grupos em que podemos classificar estas Festas?”
- Questão 1.2: “Preenche a tabela com exemplos de um local sagrado e um local profano, uma figura ligada ao sagrado e outra ao profano e um acontecimento sagrado e outro profano.”
- Questão 2: “Quais são as características de um Careto?”
- Questão 2.1: “O que fazem os Caretos durante as Festas?”
- Questão 3: “Para além dos Caretos há outras personagens, estas consideradas secundárias. Quais são elas?”
- Questão 4: “Que outros nomes se podem dar à Crítica Social?”
- Questão 4.1: “Em que é que consiste a Crítica Social?”
- Questão 5: “Completa o crucigrama com os nomes das localidades do Concelho de Bragança com Festividades de Inverno.”
- Questão 6: “Enuncia três dos acontecimentos mais importantes das Festas de Inverno no Concelho de Bragança.”

-
- Questão 7: “O que é a Galhofa?”
 - Questão 8: “Quais são as figuras principais das Festas de Carnaval, na cidade de Bragança?”

Obtiveram-se os resultados constantes no [Gráfico 3]:

Gráfico 3. Percentagem de alunos com respostas correctas às questões da Ficha de Avaliação



Fonte: Dados recolhidos pela investigadora, nos dias 18 e 19 de Fevereiro de 2009.

Da observação dos resultados do gráfico acima apresentado, podemos referir que a maioria dos alunos demonstrou ter adquirido conhecimentos sobre a temática em estudo e conseguiu responder, com bastante sucesso, às questões que lhes foram colocadas, uma vez que há uma percentagem de alunos acima dos 80% que respondeu correctamente às questões formuladas, aplicando bem os conhecimentos que adquiriu.

Ainda em relação ao Questionário B, **parte II, questão 7**, onde se pretendia auscultar os alunos sobre o contributo que o PP lhes deu a nível de valorização pessoal: 80% referiu ter

ficado “com muitos conhecimentos” sobre o tema tratado e os restantes 20% referiram ter ficado com “alguns conhecimentos” sobre o tema tratado.

A ideia principal que nos fica sobre a implementação deste projecto na escola, é a de que os alunos responderam positivamente ao desafio colocado pela investigadora, e de que este foi um contributo importante para que eles conhecessem melhor as tradições respeitantes às Festas de Inverno com Caretos do Concelho de Bragança, dando-lhes a oportunidade de experimentarem, pela Expressão Artística, nas aulas de EVT, actividades que os envolveram com uma realidade local e reforçaram os seus conhecimentos nesta matéria.

- Pretende-se compreender se a mostra dos trabalhos realizados pelos alunos constituiu um veículo para reavivar as tradições locais e para sensibilizar as pessoas para a necessidade de preservar essas tradições.

Os trabalhos realizados pelos alunos saíram também do espaço-escola para um espaço aberto à comunidade local – o terceiro piso do Bragança *Shopping* –, inseridos num contexto de animação temporária deste estabelecimento comercial da cidade.

Esta exposição esteve patente durante todo o mês de Março e foi pedido aos visitantes que deixassem registada, no livro de honra, a sua opinião sobre este trabalho. Este pedido era precedido da seguinte nota introdutória: “Este Projecto Pedagógico teve como objectivo principal reavivar, na Escola, as tradições ligadas às Festas de Inverno do Concelho de Bragança, como forma de contribuir para a sua preservação.”

Das notas registadas no livro de honra da exposição, transcreveram-se algumas que vão de encontro ao objectivo atrás enunciado:

- «Não sendo desta zona, desconhecia estas tradições, mas fiquei feliz por saber que há pessoas a recuperar as nossas tradições mantendo-as vivas. Obrigada.» (Visitante da Covilhã, 01/03/09)
- «Quero dar os parabéns a todos. Acho muito interessante não deixarmos morrer as tradições da nossa terra. Continuem!» (Anónimo, 01/03/09)

-
- «Obrigada por me fazerem lembrar a minha infância. Nascida em Maio de 1959, nos Batoques* - Bragança» (Anónima, 01/03/09)
 - «Muito interessante! Devia preservar-se sempre a tradição, para que estes bonitos acontecimentos não deixassem de ser conhecidos pela geração seguinte. Parabéns a todos os que contribuíram para este projecto.» (M. F., 02/03/09)
 - «Gostei muito de ver esta variedade de caretos, sempre pensei que só mudasse a máscara. Está interessante.» (B. P., s/d)
 - «Um trabalho muito interessante, que fomenta a criatividade e ao mesmo tempo explica as tradições da nossa região – onde o sagrado e o profano se reúnem.» (Anónimo, 03/03/09)
 - «O grupo de trabalho desenvolveu um trabalho óptimo, de grande qualidade. Existiu a preocupação de fazer um enquadramento de todas as figuras e as mesmas foram elaboradas com pormenor, respeitando as suas especificidades. Os meus parabéns aos alunos e respectivos professores envolvidos no projecto.» (Anónimo, s/d)
 - «Projecto interessante que estimula nos mais velhos o reavivar de antigas tradições e aos mais novos proporciona o contacto com a cultura e os costumes das suas gentes. Parabéns pela iniciativa.» (M. C. e D. R., s/d)
 - «*Ye mui buono saber que hai mocidade que tem muita proua nas suas tradiçones.*» (Visitante de Miranda do Douro, s/d)
 - «Foi um trabalho muito positivo e interessante, na medida em que ajudou os alunos a conhecerem os costumes e as tradições do seu Concelho.» (Mãe de uma aluna que participou no projecto, s/d)
 - «A exposição está fantástica. É importante reavivar as tradições. Continua a proporcionar-nos bons trabalhos e ensinamentos. Gostei de colaborar contigo.» (L.M., professora colaboradora na aplicação do projecto, 12/03/09)
 - «Uma exposição muito bonita. Vale a pena “relembrar” e manter presentes as nossas tradições, é esta tradição cultural que nos identifica. Parabéns aos professores e alunos.» (Anónimo, s/d)
 - «Sou mãe de uma aluna que participou na realização deste trabalho e acho uma ideia muito interessante. Estou encantada.» (Mãe de uma aluna, s/d)

* Bairro antigo da cidade, junto ao rio Sabor, sito no sopé da encosta onde se localiza o castelo de Bragança.

-
- «Espectacular, esta iniciativa. Continuem, não deixem morrer as tradições da terra.» (A. M., visitante do Porto, s/d)
 - «Não deixar que as tradições caiam no esquecimento da população é bom, tal como é bom para os mais jovens terem conhecimento delas, das suas origens ... Gostei de ver representado o careto de Salsas.» (Visitante de Salsas, 15/03/09)
 - «*Felicitaciones, desde SANZOLLES, localidad Zamorana, donde se lleva acabo una de las mascaradas de invierno más importantes, el Zangarron.*» (M e I, visitantes da província de Zamora, 19/03/09)
 - «Olá... Visitámos a vossa exposição, e como não somos de Bragança foi bom conhecer um pouco da tradição desta cidade. Desta forma, desejamos-vos os parabéns pelo magnífico trabalho realizado.» (Anónimos, s/d)
 - «É sempre de louvar a preservação das tradições da nossa terra. Parabéns pelo trabalho. Gostei muito.» (Anónimo, 28/03/09)

Por último, fica também o registo do agradecimento da administração do Bragança *Shopping*:

- «O Bragança *Shopping* presta os mais sinceros agradecimentos aos mentores deste projecto, pelo enriquecimento que proporcionou a este Centro Comercial, pelos magníficos trabalhos apresentados e pela história que nos transmitem.» (M. G., 01/03/09)

A selecção das mensagens atrás apresentadas tentou abranger opiniões diversificadas. Pelo seu conteúdo, compreendeu-se que a apresentação deste trabalho à comunidade permitiu àqueles que conheciam as tradições locais, contactar de forma indirecta com elas e lembrá-las, alguns mesmo com saudade; permitiu que muitos se mostrassem sensibilizados e felizes por saberem que há iniciativas que promovem junto dos mais novos a divulgação da cultura e tradições locais, tentando lembrá-las para que se mantenham vivas e não caiam no esquecimento; permitiu aos que não eram da região, dar a oportunidade de conhecerem um pouco das tradições locais inerentes às Festas de Inverno do Concelho tendo, também eles, mostrado regozijo com o facto de haver escolas que desenvolvem projectos com este intento; permitiu, finalmente, que outros identificassem nestas tradições, semelhanças com as que ocorrem nas suas terras – por exemplo as visitantes da província de Zamora.

CONCLUSÃO

O constatar que os alunos vivem alheados de um passado que faz parte da sua identidade cultural e ignoram as manifestações culturais e artísticas ligadas às tradições das Festas de Inverno do seu Concelho, foi o ponto de partida para se levantar a seguinte questão: “De que modo pode a disciplina de Educação Visual e Tecnológica (EVT) contribuir para reavivar as tradições das Festas de Inverno do Concelho de Bragança?”.

A Constituição da República Portuguesa consigna, no seu art.º 9.º, alínea e), como uma das «Tarefas Fundamentais do Estado», a de «Proteger e valorizar o património cultural do povo português» e o Ministério da Educação, dentro das competências essenciais definidas para a Educação Artística/Educação Visual, refere que *“A escola, nas suas múltiplas experiências educativas, deve proporcionar o acesso ao património cultural e artístico, abrindo perspectivas para a intervenção crítica.”* Cabe, portanto, à escola, por via dos seus recursos humanos, professores e alunos, utilizando a diversidade de áreas curriculares, nomeadamente a da Expressão Artística, desenvolver actividades e projectos que proporcionem a ampliação de conhecimento e a compreensão do nosso património artístico e cultural. Como nos refere Hélder Pacheco (1985), *“entre os instrumentos de qualquer esforço de identificação e divulgação das raízes culturais de um povo, encontra-se, à partida, a necessidade de um reconhecimento daquilo que o povo cria, criou ou recriou”*, para se proceder à tarefa indispensável e inadiável de divulgação e difusão.

Assim, no que diz respeito às Festas de Inverno com mascarados do Concelho de Bragança, sentiu-se a necessidade de contribuir para a preservação das tradições e rituais a elas relacionados, promovendo, acima de tudo, o seu reconhecimento e a sua divulgação na escola, junto dos alunos. Utilizando a área disciplinar de EVT, propusemos, então, a aplicação de um conjunto de actividades que envolvessem os alunos na realidade destas tradições e contribuíssem para uma melhoria dos seus conhecimentos nesta matéria. Foram desenvolvidas as seguintes actividades: uma visita de estudo ao Museu Ibérico da Máscara e do Traje; o levantamento de informação escrita sobre os rituais/acontecimentos mais importantes das Festas de Inverno com mascarados do Concelho de Bragança e as características das respectivas figuras e festas; a realização dos trajes (fatos, máscaras e

acessórios) das figuras principais dessas festividades; uma palestra temática; um desfile de trajes; a exposição dos trabalhos à comunidade escolar e à comunidade local.

Assim, se deu corpo a um Projecto Pedagógico – acção fundamental deste estudo –, que envolveu a investigadora, em colaboração com os seus pares pedagógicos, e os seus setenta alunos de 5.º ano. Para além do apoio prestado pela escola onde o projecto foi desenvolvido, contou-se, também, com a colaboração de pessoas e entidades locais para concretizar algumas das actividades propostas.

Este projecto arrogou-se pelo desenvolvimento prático das actividades em contexto educativo, tendo sido enquadrado numa unidade de trabalho disciplinar relacionada com o Carnaval (por se darem a conhecer as tradições relacionadas com as festas que têm mascarados) e ocorreu num tempo coincidente com algumas Festas de Inverno locais. Não foi, no entanto, possível, por incompatibilidade temporal, visitar uma ou outra localidade que realizaram a sua festa enquanto a acção foi desenvolvida com os alunos, o que lhes teria dado outras vivências e um conhecimento real da dinâmica das festas e o contacto directo com as tradições e figuras principais dessas festas.

Na observação das aulas foi sempre evidente que os alunos, para além de se mostrarem receptivos às propostas de trabalho, se sentiram muito motivados e interessados na realização das mesmas, preocupando-se em desenvolver um trabalho com qualidade e o mais fidedigno possível com as tradições que laboravam. O facto de os alunos responderem positivamente ao desafio colocado pela investigadora, favoreceu a construção do seu próprio processo de aprendizagem, através do uso de estratégias diversificadas como, por exemplo, o debate de ideias, as pesquisas, os esboços, as observações, a construção, a escrita, a organização e a cooperação.

A investigação desenvolvida demonstrou que as actividades experimentadas pelos alunos, por via da Expressão Artística, nas aulas de EVT, ao mesmo tempo que lhes proporcionaram prazer e divertimento, se consideraram úteis e contribuíram para o reforço dos seus conhecimentos sobre as tradições locais das Festas de Inverno com Caretos do Concelho de Bragança, o que representa uma mais-valia no caminho da sua preservação.

Constatou-se, ainda, que a apresentação deste trabalho à comunidade local, foi bem aceite e permitiu relembrar as tradições aos mais velhos e promovê-las junto dos mais novos ou daqueles que as desconheciam, contribuindo para a sua divulgação.

Alguns dos alunos que participaram no estudo sugeriram que este tipo de projecto deveria ser continuado em anos futuros, trabalhando estas ou outras tradições locais, porque os inteiram da sua cultura e tradições e melhoraram os seus conhecimentos.

Os alunos, professores colaboradores e investigadora concordaram que os trabalhos executados neste projecto deveriam ser guardados na escola e ficarem disponíveis para mostras ou participação em eventos relacionados com a temática. Esses trabalhos poderão testemunhar que a divulgação das tradições locais também poderá ser feita pela educação artística, utilizando as aulas de EVT, bastando para isso que se escolham actividades que vão de encontro aos interesses dos alunos, à sua curiosidade e à sua disponibilidade em aceitar desafios para aprender a partir de novos contextos e novas experiências.

Consideramos que este projecto se enquadra nas directivas do Ministério da Educação, contempladas no Currículo Nacional, que aconselham que a escola, espaço basilar do quotidiano dos alunos e dos professores, deverá proporcionar, por via dos seus recursos curriculares e nas suas múltiplas experiências educativas, o acesso ao património cultural e artístico contribuindo activamente para que as tradições locais e a cultura que identifica um povo estejam, também, presentes nesse quotidiano, abrindo perspectivas para uma intervenção mais crítica e para o aperfeiçoamento da sensibilidade.

Assim, pensamos ter contribuído, mesmo que com pouco, para a defesa das nossas tradições, uma vez que as demos a conhecer, pois, como refere Pacheco (1985: 21), ***“Defender o nosso património colectivo é, antes de tudo conhecê-lo; para que não se possa dizer, também, a este respeito: «fizeram pouco de mais, tarde de mais»”***.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Afonso, B. 1981. **Máscaras e trajos Carnavalescos**. in *Brigantia*, Vol. I, nº 0. Bragança. pp. 17 - 24.
- Afonso, B. 1988. **Dos regiones: Una cultura el noroeste transmontano**. in **II Congresso Mundial Vasco de Antropologia Cultural**. Editorial Euskoikaskuntza, S.A.
- Afonso, B. 1989. **A Lenha das Almas na Lombada, uma Tradição Curiosa**. in *Brigantia* – Vol. IX, nº 1. Janeiro/Março. Bragança. pp. 47 - 67.
- Alves, António C. 1995. **As Festas dos Rapazes na Lombada**. In **A Festa popular em Trás-os-Montes – Actas do Congresso**. 173-188. Bragança: Edições do Nordeste.
- Alves, F. M. 1909/48. **Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança**. Bragança: Edição do Museu Abade de Baçal.
- Barros, J., Costa, S. M. 2002. **Festas e Tradições Portuguesas, Janeiro**. Rio de Mouro: Círculo de Leitores.
- Barros, J., Costa, S. M. 2003. **Festas e Tradições Portuguesas, Novembro e Dezembro**. Rio de Mouro: Círculo de Leitores.
- Barros, J., Costa, S. M. 2003. **Festas e Tradições Portuguesas, Fevereiro**. Rio de Mouro: Círculo de Leitores.
- Baroja, J. C. 1957. **Espana Primitiva y Romana**. Barcelona: Editorial Seix Barral, S. A.
- Bogdan, R., Biklen, S. 1994. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora.
- Bragada, José. 1992. **Festas de Sto. Estêvão em Grijó de Parada, Bragança**. *Brigantia*, XII, nº. 2, Abril/Julho. pp. 97 - 110.

Caillois, R. 1950. **O Homem e o Sagrado, Perspectivas do Homem**. Lisboa: Edições 70.

Caillois, R. 1990. **Os Jogos e os Homens, Ensaio**. Livros Cotovia.

Canotilho, L. 2005. **Mascararte/1ª bienal da Máscara 2003**. Bragança. Câmara Municipal de Bragança.

Cohen, L. & Manion, L. 1994. **Research Methods in Education (4th ed.)**. London: Routledge.

Cravo, A. 2002. **Máscaras e Mascarados na Exposição do Pintor António Silva**. *in* Brigantia – Revista de Cultura, vol. XXII, nº 1/2. Janeiro/Junho. Bragança. pp. 149 - 158.

Descombe, M. 1999. **The Good Research Guide for Small-Scale Social Research Project**. Buckingham: Open University Press.

Dias, J. 1981. **Rio de Onor – Comunitarismo Agro-Pastoril**. Lisboa: Editorial Presença. 2ª Edição.

Durkheim, E. 1912. **Les formes élémentaires de la vie religieuse**. Paris.

Eliade, M. 1957. **O Sagrado e o Profano, Essência das Religiões**. Lisboa: Livros do Brasil.

Eliade, M. 1989. **Aspectos do Mito**, tr. de Manuela Torres, Lisboa: Perspectivas do Homem/Edições 70.

Estrela, A. 1994. **Teoria e Prática de Observação de Classes, Uma Estratégia de Formação de Professores**. Porto: Porto Editora.

Godinho, Paula. 1995. **Ser rapaz, ir à Festa**. *in* **A Festa popular em Trás-os-Montes – Actas do Congresso**. 81- 90. Bragança: Edições do Nordeste.

Fernandes, A. 2004. **Monografia das Freguesias do Concelho de Bragança**. Edição da Câmara Municipal de Bragança.

Ferreira, H., Perdigoão, T. 2003. **Máscaras em Portugal**. Lisboa: Medialivros.

Huizinga, J. 1971. **Homo Ludens. O Jogo como elemento da cultura.** S. Paulo: Edições Universidade.

Jacob, João N. 1995. **Festas com máscaras: algumas leituras.** in **A Festa popular em Trás-os-Montes – Actas do Congresso.** 375 – 387. Bragança: Edições do Nordeste.

Kuhne, G. W., & Quigley, B. A. 1997. **Understanding and Using Action Research in Practice Settings.** in B. Allan Quigley & Gary W. Kuhne (eds.). **Creating Practical Knowledge Through Action Research: Posing Problems, Solving Problems, and Improving Daily Practice.** San Francisco: Jossey-Bass Publishers. pp. 23-40.

Landier, J-C. Barret, G. 1994. **Expressão Dramática e Teatro.** Lisboa: Edições ASA.

Lessard-Hébert, M., Goyette, G. e Boutin, G. 1994. **Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas.** Lisboa, Instituto Piaget.

Levi-Strauss, C. 1989. **Mito e Significado.** Lisboa: Edições 70.

Maciel, S. A. 1998. **Máscara de Ousilhão – Uma Leitura Antropológica e Metafísica.** Edição da Câmara Municipal de Vinhais.

Ministério da Educação. 1991. **Programa de Educação Visual e Tecnológica.** Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação. 2001. **Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais: Educação Artística.** Lisboa: Ministério da Educação.

Oliveira, E. V. 1984. **Festividades cíclicas em Portugal.** Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Pacheco, H. 1984. **Portugal, Escola e Comunidade, Artes e Tradições de Bragança 7.** Lisboa: Terra Livre.

Pacheco, H. 1985. **Portugal Património Cultural Popular 1, o ambiente dos homens.** Lisboa: Areal Editores.

Pereira, B. 1973. **Máscaras Portuguesas.** Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.

Pereira, B. 1985. **Máscaras Transmontanas**. *in* Brigantia, Vol. V, n^{os} 2,3,4, Abril/Dezembro. pp. 497-514.

Prada, Francisco. 1995. **Objectos sonoros na festa popular no Nordeste Transmontano**. *in* **A Festa popular em Trás-os-Montes – Actas do Congresso**. 349-373. Bragança: Edições do Nordeste.

Porfírio, M. 2004. **Educação Visual e Tecnológica Ensino Básico 5º. /6º. Anos**. Porto: Asa Editores.

Rocha, M. 1992. **Festas tradicionais no ciclo de Inverno em Parada de Infanções**. *in* Brigantia, XII, n^o 4, Outubro/Dezembro. pp. 157-173.

Saraiva, C. 2002. **Introdução geral**. *in* Barros, J., C, S. M. **Festas e Tradições Portuguesas – Janeiro**. Rio de Mouro: Círculo de Leitores.

Seleções do Reader's Digest. 1982. **À descoberta de Portugal**. Porto: Ambar.

Serra, M. C. 2003. **Reminiscências das Relações entre o Lúdico e o Sagrado nalguns Jogos de Tradição**. *in* **Livro de Homenagem a José Miguel Carreira Amarelo**. Guarda: Publicações ESEG (Escola Superior de Educação da Guarda).

Supico, A., Cavaco, A. 2004. **Tecno, Educação Visual e Tecnológica 5º. /6º. Anos**. Lisboa: Plátano Editora.

Saunders, K., Lewis, P. e Thornhill. 2000. **A Research methods for business students**. England: Pearson Education.

Tiza, A. P. 1987. **O Culto do Pão em Trás-os-Montes**. *in* Brigantia – Revista de Cultura, vol. VII, n^o 3-4. Julho/Dezembro. Bragança. pp. 295- 304.

Tiza, António P. 1995. **O Mascarado – suas funções nas Festas do Inverno**. *in* **A Festa popular em Trás-os-Montes – Actas do Congresso**. 189 - 196. Bragança: Edições do Nordeste.

Tiza, A. P. 2003. **Permanência e Funções dos “Caretos”, Máscaras e Mascarados.** *in* Ferreira, H., Perdigão, T. **Máscaras em Portugal.** Lisboa: Mediatexto. pp. 17-25.

Tiza, A. P. 2004. **Inverno Mágico Ritos e Mistérios Transmontanos.** Lisboa: Ésquilo.

Van Den Akken, Nieveen, N. (*et al*). 1999. (EDS) **Design Methodology and developmental research in education and training.** Netherlands: Kluwer Academic.

Winter, R. 1996. **Some Principles and Procedures for the Conduct of action Research.** *in* Zubert-Skerritt, O. 1996. **New Directions in action Research, London.** Falmer Press.

Outros Documentos

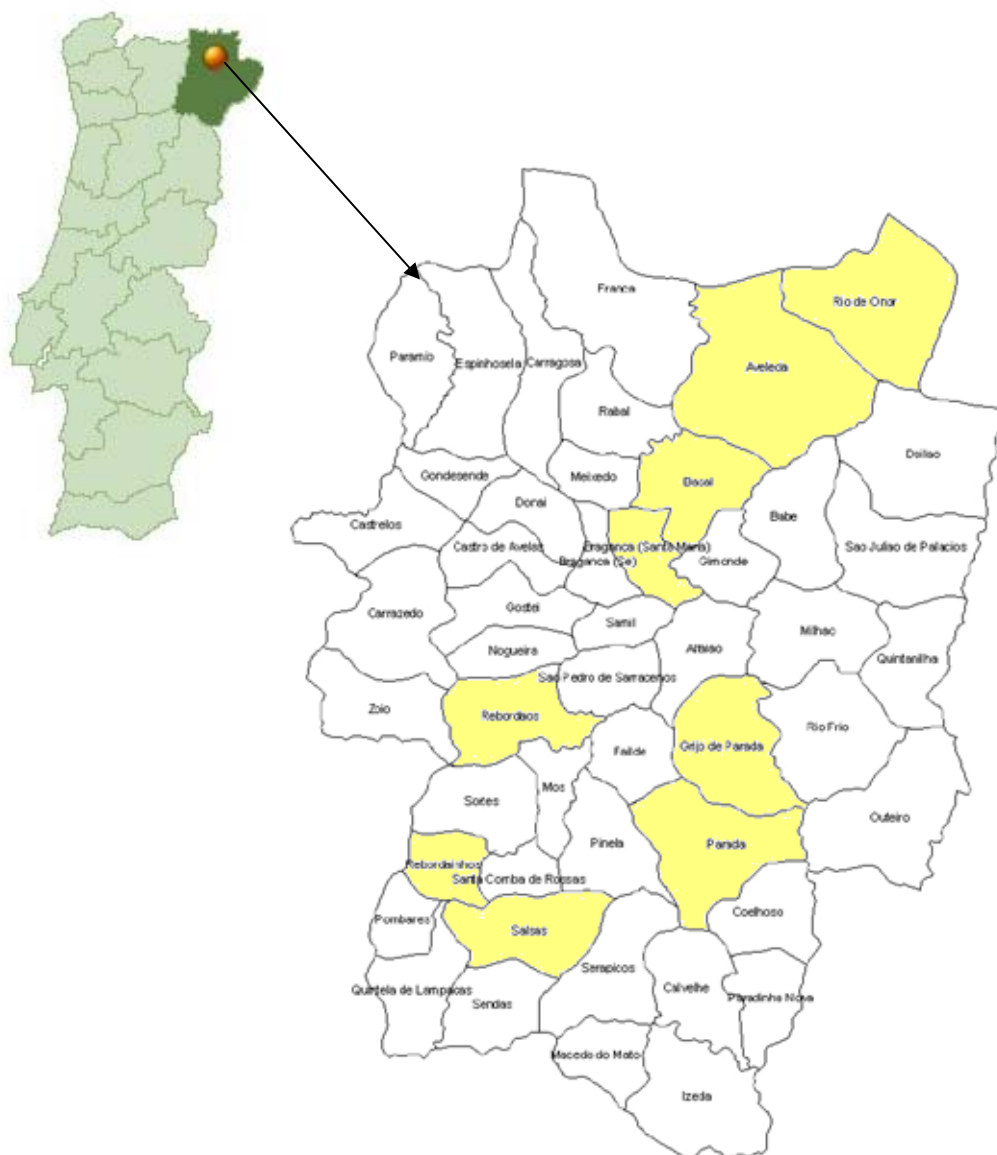
Constituição da República Portuguesa, site: <http://www.portugal.gov.pt/>, acedido em 01/04/2009.

Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural, Paris de 17 de Outubro a 21 de Novembro de 1972, Site: <http://unesdoc.unesco.org>, acedido em 01/04/2009.

Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, Paris, 17 de Outubro de 2003, Site: <http://unesdoc.unesco.org>, acedido em 01/04/2009.

ANEXOS

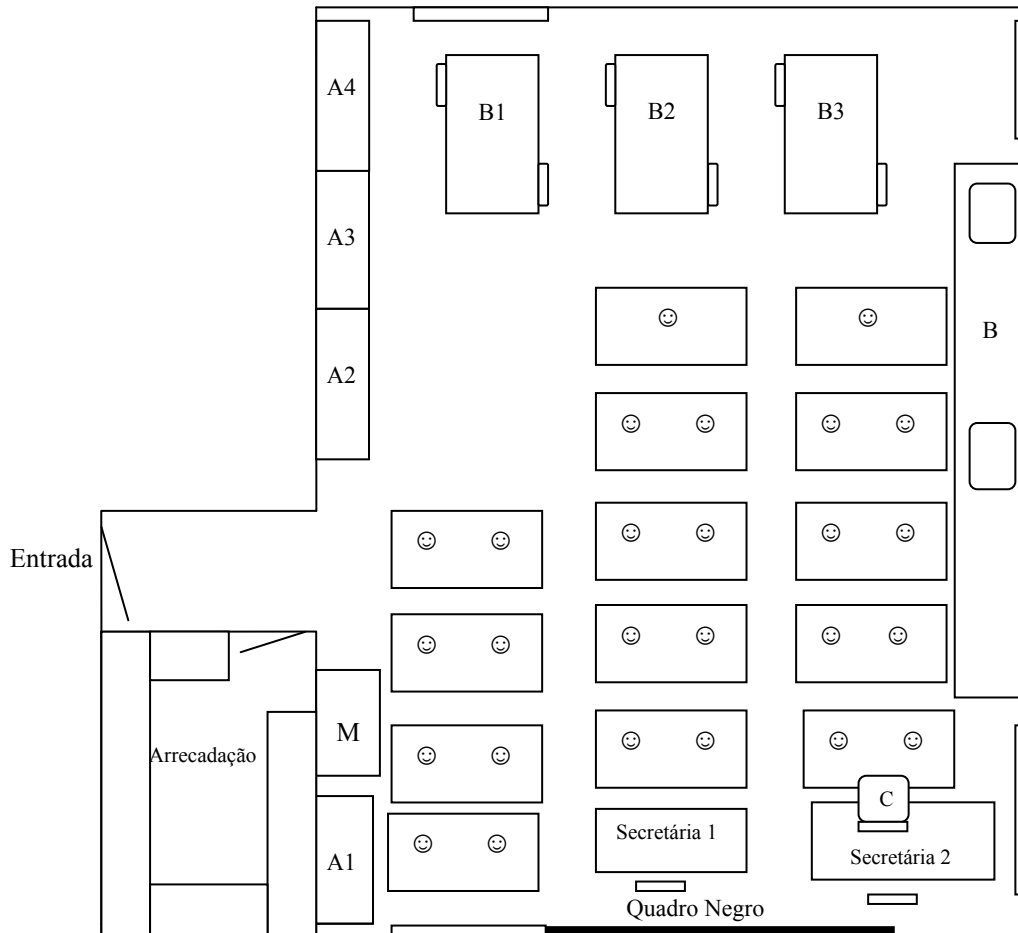
Anexo 1 – Freguesias do Concelho de Bragança com Mascarados nas Festas de Inverno



■ – Freguesias do Concelho de Bragança com Mascarados nas Festas de Inverno.
Fonte: <http://www.cm-braganca.pt/PageGen.aspx> (accedida em 16 de Julho de 2009).

Anexo 2 – Plantas das Salas de EVT e Disposição dos Alunos das Turmas

Sala A5 – Disposição dos alunos da Turma 1

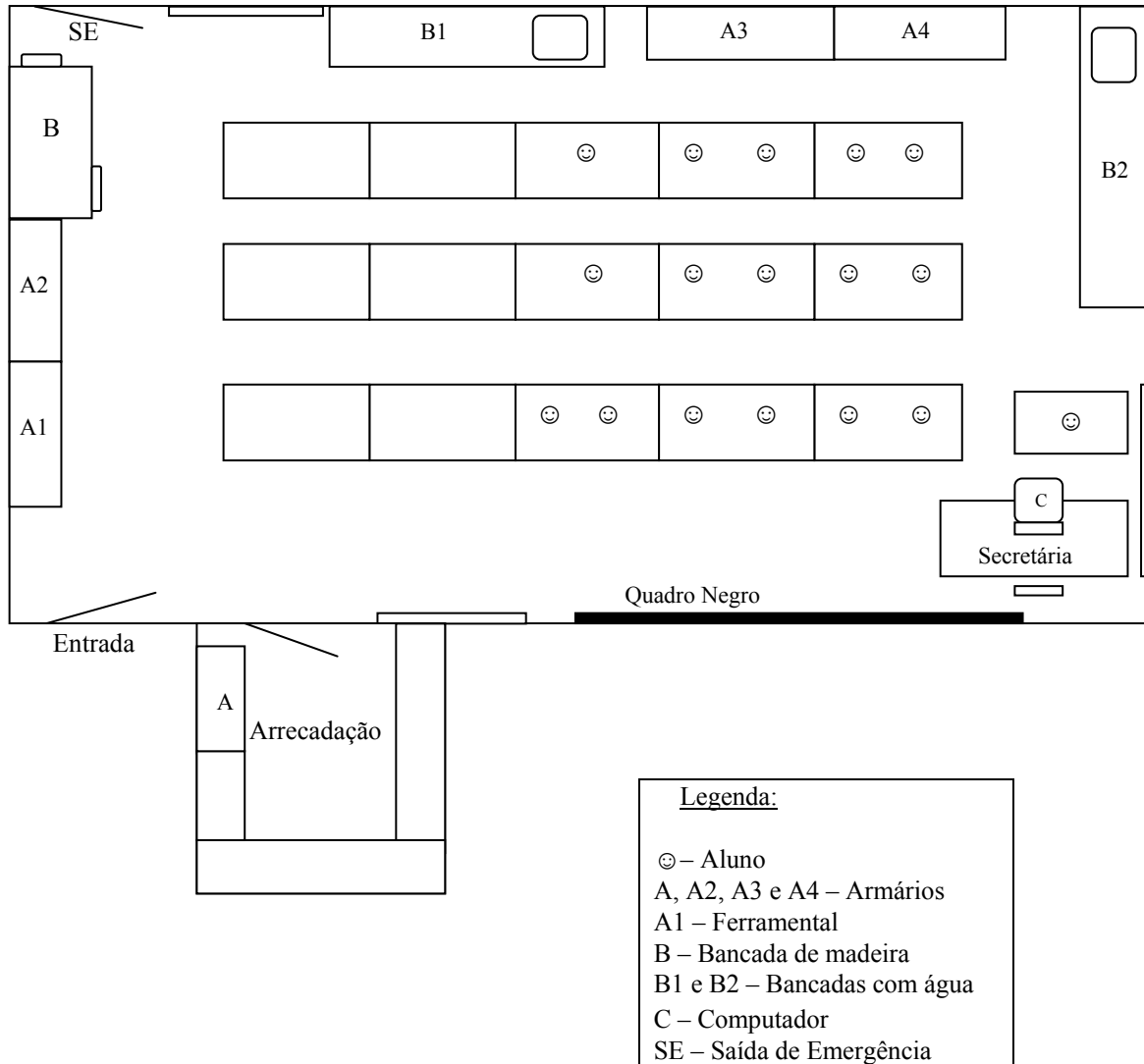


Legenda:

- ☺ – Aluno
- A1, A2 e A4 – Armários
- A3 – Ferramental
- B – Bancada com água
- B1, B2 e B3 – Bancadas de madeira
- C – Computador
- M – Mufla (Forno para cozer peças em barro)

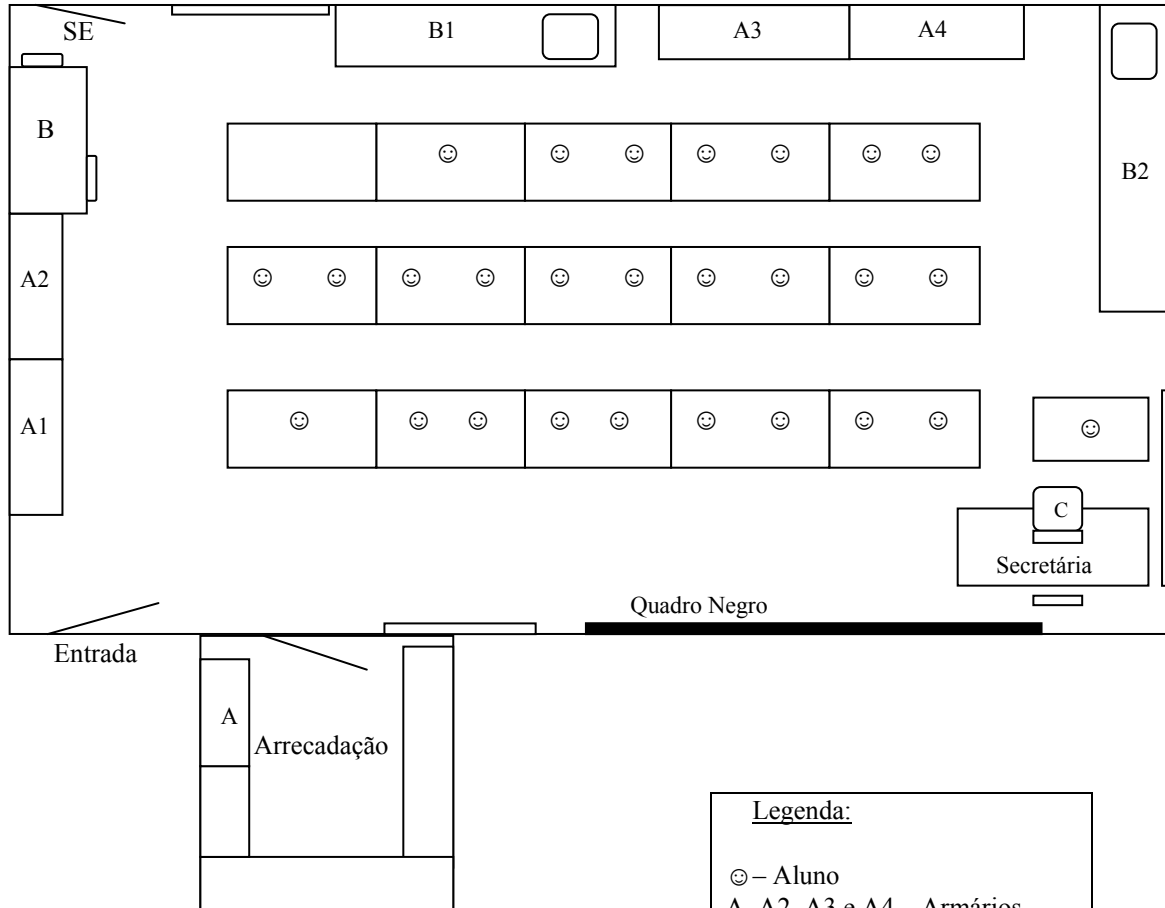
Fonte: Construída pela autora

Sala A7 – Disposição dos alunos da Turma 2



Fonte: Construída pela autora

Sala A7 – Disposição dos alunos da Turma 3



Fonte: Construída pela autora

Anexo 3 – Excerto do Plano Anual de Actividades do Departamento de Educação Visual Artística e Tecnológica (DEVAT)

Competências a desenvolver	Actividades	Calendarização	Turmas envolvidas	Dinamização	Material /recursos	Avaliação
- Contribuir para a protecção das tradições locais e para a preservação do património cultural.	- Visita ao Museu Ibérico da Máscara e do Traje - Desfile de trajes		Turma 1 Turma 2 Turma 3	Bárbara/ AP Bárbara/ LM Bárbara/ RE	- Autocarro - Materiais vários	
-Reconhecer a importância das tradições locais.	- Palestra “Os Caretos e as Festas de Inverno do Concelho de Bragança”	- 2º Período	- Alunos do 2º e 3º ciclos	Bárbara Dias	-Reaproveitamento de materiais - Outros materiais a especificar	- Através de relatórios e questionários
- Cooperar com outros e trabalhar em grupo	- Exposição “Os Caretos na Escola, o reavivar da tradição”		Turma 1 Turma 2 Turma 3	Bárbara/ AP Bárbara/ LM Bárbara/ RE		

Anexo 4 – Pedido de Autorização para Aplicação dos Questionários na Escola

AGUPAMENTO DE ESCOLAS PAULO QUINTELA
ESCOLA SEDE
ENTRADA
08-12-08
Remetido a 7.16.16.12

1301

Exmo. Sr. Presidente do Conselho Executivo
do Agrupamento de Escolas Paulo Quintela

Bárbara Ludovina Fonseca Silva Lourenço Dias, professora do quadro de nomeação definitiva desta escola, do grupo 240, solicita a V.^a Ex.^a autorização para aplicação de um questionário a alunos, professores e funcionários da escola sede para recolha de dados sobre o tema “Os Caretos e as Festas de Inverno no concelho de Bragança”.

Este questionário faz parte de um projecto que me proponho desenvolver na escola, no âmbito da dissertação de mestrado em Animação Artística, e visa reavivar, junto da comunidade escolar, manifestações de carácter artístico que envolvem essas festividades.

Bragança, 27 de Novembro de 2008

A professora,
Bárbara Ludovina Fonseca Silva Lourenço Dias
(Bárbara Ludovina Fonseca Silva Lourenço Dias)

Germano Alberto Rocha Lameira
O Presidente do C. Executivo

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL
SECRETARIA DO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS
PAULO QUINTELA
ESCOLA SEDE
Bragança 2008/12/09
D. Isabel Monteiro

Anexo 5 – Cartas de Carácter Oficial

Ofícios às entidades locais que colaboraram no PP

Exma. Senhora Vereadora
do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal
de Bragança

Bárbara Ludovina Fonseca Silva Lourenço Dias, professora do quadro da Escola E.B. 2, 3 Paulo Quintela, pretende desenvolver com três turmas de 5º ano, nas aulas de Educação Visual e Tecnológica, um Projecto Pedagógico, no âmbito de um projecto de investigação de mestrado, subordinado ao tema “**Os caretos na escola, o reavivar da tradição**” cujo objectivo principal é sensibilizar os alunos para a necessidade de preservação do património artístico e cultural das Festas de Inverno do Concelho de Bragança dando-lhes a conhecer as suas tradições.

Nesse sentido, vem solicitar a colaboração de V.^a Exa. na seguinte fase do projecto:

- **1ª – Fase de pesquisa** - Na visita ao Museu Ibérico da Máscara e do Traje, para a qual solicito autorizações de entrada para os dias 7 de Janeiro de 2009 - turma do 5ºC (17 alunos e duas professoras, das 10h30 às 11h30) e 8 de Janeiro de 2009 - turma do 5ºB (26 alunos e dois professores, das 10h30m às 11h30m) e turma do 5ºD (27 alunos e duas professoras, das 15h30m às 16h30m) e visita guiada.

Agradeço a colaboração de V. Exa. Em anexo, apresento uma sinopse do Projecto Pedagógico. Com os melhores cumprimentos.

Bragança, 12 de Dezembro de 2008

A professora,

(Bárbara L. Fonseca Silva L. Dias)

Exmo. Senhor Presidente
da Junta de Freguesia da Sé - Bragança

Bárbara Ludovina Fonseca Silva Lourenço Dias, professora do quadro da Escola E. B. 2, 3 Paulo Quintela, pretende desenvolver, nas aulas de Educação Visual e Tecnológica, com três turmas de 5.º ano, um Projecto Pedagógico, no âmbito de uma investigação de mestrado, subordinado ao tema **“Os caretos na escola, o reavivar da tradição”** cujo objectivo principal é sensibilizar os alunos para a necessidade de preservação do património artístico e cultural das Festas de Inverno do Concelho de Bragança dando-lhes a conhecer as suas tradições.

Nesse sentido, vem solicitar a V.ª Exa. a cedência de transporte para a deslocação dos alunos envolvidos ao Museu Ibérico da Máscara e do Traje, nos dias 7 de Janeiro de 2009 - turma do 5.º C (17 alunos e duas professoras, das 10h20 às 11h30) e 8 de Janeiro de 2009 - turma do 5.º B (26 alunos e dois professores, das 10h20m às 11h30m) e turma do 5.º D (27 alunos e duas professoras, das 15h20m às 16h30m).

Agradeço a colaboração de V. Exa. Em anexo, apresento uma sinopse do Projecto Pedagógico.
Com os melhores cumprimentos.

Bragança, 12 de Dezembro de 2008

A professora,

(Bárbara L. Fonseca Silva L. Dias)

Exma. Senhora Administradora
do Bragança *Shopping*

Bárbara Ludovina Fonseca Silva Lourenço Dias, professora do quadro da Escola E. B. 2, 3 Paulo Quintela, pretende desenvolver, nas aulas de Educação Visual e Tecnológica, com três turmas de 5º ano, um Projecto Pedagógico, no âmbito de uma investigação de mestrado, subordinado ao tema **“Os caretos na escola, o reavivar da tradição”** cujo objectivo principal é sensibilizar os alunos para a necessidade de preservação do património artístico e cultural das Festas de Inverno do Concelho de Bragança dando-lhes a conhecer as suas tradições.

Nesse sentido, vem solicitar a Vª Exa. a cedência temporária, nesse estabelecimento comercial, de um espaço para a apresentação, à comunidade local, dos trabalhos realizados pelos alunos envolvidos no projecto acima mencionado.

Agradeço a colaboração de V. Exa. Em anexo, apresento uma sinopse do Projecto Pedagógico.
Com os melhores cumprimentos.

Bragança, 12 de Dezembro de 2008

A professora,

(Bárbara L. Fonseca Silva L. Dias)

Sinopse do Projecto Pedagógico

O Projecto será desenvolvido com três turmas do 5º ano (com o total de 70 alunos e a formação de 13 grupos de trabalho com 5 a 6 elementos cada) durante as aulas de Educação Visual e Tecnológica - De 5 de Janeiro a 19 de Fevereiro de 2009. Trabalhar-se-ão os trajes (fato, máscara e acessórios mais importantes) ou outros elementos figurativos da(s) Personagem(ns) /Figura(s) principal(ais) das seguintes localidades do Concelho de Bragança:

- **Festas dos Rapazes – Varge** (1 traje de Careto); **Aveleda** (1 traje de Careto).
- **Festas de Santo Estêvão - Parada de Infanções** (1 traje de Careto); **Grijó de Parada** (1 traje de Careto, chapéu e vara do Rei, chapéu e vara do Bispo); **Rebordãos** (1 traje de “Careta”).
- **Festas dos Reis – Rio de Onor** (1 traje de Careto, 1 traje de Filandorra); **Baçal** (1 traje de Careto); **Salsas** (1 traje de Careto); **Rebordainhos** (1 traje de Careto).
- **Carnaval – Bragança** (1 traje de Diabo, 1 traje de Morte, 1 traje de Censura).

Etapas:

- Pesquisa:
 - Apresentação de um filme sobre as Festas de Inverno do Concelho de Bragança;
 - Visita ao Museu Ibérico da Máscara e do Traje.
- Trabalho de Projecto:
 - Tratamento da informação;
 - Elaboração de esboços;
 - Listagem dos materiais necessários;
 - Divisão de tarefas.
- Execução dos projectos – De 19 de Janeiro a 17 de Fevereiro de 2009.
- Desfile na escola - Dia 17 de Fevereiro de 2009.
- Exposição dos trabalhos **“Os caretos na escola, o reavivar da tradição”** à comunidade escolar – Dias 18 e 26 de Fevereiro de 2009.
- Palestra na escola subordinada ao tema: **“Os caretos e as Festas de Inverno do Concelho de Bragança”**- Dia 18 de Fevereiro de 2009.
- Exposição dos trabalhos **“Os caretos na escola, o reavivar da tradição”** à comunidade local.

Anexo 6 – Planificação do Projecto Pedagógico

1ª Fase – Aplicação de questionários com o objectivo de saber o conhecimento dos professores, alunos e funcionários sobre “Os caretos” e “As festas de Inverno” no concelho de Bragança.

- Pedido de autorização para aplicação de questionários ao Órgão de Gestão da Escola E.B. 2,3 Paulo Quintela – Bragança – Dia 27 de Novembro de 2008.
- Aplicação dos questionários - De 2 a 5 de Dezembro de 2008
- Análise dos questionários e leitura de dados - De 6 a 8 de Dezembro de 2008.
- Apresentação do Projecto Pedagógico ao Conselho Executivo da Escola, validado pelos resultados dos questionários - Até 12 de Dezembro de 2008.
- Apresentação do Projecto Pedagógico ao Departamento de Expressões da Escola para envolvimento de outras turmas - Até 12 de Dezembro de 2008.
- Apresentação do Projecto Pedagógico à Junta de Freguesia da Sé de Bragança para pedir a sua colaboração (disponibilização de meio de transporte para a visita ao Museu da Máscara com as três turmas envolvidas e professores acompanhantes) - Até 18 de Dezembro de 2008.
- Apresentação do Projecto Pedagógico à Câmara Municipal de Bragança para pedir a sua colaboração (entradas no Museu Ibérico da Máscara - Até 18 de Dezembro de 2008.
- Apresentação do Projecto Pedagógico à administração do Bragança *Shopping* para pedido de disponibilização de um espaço para expor os trabalhos à comunidade escolar - Até 18 de Dezembro de 2008.

2ª Fase – O Projecto será desenvolvida com três turmas (com o total de 70 alunos) com abertura à participação de outras turmas, durante as aulas de Educação Visual e Tecnológica - De 5 de Janeiro a 19 de Fevereiro de 2009. Trabalhar-se-ão os trajes (fato, máscara e acessórios mais importantes) ou outros elementos figurativos da(s) Personagem(ns) /Figura(s) principal(ais) das seguintes localidades do Concelho de Bragança:

- **Festas dos Rapazes** – **Varge** (1 traje de Careto); **Aveleda** (1 traje de Careto).
- **Festas de Santo Estêvão** - **Parada de Infanções** (1 traje de Careto); **Grijó de Parada** (1 traje de Careto, chapéu e vara do Rei, chapéu e vara do Bispo); **Rebordãos** (1 traje de “Careta”)
- **Festas dos Reis** – **Rio de Onor** (1 traje de Careto, 1 traje de Filandorra); **Baçal** (1 traje de Careto); **Salsas** (1 traje de Careto); **Rebordainhos** (1 traje de Careto).

-
- **Carnaval – Bragança** (1 traje de Diabo, 1 traje de Morte, 1 traje de Censura).
 - Motivação das turmas/apresentação do projecto, definição de 13 grupos de trabalho com 5 a 6 elementos cada e distribuição das “personagens/figuras principais” das festas pelos grupos de trabalho:
 - ✓ Turma 2 (17 alunos = 3 grupos de trabalho) – Dia 5 de Janeiro de 2009.
 - ✓ Turma 1 (26 alunos = 5 grupos de trabalho) – Dia 6 de Janeiro de 2009.
 - ✓ Turma 3 (27 alunos = 5 grupos de trabalho) – Dia 6 de Janeiro de 2009.
 - Pesquisa de informação - Visita ao Museu Ibérico da Máscara:
 - ✓ Turma 2 – Dia 7 de Janeiro de 2009.
 - ✓ Turma 1 – Dia 8 de Janeiro de 2009.
 - ✓ Turma 3 – Dia 8 de Janeiro de 2009.

} *Pedir transporte à Junta de Freguesia da Sé*
 - Trabalho de Projecto: Análise e tratamento das pesquisas dos diferentes elementos do grupo; Elaboração de esboços dos projectos a executar pelos grupos; Elaboração da lista dos materiais necessários; Distribuição de tarefas:
 - ✓ Turma 1 – Dias 13 e 15 de Janeiro de 2009.
 - ✓ Turma 3 – Dias 13 e 15 de Janeiro de 2009.
 - ✓ Turma 2 – Dias 12 e 14 de Janeiro de 2009.
 - Execução dos projectos – De 19 de Janeiro a 17 de Fevereiro de 2009.
 - Desfile de trajes – Dia 17 de Fevereiro de 2009.
 - Exposição dos trabalhos na escola (trajes e cartazes) realizados pelas turmas envolvidas com o título: **“Os caretos na escola, o reavivar da tradição”** – De 18 a 26 de Fevereiro de 2009.
 - Palestra à comunidade escolar, subordinada ao tema: **“Os caretos e as festas de Inverno do Concelho de Bragança”** e apresentação do livro **“Inverno Mágico”** - Dia 18 de Fevereiro de 2009.
 - Aplicação dos questionários, pela 2ª vez, aos alunos envolvidos para saber o que se alterou em relação ao seu conhecimento sobre o assunto.
 - Exposição dos trabalhos **“Os caretos na escola, o reavivar da tradição”** no Bragança *Shopping* (em data a combinar).
-

Anexo 7 - Planificação da Unidade de Trabalho

Escola E. B. 2, 3 Paulo Quintela Plano de Unidade		Campos: Ambiente X Comunidade X Equipamento X		
Disciplina: Educação Visual e Tecnológica Ano: 5º Turma: 1 Continuação da unidade de Trabalho: “ Os Caretos e as Festas de Inverno no Concelho de Bragança” Nº de aulas previstas: 28		Áreas de exploração: - Animação - Pintura - Construções - Vestuário - Recuperação de matérias e equipamentos		
Competências Específicas	Conteúdos	Estratégias \ Actividades	Recursos	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer o património artístico e cultural da sua região, como um valor da afirmação da sua identidade e encarar a sua preservação como um dever cívico; - Identificar e relacionar as diferentes manifestações artísticas no seu contexto histórico e sociocultural de âmbito regional; - Desenvolver a capacidade de expressão e comunicação, através da intervenção em iniciativas para a defesa e valorização do património cultural e artístico da sua região; - Aplicar as fases do método de resolução de problemas; 	<ul style="list-style-type: none"> - Comunicação - Património cultural e artístico - Método de resolução de 	<ul style="list-style-type: none"> - Conversa com os alunos sobre as Festas de Inverno Transmontanas” e a importância de conhecer a realidade que os cerca. - Motivação para o tema com a apresentação de um filme sobre “As festas de Inverno no Concelho de Bragança”. - Aplicação das fases do método de resolução de problemas à temática /Como conhecer e reavivar as tradições do nosso - Distribuição pelos alunos de uma grelha/resumo sobre a temática. 	<ul style="list-style-type: none"> - Caderno diário - Computador - Projector e tela - Filme - Fotografias, revistas, catálogos e livros - Museu Ibérico da Máscara - Transporte da Junta - Grelhas/Fichas informativas 	<ul style="list-style-type: none"> - Elaboração de pequenos relatórios de actividades - Avaliação contínua, através de grelhas de observação directa - Apreciação dos trabalhos realizados,

<ul style="list-style-type: none"> - Utilizar diferentes meios expressivos de representação; - Desenvolver projectos de pesquisa em artes percebendo o seu valor nas várias e sociedades e no dia-a-dia das pessoas; - Desenvolver a percepção estética e a produção de objectos plásticos como forma de entendimento e de intervenção numa realidade cultural e artística; - Vivenciar acontecimentos artísticos em contacto directo; - Conhecer depoimentos relacionados com as manifestações artísticas das “Festas de Inverno” do concelho, e entender as suas problemáticas e especificidades; - Valorizar o sentido de rigor e precisão; - Reconhecer as proporções e noções de antropometria na representação da figura humana; - Conceber objectos plásticos em função de mensagens; - Produzir objectos plásticos explorando temas, ideias e situações; - Identificar formas geométricas no envolvimento natural ou criado pelo homem; - Utilizar traçados geométricos simples na resolução de problemas práticos; - Seleccionar e aplicar os materiais tendo em conta as suas qualidades expressivas/estéticas; 	<p>problemas</p> <ul style="list-style-type: none"> - Espaço <ul style="list-style-type: none"> - Medida <ul style="list-style-type: none"> - Forma <ul style="list-style-type: none"> - Material <ul style="list-style-type: none"> ▪ Impacto ambiental - Traçados geométricos - Trabalho <ul style="list-style-type: none"> ▪ Relação 	<ul style="list-style-type: none"> - Constituição dos grupos de trabalho e distribuição das “personagens/figuras” principais das festas pelos grupos de trabalho; - Orientação para a investigação a realizar extra-escola. - Pesquisa de informação/Visita ao Museu Ibérico da Máscara - Trabalho de Projecto: <ul style="list-style-type: none"> ➢ Análise e tratamento das pesquisas dos diferentes elementos do grupo; ➢ Elaboração de esboços dos projectos a executar pelos grupos; ➢ Distribuição de uma ficha informativa com as características das personagens a trabalhar; ➢ Elaboração da lista dos materiais necessários; ➢ Distribuição de tarefas pelos elementos dos grupos; ➢ Execução dos projectos (máscaras, trajes e cartazes informativos sobre o tema) - O cartaz; - As máscaras - O rosto/o óvulo e as proporções do rosto humano; - Exposição dos trabalhos subordinada ao 	<ul style="list-style-type: none"> - Folhas de registo do projecto - Folhas para registos escritos e gráficos - Lápis - Lápis de cor - Borracha - Afia - Materiais diversos (valorizando a recuperação e aproveitamento de materiais) - Máquina de costura - Ripas de madeira ou cruzetas - Colas - Tesouras - X-acto - Tintas - Pincéis - Godés - Tinta em spray - Cartolinas - Papel 	<p>utilizando uma grelha de avaliação.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Fichas de auto avaliação dos trabalhos - Fichas de acção - Questionários
---	--	---	--	---

<ul style="list-style-type: none"> - Seleccionar e aplicar as ferramentas específicas aos materiais a trabalhar; - Aproveitar e reciclar materiais; - Organizar formalmente espaços bidimensionais e tridimensionais; - Manter comportamentos saudáveis e seguros durante o trabalho prático. 	<p>técnica/material</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Produção e organização ▪ Higiene e segurança 	<p>título “Os caretos na escola, o reavivar da tradição”.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Participação na palestra “Os caretos e a animação artística das festas de Inverno”- apresentação do livro “Inverno Mágico” a decorrer no auditório da escola. - Avaliação das actividades. - Realização de uma ficha de auto-avaliação. - Realização de uma ficha de avaliação de conhecimentos. 	<p>autocolante</p> <ul style="list-style-type: none"> - Cartazes - Ficha de auto-avaliação - Questionários - Ficha de avaliação.
---	---	---	--

Observações:

Esta unidade (2ª parte do Projecto Pedagógico) foi precedida de uma 1ª Fase com a aplicação de um questionário (Questionário A) com o objectivo de saber o conhecimento dos alunos sobre “Os caretos” e “As festas de Inverno” do concelho de Bragança. Para tal foi feito o pedido de autorização para aplicação de questionários ao Órgão de Gestão da Escola no dia 26 de Novembro de 2008, que foi deferido. A aplicação dos questionários às turmas decorreu nos dias 2 e 3 de Dezembro de 2008 nas aulas de Área de Projecto (para as turmas 1 e 2) e Formação Cívica (para a turma3). A aplicação pela 2ª vez, deste questionário reformulado (Questionário B) ocorreu no dia 20 de Fevereiro de 2009, durante um intervalo, no auditório da escola, perante a presença da investigadora e de uma professora colaboradora na aplicação do projecto.

Outras actividades externas à planificação e que fazem parte integrante deste Projecto Pedagógico:

- Exposição dos trabalhos no “Bragança Shopping” com o tema “Os caretos na escola, o reavivar da tradição” – de 1 a 31 de Março de 2009. Foram elaborados registos fotográficos faseados dos trabalhos realizados.

Anexo 8 – Autorizações dos Encarregados de Educação para a Aplicação do PP

Autorização

Eu, _____, encarregado(a) de educação do(a) aluno(a) _____ Nº ____ do 5º ano da turma _____, declaro que autorizo o meu educando a participar no Projecto Pedagógico **“Os Caretos na escola, o reavivar das tradições”** com o objectivo de sensibilizar os alunos para a necessidade de preservação do património artístico e cultural das Festas de Inverno do Concelho de Bragança dando-lhes a conhecer as suas tradições. Este projecto irá ser desenvolvido pela professora de Educação Visual e Tecnológica, no âmbito de uma investigação de Mestrado, durante as aulas as aulas, de 5 de Janeiro a 19 de Fevereiro.

Bragança, 18 de Dezembro de 2008.

O(A) Encarregado(a) de Educação,

Anexo 9 – Questionários Aplicados aos Alunos Antes e Depois da Acção/PP

QUESTIONÁRIO – A (Aplicado antes do PP)

▪ Identificação:

Ano de escolaridade: _____ Idade: _____ anos

Sexo: Feminino Masculino

Data do preenchimento do questionário: ____/____/____

▪ Instruções:

- ▶ O questionário é de preenchimento individual.
- ▶ Para assinalares a tua resposta, coloca uma cruz (X) no rectângulo à frente de cada opção de resposta.
- ▶ É importante responderes a todas as questões.

Agradeço desde já a tua colaboração!

- **Parte I** – O objectivo das questões seguintes é saber qual o conhecimento que tens acerca dos “Caretos” e das “Festas de Inverno” do Concelho de Bragança.

(Em cada questão, assinala apenas uma resposta, aquela que achares mais correcta)

1. O que é um “Careto”?	
- Um palhaço	
- Um bobo	
- Uma figura de Carnaval	
- Uma figura das “Festas de Inverno”	

2. O que veste um “Careto”?	
- Um fato-macaco azul e uma máscara que pode ser de plástico	
- Um traje domingueiro ou de festa e uma máscara colorida	
- Um traje franjado e garrido, uma máscara de madeira, cortiça ou latão e um cajado ou moca e chocalhos à volta do corpo	
- Um fato de linho, um chapéu de palha e uma bengala	

3. Em que período ocorrem as “Festas de Inverno”?	
- Entre o Solstício de Inverno (21 de Dezembro) e a época de Carnaval	
- Entre os dias 1 e 31 de Dezembro	
- Durante os meses de Outono e de Inverno	
- Durante a semana do Carnaval	

4. Qual dos acontecimentos, se relaciona com as “Festas de Inverno”?	
- Luta entre “caretos”	
- Crítica social	
- Baile de máscaras	
- Corrida de mascarados	

5. As “Festas de Inverno” do Concelho de Bragança podem classificar-se em quantos grupos?	
- Apenas um grupo	
- Dois grupos	
- Três grupos	
- Quatro grupos	

(Nesta questão podes assinalar várias respostas)

6. Quais das seguintes localidades do Concelho de Bragança têm actualmente “caretos” nas suas “Festas no Inverno”?			
- Aveleda		- Rio de Onor	
- Donai		- Salsas	
- Parada de Infanções		- Rebordãos	
- Grijó de Parada		- Varge	
- Baçal		- Izeda	
- Castro de Avelãs		- Rebordaínhos	

- **Parte II** – O objectivo das questões seguintes é saber qual a tua opinião sobre a implementação de um Projecto na escola que explore o tema das “Festas de Inverno” do Concelho de Bragança.

(Em cada questão, assinala apenas uma resposta, aquela que achares mais correcta)

7. Em teu entender, a realização de um projecto na escola que reavive as tradições ligadas às “Festas de Inverno” do nosso Concelho, é:	
- Conhecer melhor o nosso património cultural, para ajudar a preservá-lo	
- Um meio de ficar mais informado sobre o assunto	
- Um projecto sem interesse	
- Não tenho opinião	

8. Gostarias de participar num projecto que relembre as tradições ligadas “às “Festas de Inverno” do nosso Concelho?	
- Gostava muito	
- Gostava	
- Não gostava	
- Detestava	

- **Parte III** – O objectivo da questão seguinte é saber quais as actividades que gostarias de realizar para aprender mais sobre as “Festas de Inverno” do Concelho de Bragança.

(Podes assinalar várias respostas)

9. Para melhor ficares a conhecer as tradições ligadas às “Festas de Inverno”, quais as actividades que gostarias de desenvolver?			
- Visitar o Museu Ibérico da Máscara e do Traje		- Realizar uma exposição de trabalhos na escola	
- Trazer cá pessoas que nos falem do assunto		- Realizar uma exposição de trabalhos fora da escola	
- Fazer trabalhos escritos		- Elaborar desenhos das tradições	
- Realizar máscaras e trajes das figuras das festas		- Outras:	

QUESTIONÁRIO – B (Aplicado depois do PP)

▪ Identificação:

Ano de escolaridade: ____ Idade: ____ anos

Sexo: Feminino Masculino

Data do preenchimento do questionário: ____ / ____ / ____

▪ Instruções:

- ▶ O questionário é de preenchimento individual.
- ▶ Para assinalares a tua resposta, coloca uma cruz (X) no rectângulo à frente de cada opção de resposta.
- ▶ É importante responderes a todas as questões.

Agradeço desde já a tua colaboração!

- **Parte I** – O objectivo das questões seguintes é saber qual o conhecimento que tens acerca dos “Caretos” e das “Festas de Inverno” do Concelho de Bragança.

(Em cada questão, assinala apenas uma resposta, aquela que achares mais correcta)

1. O que é um “Careto”?	
- Um palhaço	
- Um bobo	
- Uma figura de Carnaval	
- Uma figura das “Festas de Inverno”	

3. O que veste um “Careto”?	
- Um fato-macaco azul e uma máscara que pode ser de plástico	
- Um traje domingueiro ou de festa e uma máscara colorida	
- Um traje franjado e garrido, uma máscara de madeira, cortiça ou latão e um cajado ou moca e chocalhos à volta do corpo	
- Um fato de linho, um chapéu de palha e uma bengala	

2. Em que período ocorrem as “Festas de Inverno”?	
- Entre o Solstício de Inverno (21 de Dezembro) até à época de Carnaval	
- Entre os dias 1 e 31 de Dezembro	
- Durante os meses de Outono e de Inverno	
- Durante a semana do Carnaval	

4. Qual dos acontecimentos, se relaciona com as “Festas de Inverno”?	
- Luta entre “caretos”	
- Crítica social	
- Baile de máscaras	
- Corrida de mascarados	

5. As “Festas de Inverno” do Concelho de Bragança podem classificar-se em quantos grupos?	
- Apenas um grupo	
- Dois grupos	
- Três grupos	
- Quatro grupos	

(Nesta questão podes assinalar várias respostas)

6. Quais das seguintes localidades do Concelho de Bragança têm actualmente “caretos” nas suas “Festas no Inverno”?			
- Aveleda		- Rio de Onor	
- Donai		- Salsas	
- Parada de Infanções		- Rebordãos	
- Grijó de Parada		- Varge	
- Baçal		- Izeda	
- Castro de Avelãs		- Rebordáinhos	

- **Parte II** – O objectivo das questões seguintes é saber qual é a tua opinião sobre o Projecto em que acabaste de participar e que teve por objectivo reavivar, na escola, as tradições ligadas aos Caretos e às Festas de Inverno do Concelho de Bragança.

(Em cada questão, assinala apenas uma resposta, aquela que achares mais correcta)

7. Em teu entender, a realização deste projecto contribuiu para:	
- Ficares com muitos conhecimentos sobre o tema tratado	
- Ficares com alguns conhecimentos sobre o tema tratado	
- Ficares com nenhuns conhecimentos sobre o assunto	
- Foi um projecto sem interesse	

8. Gostaste de participar neste projecto?	
- Gostei muito	
- Gostei	
- Não gostei	
- Detestei	

Anexo 10 – Filme Sobre as Festas de Inverno do Concelho de Bragança (Ver CD em anexo)

Anexo 11 – Ficha/ Grelha Informativa das Festas de Inverno do Concelho de Bragança

Festas dos rapazes			
Localidade	Data	Personagens (Principais e Secundárias)	Principais Acontecimentos
Varge	25 e 26 Dezembro (Com ritos preparatórios na noite de 24 de Dezembro)	<u>Personagem principal</u> : Careto (em número variável) <u>Acompanhantes</u> : Gaiteiros (1 Gaiteiro – 1 Caixa – Bombo); Mordomos (carregam as varas)	- Apanha da lenha das Almas (no dia de Todos os Santos) e sua arrematação; - Crítica social / “Loas” ou “Comédias”; - Ronda de Boas Festas; - Corrida da rosca.
Aveleda	25 e 26 Dezembro	<u>Personagem principal</u> : Careto (em número variável) <u>Acompanhantes</u> : Gaiteiros (1 Gaiteiro – 1 Caixa – Bombo); Mordomos	- Apanha da lenha (no dia de Todos os Santos) e sua arrematação; - Crítica social / “Comédias”; - Ronda e peditório; - Corrida da rosca.

Festas de Santo Estêvão			
Localidade	Data	Personagens (Principais e Secundárias)	Principais Acontecimentos
Parada de Infanções	De 24 a 30 de Dezembro (Os ritos iniciam-se na noite de 24)	<u>Personagens principais</u> : Careto (em número variável); 4 Mordomos que elaboram o “Charolo” (andor de forma rectangular com forma piramidal superior e coberto de roscas pães). <u>Acompanhantes</u> : Gaiteiros (1 Gaiteiro – 1 Caixa – Bombo)	- Uma grande fogueira; - Loas ao Menino; - Homenagem a Stº. Estêvão, S. João Evangelista e Meninos Santos Inocentes; - Arrematação dos ramos do “Charolo”; - Cortejo com o carro de bois ornamentado para o peditório; - Corrida da rosca; - Galhofa.
Grijó de Parada	27 Dezembro	<u>Personagens principais</u> : Careto (em número variável); 2 Mordomos principais (O Rei, símbolo do poder profano e o Bispo, símbolo do poder sagrado). Ambos carregam varas e chapéus. <u>Acompanhantes</u> : Mordomos secundários e meirinhos (vizinhos); Gaiteiros (1 Gaiteiro – 1 Caixa – Bombo)	- Refeição comunitária; - Ronda de Boas Festas e peditório para o Santo Estêvão; - Corrida da rosca; - “Convite” ou cortejo pela aldeia para dar as Boas festas e pedir esmola; - Corrida da rosca; - “Galhofa”.
Rebordãos	26 Dezembro (Comemorações no Sábado seguinte a 26 Dezembro)	<u>Personagem principal</u> : Careta (em número variável)	- Grande refeição comunitária / “Mesa de Santo Estêvão” em que a imagem do santo preside à mesa.

Festas dos Reis			
Localidade	Data	Personagens (Principais e Secundárias)	Principais Acontecimentos
Rio de Onor	6 Janeiro (Comemorações no fim-de-semana anterior a 6 Janeiro)	<u>Personagens principais:</u> 2 Caretos; Filandorra e antigamente havia também a Madama que podia ser uma ou várias) <u>Personagens secundárias:</u> Mordomos; Gaiteiro – Bombo	Rapazes: - Peditório; - Refeição comunitária; - Cantar dos reis de casa em casa; Raparigas: - Peditório para o “Ramo” (arranjo em forma de árvore enfeitado com peças de fumeiro, chocolates, guloseimas e bolos); - Leilão do “Ramo”.
Baçal	5 e 6 Janeiro (Comemorações no fim-de-semana mais próximo de 5 e 6 Janeiro)	<u>Personagem principal:</u> Careto (vários) <u>Personagens secundárias:</u> Mordomos com vara das ofertas; Gaiteiro – Bombo – Caixa	- “Ronda das chouriças”; - Ceia; - Crítica social / “Colóquios”.
Salsas	1 a 6 Janeiro	<u>Personagem principal:</u> Careto (vários)	- Roubo do fumeiro feito pelos Caretos; - Peditório e cantar dos reis; - Leilão das ofertas; - Convívio de boas vindas ao Ano Novo.
Rebordainhos	6 Janeiro	<u>Personagens principais:</u> 1 Careto com foice na mão; 1 Mordomo; 4 Homens (cantores)	- Cantar dos reis durante o dia; - Cortejo de cantar dos reis e recolha de esmolas.

Festas de Carnaval			
Localidade	Data	Personagens (Principais e Secundárias)	Principais Acontecimentos
Bragança	Quarta-Feira de Cinzas	<u>Personagens principais:</u> Morte, Diabo e Censura	- Actuação das figuras simbólicas pelas ruas mais antigas da cidade, aterrorizando e castigando as raparigas.

Anexo 12 – Autorização para a Visita ao Museu Ibérico da Máscara e do Traje

Autorização

Eu, _____, encarregado(a) de educação do(a) aluno(a) _____ N° ____ do 5º ano da turma _____, declaro que autorizo o meu educando a deslocar-se ao **Museu Ibérico da Máscara**, no dia _____ de Janeiro de 2009, pelas ____: ____ horas, para uma visita de estudo da disciplina de Educação Visual e Tecnológica, no âmbito do Projecto Pedagógico **“Os Caretos na escola, o reavivar das tradições”**, acompanhado(a) pelos(as) respectivos(as) professores(as) da disciplina.

Bragança, ____ de Janeiro de 2009.

O(A) Encarregado(a) de Educação,

Anexo 13 – Grelhas de Actividades Realizadas pelos Grupos de Trabalho das Três Turmas

Grelha 1. Actividades realizadas pelos grupos de trabalho na **turma 1**

Grupo/Turma	Elementos do grupo	Localidade/Festa	Figura	Tarefas Executadas	Coordenador de Grupo
1/Turma 1	Nº4 – CB Nº5 – CE Nº8 – EA Nº19 – ML Nº24 – RT (3 raparigas e 2 rapazes)	VARGE (Festa dos Rapazes)	Careto	- Fato com capuz, feito com aproveitamento de roupas, com aplicação de tiras feitas de restos de tecidos em tons de vermelho e azul; - Chocalhos; - Máscara feita em material simulando o latão, com nariz bicudo, pintada de vermelho e preto; - Cartaz informativo sobre a festa e a figura. <u>Acessórios:</u> - 1 Cajado e 1 cinto.	RT
2/Turma 1	Nº2 – AR Nº9 – FM Nº11 – GR Nº25 – SG Nº17 – BG (3 raparigas e 2 rapazes)	AVELEDA (Festa dos Rapazes)	Careto	- Fato com capuz, feito com aproveitamento de roupas, com aplicação de tiras feitas de restos de tecidos com predominância de tons vermelhos e verdes; - Chocalhos; - Máscara feita em material simulando o latão, com o nariz e queixo pontiagudos, com chifres, pintada de preto e branco; - Cartaz informativo sobre a festa e a figura. <u>Acessórios:</u> - 1 Bexiga de porco cheia de ar e 1 cinto.	BG
3/Turma 1	Nº6 – CD Nº10 – FM Nº12 – IT Nº23 – PA Nº26 – SM (2 raparigas e 3 rapazes)	PARADA DE INFANÇÕES (Festas de Santo Estêvão)	Careto	- Fato com capuz, em serapilheira com franjados de lãs coloridas; - Chocalhos; - Máscara feita em material simulando o latão, com dentes, pintada de castanho; - Cartaz informativo sobre a festa e a figura. <u>Acessórios:</u> - 1 Cajado, 1 maçã, moedas e 2 cintos.	IT
4/Turma 1	Nº3 – AF Nº7 – DC Nº15 – JS Nº18 – MF Nº20 – MP Nº22 – NM (3 raparigas e 3 rapazes)	GRIJÓ DE PARADA (Festas de Santo Estêvão)	Careto	- Fato com capuz feito com aproveitamento de uma manta de canastra, em tons de vermelho; - Chocalhos; - Máscara feita em material simulando a madeira pintada de castanho, com chifres e dentes; - Cartazes informativos sobre a festa e as figuras. <u>Acessórios:</u> - 1 Bengala, 1 maçã, moedas e cintos.	MF
			Rei	- Coroa de rei; - Vara enfeitada com um pequeno ramo de flores vermelhas e brancas com duas fitas, uma vermelha e outra branca, com um laço.	
			Bispo	- Coroa de bispo; - Vara enfeitada com um pequeno ramo de flores vermelhas e brancas com duas fitas, uma vermelha e outra branca, com um laço.	
5/Turma 1	Nº1 – AL Nº13 – IG Nº14 – IG Nº16 – LN Nº21 – MS (2 raparigas e 3 rapazes)	BRAGANÇA (Festas de Carnaval)	Diabo	- Fato com capuz feito em tecido vermelho; - Máscara feita em material simulando o latão, pintada de vermelho, com chifres; - Cartaz informativo sobre a figura. <u>Acessórios:</u> - 1 Tridente.	AL

Fonte: Construída pela autora

Grelha 2. Actividades realizadas pelos grupos de trabalho na **turma 2**

Grupo/Turma	Elementos do grupo	Localidade/Festa	Figura	Tarefas Executadas	Coordenador de Grupo
6/Turma 2	Nº 5 – FD Nº 9 – JL Nº 11 – JT Nº 15 – NF Nº 19 – SE Nº 20 – SM (2 raparigas e 4 rapazes)	REBORDÃOS (Festas de Santo Estêvão)	Careta	- Fato em lã com aplicações de franjas de lã nas calças, casaco e capuz que tem também um pompom na ponta; - Máscara feita em material simulando o latão, pintada de vermelho e preto; - Cartaz informativo sobre a festa e a figura. <u>Acessórios:</u> - 1 Verdasca.	SM
7/Turma 2	Nº 6 – GC Nº 7 – JD Nº 12 – JC Nº 13 – LP Nº 14 – MP Nº 17 – PR (1 raparigas e 5 rapazes)	RIO DE ONOR (Festas dos Reis)	Filandorra	- Saia comprida feita em tecido às flores, blusa com elástico na cintura e lenço floreado na cabeça; - Um pano de renda na cara a servir de máscara. - Cartaz informativo sobre a festa e a figura. <u>Acessórios:</u> - 1 Roca e 1 fuso com estopa ²⁹ .	JD
8/Turma 2	Nº 8 – JB Nº 10 – JP Nº 16 – PG Nº 18 – RD Nº 21 – JC (1 raparigas e 4 rapazes)	BRAGANÇA (Festas de Carnaval)	Censura	- Fato inteiro, tipo macacão, em tecido preto, com capuz; - Máscara também em tecido preto incorporada no capuz do fato; - Cartaz informativo sobre a figura. <u>Acessórios:</u> - 1 Chicote.	JB

Fonte: Construída pela autora

²⁹ Parte grossa que fica do linho quando é tornado mais macio e fino.

Grelha 3. Actividades realizadas pelos grupos de trabalho na **turma 3**

Grupo/Turma	Elementos do grupo	Localidade/Festa	Figura	Tarefas Executadas	Coordenador de Grupo
9/Turma 3	Nº 2 - CF Nº 4 - DG Nº 9 - JF Nº 13 - LA Nº 19 - MR (3 raparigas e 2 rapazes)	RIO DE ONOR (Festas dos Reis)	Careto	- Fato feito com aproveitamento de roupas onde são aplicados restos de tecidos, com se fossem remendos, e franjas de tecido pelas costuras do fato; no capuz são aplicados tecidos em forma de roseta; - Chocalhos; - Máscara de lata pintada de castanho com bigodes e sobrancelhas de pêlos; - Cartaz informativo sobre a festa e a figura. <u>Acessórios:</u> - 1 Espeto	CF
10/Turma 3	Nº 7 - IC Nº 11 - JV Nº 14 - LD Nº 24 - SF Nº 27 - DC (2 raparigas e 3 rapazes)	BRAGANÇA (Festas de Carnaval)	Morte	- Fato inteiro, tipo macacão, preto com capuz, com os ossos do esqueleto pintados ou aplicados a branco na parte da frente do fato; - Máscara também em tecido preto incorporada no capuz do fato; - Cartaz informativo sobre a figura. <u>Acessórios:</u> - 1 Gadanha.	JV
11/Turma 3	Nº 5 - FR Nº 6 - IR Nº 10 - JL Nº 16 - MP Nº 17 - MC Nº 25 - SS (3 raparigas e 3 rapazes)	BAÇAL (Festas dos Reis)	Careto	- Fato com um capuz feito com aproveitamento de roupas, com aplicação de tiras feitas de restos de tecidos em tons de vermelho, verde e amarelo; - Capuz com um pompom na ponta; - Chocalhos; - Máscara feita em material simulando a palhinha ou o escrinho; - Cartaz informativo sobre a festa e a figura. <u>Acessórios:</u> - 1 Cajado com moca.	SS
12/Turma 3	Nº 1 - AC Nº 15 - MR Nº 18 - MM Nº 20 - NF Nº 26 - TN (2 raparigas e 3 rapazes)	SALSAS (Festas dos Reis)	Careto	- Fato em tecido com aplicação de franjas de lã em tons coloridos, com capuz que tem uma trança franjada que cai até ao meio das costas com um pompom na ponta; - Máscara feita em material simulando a madeira, com dois chifres na testa; - Chocalhos; - Cartaz informativo sobre a festa e a figura. <u>Acessórios:</u> - 1 Cajado.	TN
13/Turma 3	Nº 3 - DM Nº 8 - JS Nº 12 - JF Nº 21 - PF Nº 22 - PC Nº 23 - RC (2 raparigas e 4 rapazes)	REBORDAINHOS (Festas dos Reis)	Careto	- Fato feito em colcha de canastra em tons de vermelho, com capuz, com franjas nas pontas das mangas e das pernas das calças. - Máscara feita em material simulando o latão, pintada de vermelho com olheiras azuis; - Chocalhos; - Cartaz informativo sobre a festa e a figura. <u>Acessórios:</u> - 1 Foice de cabo comprido e 1 corda para servir de cinto.	JS

Fonte: Construída pela autora

Anexo 14 – Planificação do Trabalho de Projecto

**Ficha de Planificação do
Trabalho de Projecto**

Grupo: ____ / ____

Nome: _____ Nº ____ Turma ____ Ano ____

Unidade de trabalho: “As Festas de Inverno do Concelho de Bragança”

Projecto: “Os caretos na escola, o reavivar da tradição”.

1. Tarefas do grupo no projecto geral:

2. Ideias para o projecto:

3. Materiais necessários:

4. Distribuição de tarefas pelos elementos do grupo:

5. Assuntos a saber:

6. Recolha e registo de ideias para o projecto:

7. Esboços prévios para o trabalho tendo em conta as pesquisas elaboradas:

Exemplos do ponto 7 da Ficha de Planificação do Trabalho de Projecto

Esboços prévios para o trabalho tendo em conta as pesquisas elaboradas:



Figura 1. Trabalho do grupo 3 / Turma 1

Esboços prévios para o trabalho tendo em conta as pesquisas elaboradas:



Figura 2. Trabalho do Grupo 1 / Turma 1

Anexo 15 – Cartazes Informativos das Figuras (Exemplos)

As Festas de Inverno no Concelho de Bragança
Os Caretos na Escola, o reavivar da tradição.

Figura: “Careto”
Localidade: Aveleda
Festividade: Festas dos Rapazes
Datas: 25 e 26 de Dezembro

Principais Acontecimentos:

Tudo começa com a apanha da lenha que depois é arrematada no centro da aldeia e entregue a quem mandar mais por ela.

No dia de Natal, antes do meio-dia, os rapazes e os mordomos assistem à missa. No final, os rapazes rapidamente se transformam em “Caretos” – autênticos seres mágicos e diabólicos que atormentam as raparigas com as suas chocalhadas e chicotadas: com as bexigas de porco cheias de ar – e dirigem-se apressadamente para o largo da aldeia para aí ter lugar a “Crítica Social” que aqui tem o nome de “Comédias” e que coram os principais acontecimentos da vida da aldeia durante o ano findo.

Depois do almoço, segue-se a ronda pela aldeia para fazer o pedido para o Santo.

No dia de Santo Estêvão nomeiam-se os novos mordomos, para que a festa continue, e para o jantar convidam-se as moças solteiras da terra.

Autores:
Grupo 2 / 5^B – Escola E.B. 2,3 Paulo Quintela - Bragança

- AR, nº 2
- FM, nº 9
- GR, nº 11
- ER, nº 17
- SG, nº 23

Professores Coordenadores: AP e ED

As Festas de Inverno no Concelho de Bragança
Os caretos na Escola, o reavivar da tradição.

Figura: “Careto”
Localidade: Parada de Infanções
Festividade: Festas de Santo Estêvão
Datas: De 24 a 30 de Dezembro

Principais Acontecimentos:

As festas duram uma semana e iniciam-se com as celebrações do Nascimento do Menino, no dia 24. No largo da aldeia, acende-se uma grande fogueira que evoca a “Nova Luz do Mundo” enquanto na missa do galo se recitam as “Loas” de boas-vindas ao Menino recém-nascido.

Nos dias que se seguem, homenageiam-se Santo Estêvão, S. João Evangelista e os Meninos Santos Inocentes enquanto se sucedem rituais de arrematada dos ramos do “Charolo” – espécie de andor coberto de rosas – e se alegram as noites com os “Bailes da Rosca”.

No dia de Santo Estêvão há uma refeição comunitária onde participam todos os habitantes da aldeia e, no final, os mordomos são carregados num carro de bois, puxados pelos rapazes, e percorrem todas as ruas da aldeia, acompanhados pelas figuras mágicas dos “Caretos” que orientam o cortejo.

Durante as festividades há ainda lugar para a “Corrida da Rosca” e para a “Galhoia”, que é uma competição que os rapazes fazem entre si para mostrar a sua agilidade e força.

Autores:
Grupo 3 / 5^B – Escola E.B. 2,3 Paulo Quintela - Bragança

- CD, nº 6
- FM, nº 10
- JT, nº 19
- FA, nº 22
- SM, nº 26

Professores Coordenadores: AP e ED

As Festas de Inverno no Concelho de Bragança
Os caretos na Escola, o reavivar da tradição.

Figura: “Careto”
Localidade: Baçal
Festividade: Festas dos Reis
Datas: 5 e 6 de Janeiro (ou fim de semana mais próximo)

Principais Acontecimentos:

Os rapazes, mascarados de “Caretos”, juntam-se aos mordomos para visitarem as adegas da aldeia e fazer a “Ronda das Chouriças” – que consiste na recolha de peças de fumeiro, que se destinam à refeição comunitária, que é feita pelas janelas das casas, pelas mulheres, que as colocam nas varas dos mordomos.

À hora e sítio marcados, o povo reúne-se para ouvir a Crítica Social que aqui se chamam “Colóquios” – quadras que relatam e ridicularizam o que aconteceu com os moradores da aldeia durante o ano que acabou. Cabe aos “Caretos”, munidos de paus, proteger o rapaz que lança as críticas enquanto gritam e aclamam cada frase pronunciada animando assim o acontecimento.

Autores:
Grupo 8 / 5^D – Escola E.B. 2,3 Paulo Quintela - Bragança

- FM, nº 5
- ER, nº 6
- JL, nº 10
- MP, nº 16
- MG, nº 17
- SS, nº 25

Professoras Coordenadoras: ED, GA (RE)

As Festas de Inverno no Concelho de Bragança
Os caretos na Escola, o reavivar da tradição.

Figura: “Morte”
Localidade: Bragança
Festividade: Festas de Camaval
Datas: Quarta-Feira de Cinzas

Principais Acontecimentos:

“A Morte” actua juntamente com “A Cansura” e “O Diabo” na Quarta-feira de Cinzas. Estas figuras percorrem os espaços públicos da zona antiga da cidade, aterrorizando e chicoteando as mulheres e raparigas que se escondem em casa. Quando as não encontram nas ruas, eles sobem às varandas e janelas das casas, com o auxílio de escadas, para as castigar.

A “Morte” representa o acabar dos excessos e o início do tempo de fazer sacrifícios com a esperança de que tudo pode ser melhorado. Também representa o Inverno, que está prestes a terminar.

Hoje em dia estas tradições estão a perder-se por falta de voluntários.

Autores:
Grupo 7 / 5^D – Escola E.B. 2,3 Paulo Quintela - Bragança

- IC, nº 7
- JV, nº 10
- LD, nº 14
- SB, nº 24
- DC, nº 27

Professoras Coordenadoras: ED, GA (RE)

Anexo 16 – Cartaz da Exposição



Figura 3. Desenho para o cartaz (Trabalho realizado pelo aluno nº 10 da Turma 2)



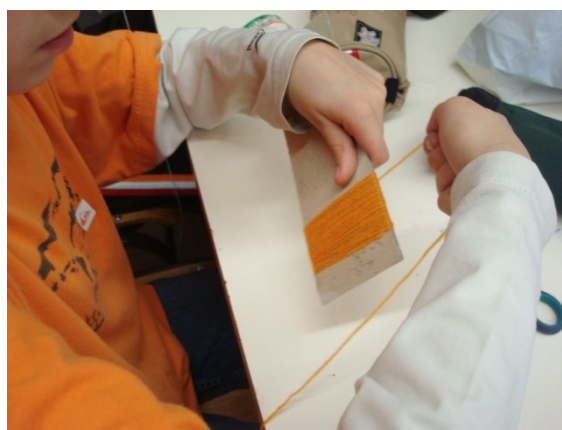
Figura 4. Cartaz da exposição no Bragança Shopping

Anexo 17 – Fotografias dos Trabalhos Realizados pelos Alunos

Fotografia 1. Recorte do fato da “Censura”



Fotografia 2. Execução de franjas de lã para o fato de “Careto”



Fotografia 3. Recorte das tiras de tecido



Fotografia 4. Aplicação de franjas de lã no fato de “Careto”



Fotografia 5. Costura dos fatos



Fotografia 6. Execução de uma máscara (simulando o latão)



Fotografia 7. Pintura de uma máscara



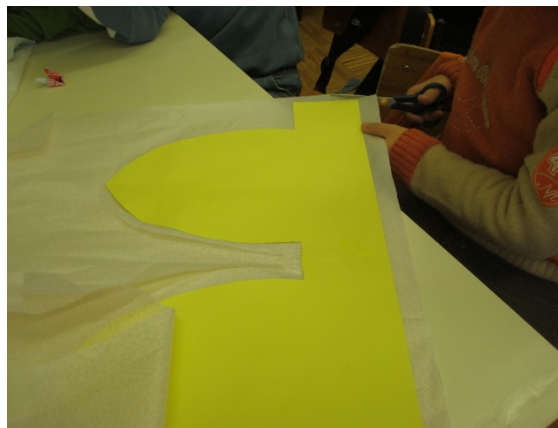
Fotografia 8. Execução de chocalhos com tubos de cartão



Fotografia 9. Execução de chocalhos com latas de refrigerante



Fotografia 9. Execução da coroa (Mitra) do bispo



Fotografia 11. Elaboração das varas dos mordomos(Rei e Bispo)



Fotografia 12. Colocação do elástico na saia da “Filandorra”



Exposição dos Trabalhos na Escola (sem acessórios)

Fotografia 13. Os fatos dos “Caretos” de Salsas, Baçal, Parada e Grijó



Fotografia 14. Os fatos dos “Caretos” de Varge e de Aveleda



Fotografia 15. Os fatos da Morte do Diabo e da Censura



Fotografia 16. Pormenor da manta ou colcha de canastra



Fotografia 17. Pormenor do chocalho a tiracolo



Fotografia 18. Pormenor da máscara de imitação de escrinho



Exposição dos Trabalhos no Bragança Shopping (com acessórios)

Fotografia 19. Mesa com o livro de honra



Fotografia 20. Traje do careto de Baçal



Fotografia 21. Traje do careto de Rebordãos



Fotografia 22. Traje do careto de Rebordainhos



Fotografia 23. Traje da "Filandorra"



Fotografia 24. Traje do "Diabo"



Fotografia 25. Traje da “Morte”



Fotografia 26. Traje da “Censura”



Fotografia 27. Acessórios do “Rei” e do “Bispo” de Grijó de Parada



Fotografia 28. Vista geral da exposição (lado esquerdo)



Fotografia 29. Vista geral da exposição (lado direito)



Anexo 18 – Ficha de Auto-avaliação da UT

Ficha de auto-avaliação

2008/2009

Unidade de Trabalho: “Os Caretos e as Festas de Inverno do Concelho de Bragança”

Nome: _____ Ano: ____ Turma: ____ Nº: ____

- Agora que terminaste o teu trabalho, és, com certeza, capaz de te avaliar.


Assinala com uma **X** as opções que melhor correspondem à tua situação, tendo em conta os parâmetros abaixo apresentados. Pensa muito bem antes de responderes.

NS – Não Satisfaz; S – Satisfaz; SB – Satisfaz Bastante; Ex – Excelente

	NS	S	SB	EX
1. Fiz investigação para apoiar a realização do meu trabalho				
2. Fui criativo na realização do meu projecto				
3. Preocupe-me em reutilizar materiais				
4. Apresentei os materiais necessários para a realização do trabalho				
5. Mostrei-me interessado e activo no decorrer do trabalho				
6. Empenhei-me para que o trabalho do grupo resultasse em pleno				
7. Colaborei para o bom ambiente de trabalho no grupo e na sala de aula				
8. Apliquei correctamente e oportunamente os conteúdos apreendidos				
9. Apreciação global				

- O que pensas acerca do trabalho que realizaste?

Anexo 19 – Ficha de Avaliação de Conhecimentos com Correção

<p>ESCOLA EB 2,3 PAULO QUINTELA</p>  <p>BRAGANÇA</p>	<p><i>Educação Visual e Tecnológica</i></p> <p>Ficha de avaliação</p>	<p>Data: ____ / ____ / 2009</p> <p>Nome: _____</p> <p>Ano ____ Turma ____ Nº ____</p> <p>Classificação _____</p> <p>Professor(es) _____ / _____</p> <p>Encarregado de Educação _____</p>
---	---	---

Lê com atenção e responde às questões que se seguem. Boa sorte para o teu trabalho!

“As festividades mais características do Nordeste Transmontano são, sem margem para dúvidas, aquelas que se realizam nos doze dias que vão do Advento à Epifania. Ou seja, as festas solsticiais onde as máscaras e seus portadores são os protagonistas ...”

TIZA, A. 2004. In **“Inverno Mágico”**

1. Em que altura do ano ocorrem as Festas de Inverno no Concelho de Bragança?

Resposta: Desde o Advento até à Quarta-feira de Cinzas.

- 1.1. Quais os grupos em que podemos classificar estas Festas?

Resposta: Festas dos Rapazes, Festas de Santo Estêvão, Festas dos Reis e Festas de Carnaval.

“O sagrado e o profano, são as duas componentes destes actos festivos, relacionando-se de forma engraçada: ora se delimitando completamente ora se aproximando e, por vezes mesmo, se confundindo, em harmoniosa e espontânea convivência.”

TIZA, A. 2004. In **“Inverno Mágico”** (Adaptado)

- 1.2. Preenche a tabela com exemplos:

	Local	Figura	Acontecimento
Sagrado	Igreja	Padre	Missa
Profano	Praça	Careto	Crítica Social

2. Em geral, as Festas de Inverno no Concelho de Bragança têm em comum a figura do “Careto”. Quais são as características dessa figura?

Um “Careto” veste um fato franjado com capuz, muito garrido, uma máscara (que pode ser de latão, madeira, cortiça ou escrinho), na mão pode trazer um pau ou uma bexiga de porco cheia de ar e, à cintura ou a tiracolo, traz chocalhos pendurados.

-
7. Enuncia três dos acontecimentos mais importantes das Festas de Inverno no Concelho de Bragança.

A Missa, a Crítica Social e a Ronda ou Peditório.

8. O que é a “Galhofa”? (*Assinala a resposta correcta com um X*)

- Um andor coberto de roscas.

- Uma ronda ou peditório para o Santo Estêvão.

- Uma luta entre os rapazes, onde mostram a sua agilidade.

9. Quais são as figuras principais das Festas de Carnaval, na cidade de Bragança?

A Morte, o Diabo e a Censura.

Bom Trabalho!

Anexo 20 – Questionários para Avaliação das Actividades do PP

Questionário 1

Nome _____

Ano ___ Turma ___ Nº ___ Data ___ / ___ / ___

Este pequeno questionário tem por finalidade conhecer a tua opinião sobre a visita ao Museu Ibérico da Máscara e do Traje, no âmbito de um Projecto Pedagógico que visa reavivar as tradições das “Festas de Inverno com Caretos, no Concelho de Bragança”. A tua opinião é por isso muito importante.

Na escala indicada, de 1 = Muito insatisfeito (detestável ou inútil) até 5 = Muito satisfeito (ótimo ou muito proveitosa) dá a tua opinião, marcando com um X, o caso que te parece mais adequado às perguntas seguintes:

1 = Muito Insatisfeito, 2 = Insatisfeito, 3 = Pouco Satisfeito, 4 = Satisfeito e 5 = Muito Satisfeito.

Satisfação dos Alunos						
Satisfação com...	Grau de Satisfação					Regista aqui as tuas justificações
	1	2	3	4	5	
1 – A actividade						1.1-
2 – A utilidade da actividade						2.1-
3 - Conhecimentos adquiridos com a actividade						3.1-

Obrigada pela colaboração!

Questionário 2

Nome _____

Ano ___ Turma ___ Nº ___ Data ___/___/___

Este pequeno questionário tem por finalidade conhecer a tua opinião sobre as actividades que acabaste de realizar, no âmbito do Projecto Pedagógico, que visam reavivar as tradições das “Festas de Inverno com Caretos, no Concelho de Bragança”. A tua opinião é por isso muito importante.

Na escala indicada, de 1 = Muito insatisfeito (detestável ou inútil) até 5 = Muito satisfeito (ótimo ou muito proveitosa) dá a tua opinião, marcando com um X, o caso que te parece mais adequado às perguntas seguintes:

1 = Muito Insatisfeito, 2 = Insatisfeito, 3 = Pouco Satisfeito, 4 = Satisfeito e 5 = Muito Satisfeito.

A – Satisfação com...	Grau de Satisfação				
	1	2	3	4	5
1 – O desfile de trajes					
2 – A palestra					
3 – A exposição dos trabalhos à comunidade escolar					
B – A utilidade da actividade...	Grau de Satisfação				
	1	2	3	4	5
1 – Desfile de trajes					
2 – Palestra					
3 – Exposição dos trabalhos à comunidade escolar					
C – Os conhecimentos adquiridos com...	Grau de Satisfação				
	1	2	3	4	5
1 – O desfile de trajes (fatos, máscaras e acessórios)					
2 – A palestra					
3 – A exposição dos trabalhos à comunidade escolar					

D – Assinala as actividades do projecto que mais gostaste, marcando-as com um X:	E – Justifica
1 – Visita ao Museu Ibérico da Máscara e do Traje	
2 – Realização dos trajes (fatos, máscaras e acessórios) e dos cartazes	
3– Desfile de trajes	
4 – Palestra	
5 – Exposição dos trabalhos à comunidade escolar	

Obrigada pela colaboração!